



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO

Aline Aguiar Cerqueira dos Santos

DIVERSÕES E CIVILIDADE NA ‘PRINCESA DO SERTÃO’  
(1919-1946) - Feira de Santana

Feira de Santana - BA  
2012

Aline Aguiar Cerqueira dos Santos

DIVERSÕES E CIVILIDADE NA “PRINCESA DO SERTÃO”  
(1919-1946) - Feira de Santana

Dissertação apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado, da Universidade Estadual Feira de Santana, como exigência para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Cesar Nascimento Leite

Feira de Santana – BA

2012

Aline Aguiar Cerqueira dos Santos

## DIVERSÕES E CIVILIDADE NA “PRINCESA DO SERTÃO” (1919-1946) - Feira de Santana

A banca examinadora considera esta dissertação adequada como requisito para conclusão do Curso de Mestrado em História da Universidade Estadual Feira de Santana.

Feira de Santana, 26 de abril de 2012.

---

Prof. Dr. Rinaldo Cesar Nascimento Leite (Orientador)  
Universidade Estadual de Feira de Santana

---

Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira  
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

---

Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Lina Maria Brandão de Aras  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Catalogação-na-Publicação: Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Santos, Aline Aguiar Cerqueira dos  
S233d Diversões e civilidade na “Princesa do Sertão” (1919-  
1946) / Aline Aguiar Cerqueira dos Santos. – Feira de  
Santana - BA, 2012.  
160 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Cesar Nascimento Leite  
Dissertação (Mestrado em História)– Universidade  
Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação  
em História, 2012.

1. Feira de Santana, BA - historia - 1914-1946. 2. Lazer -  
Feira de Santana, BA - Historia - 1914-1946. 3. Recreação -  
Feira de Santana, BA - Historia - 1914-1946. I. Leite, Rinaldo  
Cesar Nascimento. II. Universidade Estadual de Feira de  
Santana. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 981:7(814.22)"1914-1946)

## **AGRADECIMENTOS**

“Brindo a casa, brindo a vida, meus amores, minha família”! É iniciando com um trecho de uma música do RAPPA, que dedico este espaço a brindar pelo final de uma grande jornada, e não há melhor maneira de comemorar isto, do que agradecendo aquelas pessoas que, das mais diversas formas, contribuíram para que este trabalho se concretizasse. A todos citados aqui ou não, sintam-se abraçados na alma e muitíssimo obrigado!

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, essa força interior, que, como uma chama acesa em meu coração, me permitiu enfrentar os desafios dessa grande aventura, chamada de Vida. Obrigado por tudo, pelas coisas que comprehendo e pelas coisas que não comprehendo, pois sei que tudo tem um propósito.

Aos meus familiares que me ajudaram das diversas maneiras, principalmente, por compreenderem a minha ausência, afinal de contas a vida acadêmica nos exige muita dedicação. Agradeço a todos, amo vocês. Em especial, agradeço: a minha mãe Sônia (in memória) sempre te amarei, saudades; ao meu amado Felix, agradeço pelo o apoio, amor e carinho que sempre me dedicou, obrigado por tudo; às minhas queridas avós, Estelita e Noemia, verdadeiras historiadoras da vida; às minhas irmãs de coração, Cristiane, Iolanda e Guiomar, pois existem amigos que extrapolam os sentidos da palavra amizade, e é sempre bom tê-las comigo. Amo vocês.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História que foram colaboradores no desenvolvimento desse trabalho: Eurelino Coelho, Ione Celeste, Elizete da Silva. Aos professores Cristiana Ramos e Clóvis Oliveira, agradeço pelas interlocuções preciosas para temperar o desenvolvimento da dissertação. Em especial, agradeço ao amigo e orientador Rinaldo Leite, obrigado pela paciência e pela atenção dedicada em todos os aspectos desse trabalho, continue sendo essa pessoa legal que você é, meu muito obrigado!

Aos colegas e amigos agradeço por me proporcionarem momentos de aprendizagem e descontração: a Flavinha, Yolanda e Milton pessoas que gosto muito; aos colegas do mestrado Alécio, Flávio, Henrique, Daniela, Miranice, Nayara, Diego, em especial Adriana e Mariana, pessoas divertidíssimas.

A todos vocês obrigado pelas diversas lições, obrigado por tudo, um brinde a vocês e a vida!

## **RESUMO**

Analisar algumas das diversões e formas de sociabilidades em Feira de Santana, no período de 1919 a 1946, em suas relações com os discursos de progresso e da civilidade proposta para cidade, destacando-se, especialmente, o papel desempenhado pelo Cine-Teatro Santana. Assim, destacamos essa casa de espetáculos, por ser este um espaço multifacetado, no qual diversas experiências e práticas sociais, culturais e políticas eram desenvolvidas, nos possibilitando compreender uma faceta do cotidiano feirense. Entre as diversões analisadas temos as filarmônicas, os grêmios lítero-dramáticos, futebol, circos, teatro e cinema. Muitos grupos ligados às diversões citadas anteriormente gravitavam de alguma forma em torno do Cine-Teatro Santana, promovendo espetáculos benéficos em prol de diversas instituições da cidade, estabelecendo uma rede de solidariedade entre as agremiações culturais e instituições assistencialistas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Diversões, Sociabilidades, Civilidade, Cine-Teatro Santana.

## **ABSTRACT**

Analyze some of the amusements and forms of sociability in Feira de Santana, in the period 1919 to 1946 in its relations with the discourses of progress and civility proposal to the city, emphasizing especially the role of Cine-Teatro Santana. Thus, we emphasize this playhouse, because it is a multifunctional space in which diverse experiences and social practices, cultural and policies were developed, enabling us to understand a facet of everyday life feirense. Among the entertainments we have analyzed here: the philharmonic, the literary-dramatic guilds, football, circus, theater and cinema. Many groups linked diversions mentioned above somehow gravitated around the Cine-Teatro Santana, promoting shows in support of various charitable institutions of the city, thereby establishing a network of solidarity between cultural associations and charitable institutions.

KEYWORDS: Fun, Sociabilities, Civility, Cine-Teatro Santana

## **LISTAS DE FIGURAS**

Figura 01.....	29
Figura 02.....	31
Figura 03.....	54
Figura 04.....	59
Figura 05.....	69
Figura 06.....	76
Figura 07.....	82
Figura 08.....	101
Figura 09.....	102
Figura 10.....	109
Figura 11.....	111
Figura 12.....	137
Figura 13.....	140

# SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	04
RESUMO.....	05
ABSTRACT.....	06
INTRODUÇÃO.....	10
<b>CAPÍTULO 1: ENTRE A “PRINCESA DO SERTÃO” E “A CIDADE DO SILÊNCIO E DA MELANCOLIA”: REPRESENTAÇÕES SOBRE FEIRA DE SANTANA</b>	
.....	18
De “Petrópolis Baiana” a “Princesa do Sertão”.....	22
“A cidade do Silêncio e da Melancolia”.....	36
<b>CAPÍTULO 2: ENTRE BAILES, TOCATAS, RECITAIS, ESPETÁCULOS CIRCENSES E PARTIDAS DE FUTEBOL: PANORAMA DAS DIVERSÕES EM FEIRA DE SANTANA.....</b>	48
As Filarmônicas “abrilhantando a Princesa do Sertão”.....	50
Os grupos Lítero-Dramáticos: “refinando os espíritos”.....	71
O Futebol em Feira de Santana.....	79
A Magia Circense na cidade “princesa”.....	90
<b>CAPÍTULO 3: CINE – TEATRO SANTANA: ESPAÇO MULTIFACETADO E AS REDES DE SOLIDARIEDADES NA ESFERA DAS DIVERSÕES.....</b>	97
De Teatro Santana à Cine-Teatro Santana: lugar de sonho e diversão.....	98
E o Espetáculo vai começar: recitais, peças teatrais e outros eventos.....	104
Exibições de filmes as repercussões do cinema em alguns aspectos da vida feirense.....	116
Espaço Multifacetado: relações sociopolíticas, diversões e filantropia.....	128
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	141
<b>FONTES.....</b>	144
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	147

<b>ANEXOS.....</b>	<b>152</b>
--------------------	------------

## INTRODUÇÃO

Entre o final do século XIX e as décadas iniciais do XX, o Brasil passou por um processo de transformações pautado em ideias importadas, principalmente da Europa, em que as concepções de civilidade, modernização, progresso, urbanicidade, eram elementos que compuseram a reconfiguração dos espaços, difundindo novas sociabilidades. As apropriações desses valores convergiram em projetos políticos que se adequavam a realidade de cada região, podendo ser um processo mais intenso ou menos intenso. O fato é que Feira de Santana não ficou a margem desse processo, pegando carona no trem do progresso e da civilidade, empreendendo mudanças urbanísticas de reordenamento das vias públicas, bem como o estabelecimento de normas de conduta amparadas em hábitos mais urbanos e condizentes com a vida moderna.

Para tanto, os grupos dirigentes centraram na representação da cidade como a “Princesa do Sertão”, a expressão do progresso, da civilidade e da modernização, sintetizando o projeto político de destacar a cidade dos demais municípios e, também, da capital baiana. Esse projeto político se desdobrou em várias esferas, na tentativa de não somente de mudar a configuração espacial da urbe, mas principalmente modificar costumes e hábitos ligados à tradição pastoril da cidade. Uma dessas esferas era a das diversões que, estrategicamente, cumpriam o papel de difusores destes ideais.

Dentre os trabalhos sobre Feira de Santana, principalmente no campo historiográfico, pouco se tem explorado as temáticas que discutem as formas de lazer e entretenimento na cidade. Apenas os principais festeiros ganharam atenção dos estudiosos<sup>1</sup>, como a festa de Nossa Senhora de Santana, padroeira da cidade, o Carnaval e a Micareta, deixando de lado todo um conjunto de entretenimento e formas de sociabilidade que mereciam ser analisadas. Assim, encontramos várias formas de lazer que se estabeleceram na cidade, como o futebol, os bailes das filarmônicas, as reuniões dos grupos literários e teatrais, os shows circenses, o cinema e o teatro. Estas diversões estavam ligadas às perspectivas progressistas, que, de alguma forma, contribuíam para firmar o imaginário da cidade como “Princesa do Sertão”. Deste modo, a

---

<sup>1</sup> BATISTA, Silvania Maria. **Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana (1930-1950)**. (Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História). Feira de Santana: UEFS, 1997; TELES, Adriana Silva. **Presença Negra na Festa de Santana (1930-1950)**. (Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História). Feira de Santana: UEFS, 2000; SILVA, Miranice Moreira da. **De Carnaval à Micareta: Feira de Santana para além dos dias de Momo (1930-1939)**. (Monografia de graduação do curso de Licenciatura em História). Feira de Santana: UEFS, 2010.

necessidade de analisar essas diversões e, também, a vida social feirense, explorando os aspectos da discussão da civilidade, foi o que permitiu a escolha de tal temática.

O objetivo central do nosso trabalho foi analisar algumas das diversões e formas de sociabilidades em Feira de Santana, no período de 1919 a 1946, em suas relações com os discursos de progresso e da civilidade proposta para a cidade, destacando-se, especialmente, o papel desempenhado pelo Cine-Teatro Santana. O recorte temporal estabelecido se baseou em dois marcos para as diversões feirenses: inicia-se em 1919, por ser o ano da fusão do Cinema Vitória com o Teatro Santana, e terminando em 1946, ano da inauguração do Cine-Teatro Iris. Nesse sentido, algumas questões nortearam as nossas discussões: Como se apresentava o cenário das diversões em Feira de Santana, mediante a emergência de novas sociabilidades? De que forma alguns divertimentos se relacionavam com as questões da modernização e da civilidade? Quais dinâmicas sociais, políticas e culturais elas produziram? Qual era o papel do Cine-Teatro Santana no lazer na cidade? Que outros fatores contribuíram para acentuar o Cine-Teatro Santana enquanto um espaço de múltiplas sociabilidades e entretenimento? Que outras instituições corroboravam para dinamizar as diversões na cidade? Essas foram questões que nos permitiram entender as relações socioculturais nas práticas de lazer e de entretenimento em Feira de Santana, identificando os perfis dos sujeitos que ofertavam e consumiam essas diversões.

Sabemos que o campo sociocultural feirense é composto por uma diversidade de práticas e sociabilidades de vários grupos, com a riqueza de suas especificidades e carregando os conflitos e as contradições das suas experiências. Porém, queremos deixar evidente que, diante da complexidade de tal universo, não tivemos a pretensão de dar conta de toda essa diversidade, centramos nossa análise nas diversões citadas anteriormente. Mesmo sendo uma seleção de alguns tipos de divertimentos, tentamos não esboçar uma apresentação unilateral destas práticas, e quando foi possível estabelecemos o diálogo com outros aspectos, auxiliando a problematização do cotidiano feirense.

Os caminhos pelos quais percorremos a pesquisa foram vários, nos defrontamos com diversas situações. O pesquisar foi conflituoso, nos confrontando com nossas dúvidas e incertezas, mas também foi enriquecedor, pois estabelecemos uma interlocução com as fontes, com a bibliografia, com a teoria e, também, com as pessoas que colaboraram com a discussão do nosso trabalho. A relação estabelecida entre esses elementos influenciaram na maneira de desenvolver a nossa escrita da História. Segundo Michel de Certeau:

A operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas científicas e de uma escrita. (...) A escrita histórica se constrói em função de instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece a regras próprias que exigem ser articuladas, examinadas por elas mesmas. (...) um lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.<sup>2</sup>

Portanto, o nosso trabalho tem como intuito de promover uma análise e uma interpretação sobre um processo histórico ocorrido em Feira de Santana no período 1919-1946, tomando como base as perspectivas da História Cultural, que percebe nas relações socioculturais não somente um conjunto de saberes e práticas, mas também de representações, que se desdobram no cotidiano das experiências dos diversos sujeitos históricos e, por isto mesmo, a cultura se revela como um campo de conflitos mergulhado em relações de poder e estratégias de sobrevivência.

Foi pensando a noção de cultura como algo mais amplo que partilhamos da visão de Peter Burke, na tentativa de compreender as sociabilidades urbanas tecidas no cotidiano das diversões em Feira de Santana. Para Burke, as interações entre as culturas dos diversos grupos sociais podem ser entendidas como uma “viagem circular” em constante processo, no qual os saberes, as práticas e as representações são socialmente construídos, assinalada por mudanças ou permanências culturais.<sup>3</sup> Assim, na nossa análise da dimensão social da urbe feirense, o conceito de cultura que se desdobra ao longo das discussões dos capítulos, configura-se pelo seu caráter plural, tensionado por conflitos das mais diversas ordens.

Do mesmo modo, os conceitos de representação, prática e apropriação de Roger Chartier nos possibilitaram entender a projeção do imaginário da cidade enquanto “Princesa”. Além disso, a inserção de uma cultura mais urbana projetaram algumas representações sobre o que estava de acordo com as tendências modernas. Por sua vez, estas incidiram em práticas que foram apropriadas ou não pelos diversos grupos. O futebol, esporte que despontou no período como uma prática das elites, foi reapropriado pelos setores menos abastados, que o resignificou. Portanto, os conceitos trazidos de Chartier foram de extrema importância para entendermos como o ideal de civilidade e os seus contrapontos, aparecem explícitos nos conflitos das práticas de lazer.

Os conceitos de Chartier serviram também para a análise de algumas fontes, pois os jornais, em especial o *Folha do Norte*, era um dos maiores propagandistas da imagem da cidade feirense como “moderna, culta e civilizada”. Assim, para Chartier as representações

---

<sup>2</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 66 – 67.

<sup>3</sup> BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

do mundo social estão associadas aos interesses de determinados grupos, que ao tentarem legitimar suas práticas promovem embates.<sup>4</sup> Desse modo, os jornais, ao veicularem uma determinada visão da cidade, contribuíam para que esta imagem fosse se consolidando e ao publicarem discussões sobre o comportamento de seus habitantes, no nosso caso em relações às diversões, estabeleciaam parâmetros daquilo que estaria de acordo com a “Feira civilizada” ou das condutas que deveriam ser suprimidas.

Essas representações sobre a urbe, essa idealização de um espaço, assim como dos seus habitantes, nos fizeram perceber a cidade como um problema, como um “objeto de múltiplos discursos e olhares”. Como afirma Sandra Pesavento:

Essa postura, que coloca a história cultural do urbano na ordem do dia, pressupõe o que se chamaria de “metaforização do social”. Ou seja, as representações da cidade tendem a assumir uma forma metafórica de expressão, com apelo a palavras e coisas que, associadas ao conceito de cidade, lhe atribuem um outro sentido. (...) O urbano se impõem para o historiador da cultura nos dias de hoje como um domínio estimulante. A cidade não é simplesmente, um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas, como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento.<sup>5</sup>

Partindo desse ponto de vista, tentamos compreender de Feira de Santana como um problema, como um objeto de estudo, no qual as representações feitas sobre a mesma acabavam por refletir nas sociabilidades de seus moradores. O conflito entre essas representações e, também, das suas práticas, na urbe e, vão se concentrar nas contradições entre os aspectos rurais e urbanos. Isto, por sua vez estabeleceu uma disputa pela memória da cidade: uma que reivindicava as tradições de um passado pastoril, onde a “civilização do couro” se sagrava na figura do vaqueiro e dos senhores de fazenda, tendo com pressupostos a honra e a virilidade; e, a outra, que queria substituir os elementos rurais por uma perspectiva da Feira de Santana progressista, civilizada, pautados em códigos urbanos, modernos e burgueses.<sup>6</sup>

Ao analisarmos o cotidiano de lazer na urbe feirense, especialmente algumas práticas, percebemos que a necessidade de uma distinção social entre as elites era muito evidente. Do mesmo modo, parte dessas elites, comprometidas com a perspectiva do progresso, difundia maneiras de ser e estar na cidade. Acontece que essas maneiras, muitas vezes, não eram bem aceitas, tanto por outras frações das elites, nem pelos setores menos abastados, ou quando

<sup>4</sup> CHARTIER, ROGER. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988, p.7.

<sup>5</sup> PESAVENTO, Sandra J. **O Imaginário da cidade – visões literárias do urbano – Paris – Rio de Janeiro – Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 9 – 10.

<sup>6</sup> SIMÕES, Kleber José Fonseca. **Os Homens da Princesa do Sertão: Modernidade e identidade Masculina em Feira de Santana (1918-1938)**. (Dissertação de Mestrado em História). Salvador: UFBa, 2007.

estes comportamentos eram apropriados, eram resignificados dentro da visão de mundo de cada grupo. Nos apropriamos, então, das discussões realizadas por Michel de Certeau, para entendermos os conflitos que se acentuavam na malha cotidiana, pois “a cultura articula conflitos e volta e meia legitima, desloca ou controla a razão do mais forte, ela se desenvolve no elemento de tensões”, por sua vez, os mais fracos criam táticas de consumo para politizarem suas práticas cotidianas.<sup>7</sup>

Para finalizar essas pontuações sobre os aspectos teóricos, destacamos o conceito de capital simbólico de Pierre Bourdieu. Este conceito nos serviu para compreensão das redes de solidariedades que contribuíram para que alguns grupos da sociedade feirense ampliassem seu campo de atuação política e social, fortalecendo não somente as instituições que representavam como a si próprios. Temos as filarmônicas, os grêmios lítero-dramáticos, o Cine-Teatro Santana e as instituições assistencialistas estabelecendo relações de representação política e de poder na urbe feirense.<sup>8</sup>

No corpo documental utilizamos jornais, livros de atas das filarmônicas, o Código de Postura de 1937, reclames, iconografias, memorialistas, poesias e depoimentos orais. Analisar essa documentação foi um desafio, haja vista que cada uma necessitou de um aparato metodológico específico. Porém, todo trabalho desenvolvido com elas seguiu o rigor e a problematização inerentes ao trabalho acadêmico. Os resultados desse trabalho não se esgotam nas discussões por nós propostas, pois é uma interpretação sobre uma realidade da história feirense. Estas fontes nos permitiu ter um dimensionamento da complexidade das sociabilidades ocorridas no cotidiano da cidade, revelando as relações conflitivas na sociedade feirense que vivenciava as contradições entre os velhos hábitos e os comportamentos mais urbanos, tidos como civilizados.

Através dos jornais foi possível perceber o panorama das diversões em Feira, porém o comprometimento destes veículos em divulgar uma representação da urbe como progressista e civilizada deixou algumas lacunas, que precisaram ser percebidas em outras documentações. Então, as fotografias, os reclames do Cine-Teatro Santana, os memorialistas e os depoimentos orais foram fundamentais para avançar, quando os jornais nos limitavam.

As fotografias não foram meras ilustrações, elas nos mostraram, por exemplo, a distribuição das acomodações no Cine-Teatro Santana, a disposição espacial das cadeiras, bem como as divisórias, nos dando uma noção das distinções sociais nessa casa de espetáculos.

---

<sup>7</sup> CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994, p. 45.

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

Sobre o uso da fotografia como fonte, Boris Kossoy afirma que elas nos possibilitam uma recuperação de informações acerca de aspectos diferentes da época que se pesquisa, posto que as imagens são:

Importantes para os estudos específicos nas áreas da arquitetura, antropologia, etnologia, arqueologia, história social e demais ramos do saber, pois representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural.<sup>9</sup>

As fotografias nos revelam, portanto, o contexto de uma época, a disposição espacial da cidade, a arquitetura, as vestimentas, o tipo de propaganda utilizado, enfim elementos que enriqueceram a nossa compreensão das práticas de lazer e divertimentos aqui citadas.

Os memorialistas também possibilitaram trazer detalhes sobre as filarmônicas, sobre a prática do futebol, sobre os grupos dramáticos, nos informando sobre os conflitos, os perfis social desses grupos, etc.. Porém, Astor Diehl, alerta que:

“o ato de rememorar produz sentido e significação através da ressubjetivação do sujeito e a repoetização do passado, produzindo uma nova estética do passado. Podendo sofrer uma corrosão temporal, posto que, quanto mais distante da época, do fato ao qual se refere maior é o desgaste temporal sofrido no processo de rememoração.”<sup>10</sup>

Isto não descredibiliza o uso da memória como fonte histórica, mas requer, como falamos antes, uma metodologia específica, que problematize determinados aspectos do ato de rememorar, por isso devemos atentar para a contextualização do objeto da memória, a forma da narrativa, os silenciamentos e as escolhas de priorizar tais aspectos, ou seja, devemos atentar para as relações de poder e subjetividades que permeiam a construção dessa escrita, que diz respeito ao lugar social que este sujeito se insere.

As fontes orais passam por processo semelhante, pois os depoentes nas entrevistas rememoram suas experiências do passado, mas o contato do historiador diretamente com esse depoimento oral lhe permite perceber as emoções e os silêncios, que o entrevistado transmite ao se reportar a determinados fatos. A documentação oral é uma fonte produzida em conjunto, o historiador e o seu entrevistado, e o processo de desenvolvimento dessa produção foi desafiador: a construção de um roteiro para entrevista, a busca por depoentes, a realização das entrevistas, as transcrições e, por fim, as análises.<sup>11</sup> Optamos por usar pseudônimos para os nossos entrevistados, pelo fato da nossa pesquisa está submetida ao Comitê de Ética, na qual

<sup>9</sup> KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora ática, p.36.

<sup>10</sup> DIEHL, Astor A. **A Cultura Historiográfica: Memória, Identidade e Representação**. Bauru: EDUSC, 2002, p.114 e118.

<sup>11</sup> THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

uma de suas solicitações é manter o sigilo sobre os entrevistados, porém temos plena consciência de que na área de História essas questões quanto à identificação dos depoentes tem suas especificidades, que não correspondem, necessariamente, ao perfil exigido na área das Ciências Naturais. O nosso trabalho não tem como fonte principal os depoimentos orais, no entanto ressaltamos o valor das entrevistas aqui utilizadas, posto que nos deram contribuições importantíssimas.

De um modo geral, o cruzamento dos vários tipos de fontes, bem com a problematizações das mesmas, apoiados na discussão teórica e bibliográfica, nos permitiu empreender a seguinte dissertação: *DIVERSÕES E CIVILIDADE NA “PRINCESA DO SERTÃO”*- Feira de Santana (1919-1946).

No primeiro capítulo, intitulado de *Entre a “Princesa do Sertão e “a Cidade do Silêncio e da Melancolia”*, centramos a discussão nas questões sobre as ideias de progresso e civilidade pensados para a cidade de Feira de Santana, analisando as representações que foram construídas sobre a mesma, e a relação que estes aspectos têm com algumas formas de diversão e sociabilidades relacionadas nesse trabalho. Entre essas representações destacamos a cidade feirense representada como um lugar ideal: a “Petrópolis Baiana”, uma urbe “de natureza sã”; a imagem como a “Princesa do Sertão”, representação associada a ideia de progresso e desenvolvimento da cidade; a Feira “do Silêncio e da Melancolia”, representação que, de certa forma, entre em embate como a representação da urbe como princesa. Salientamos que, pelo fato desse capítulo de uma certa forma ser uma revisão bibliográfica acerca de algumas perspectivas sobre a urbe feirense e também de contextualização da mesma, a discussão realizada ficou condensada num menor número de páginas.

No segundo capítulo, *Entre bailes, tocatas, recitais, espetáculos circenses e partidas de futebol: panorama das diversões em Feira de Santana*, caminhamos no sentido de traçar um cenário dos divertimentos em Feira de Santana a partir de 1919, destacando algumas práticas socioculturais realizadas o ano todo, se relacionando ou não com o calendário festivo da urbe feirense, que de alguma forma foram perpassados pela discussão da modernidade e da civilidade. Assim nossa análise se debruçou sobre as filarmônicas, os grupos literários e dramáticos, os circos, o futebol, e, sobretudo, o Cine-Teatro Santana.

No terceiro e último capítulo, *Cine-Teatro Santana: espaço multifacetado e as redes de solidariedades na esfera das diversões*, analisamos o papel do Cine-Teatro Santana em articulação com outras instituições, tanto para promoção de divertimento na cidade, bem como nas articulações políticas, ligadas com os ideais de modernização pensados pelas elites

locais. Compreendendo esta instituição de entretenimento enquanto um lugar multifacetado, que centraliza múltiplas dimensões (social, cultural, político, econômico) em seu recinto e, por isso mesmo, envolveu-se nas relações de poder da sociedade feirense.

Portanto, é com os aspectos apresentados de uma forma geral, que este trabalho se propôs a construir uma interpretação sobre como foi o cotidiano das diversões em Feira de Santana entre (1919-1946), destacando a importância do Cine-Teatro Santana, para entender a introdução de sociabilidades mais urbanas, mediante as transformações ocorridas no Brasil nas décadas iniciais do período republicano.

## CAPÍTULO 1 - ENTRE A “PRINCESA DO SERTÃO” E “A CIDADE DO SILÊNCIO E DA MELANCOLIA”: REPRESENTAÇÕES SOBRE FEIRA DE SANTANA

As mudanças que se processaram na sociedade brasileira a partir dos finais do século XIX, mas precisamente nas décadas iniciais do XX, fizeram com que as elites letreadas desejassem consumir modos de vida europeus, impondo uma remodelação da conduta social dos indivíduos, bem como uma reconfiguração das cidades, com base em políticas higienistas, modernizadoras, urbanísticas. Tais propostas proporcionaram um aburguesamento de alguns setores da sociedade brasileira em contraposição aos modos de vida populares.<sup>1</sup> Um exemplo marcante desse processo foi o ocorrido no Rio de Janeiro, empreendido pelo prefeito Pereira Passos (1902-1906), “o nosso Haussman Tropical”<sup>2</sup>, como afirma Maria Clementina Cunha, que promoveu uma remodelação urbana radical, principalmente realizando demolições de prédios considerados arcaicos, para dar lugar a uma nova concepção de cidade que se alinhava com os moldes europeus. Essa política de modernização, no Brasil, não se restringiu apenas às capitais, mas se estendeu a outras cidades, as quais passaram por um processo de reconfiguração do espaço físico, controle sobre a população e a tentativa de segregação das camadas populares. Sobre isto Rinaldo Leite afirma que:

Embora as cidades brasileiras estivessem inseridas nesta experiência, é preciso que se diga que cada qual vivenciou a modernidade que lhe fora possível. A intensidade e os limites da modernização dependiam das especificidades, das condições econômicas, sociais, políticas, culturais e outras, dos locais onde ela se dava.<sup>3</sup>

Ou seja, não era um processo homogêneo; apesar dessas ações políticas se aportarem em aspectos comuns da higiene, da moralidade, da ordem e do progresso, as apropriações feitas pelos dirigentes de cada cidade ganharam sentidos próprios. Foi o que ocorreu com a urbe feirense, que teve esses pressupostos incorporados à representação da cidade enquanto a “Princesa do Sertão”.

---

<sup>1</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>2</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. “Você me conhece?” Significados do carnaval na Belle Époque carioca. In: **Projeto de História.** São Paulo: Editora da PUC-SP, nº 13, p. 93-108/ junho/96.

<sup>3</sup> LEITE, Rinaldo C. N. **E a Bahia Civiliza-se ... Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de Modernização Urbana – Salvador (1912-1916).** Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1996, p.14.

Em Feira de Santana essas pretensões de modernização surgem neste mesmo período, sendo que “as intervenções e melhoramentos se intensificaram nas primeiras décadas do século XX”<sup>4</sup>. Com o crescimento da atividade comercial e o aumento da população, um projeto de modernização da cidade foi idealizado pelas elites locais, elites essas que eram formadas por membros da imprensa feirense, profissionais liberais (médicos, advogados, engenheiros, farmacêuticos, professores), comerciantes, funcionários públicos, além de fazendeiros e coronéis. Utilizamos a palavra elite no plural por entendermos que estes elementos da sociedade feirense eram formados por grupos heterogêneos, e tomamos a definição de Rinaldo Leite sobre o termo elite, afirmando que este “possui uma noção bastante alargada (...), englobando os segmentos dominantes em termos político, social e econômico.”<sup>5</sup> Assim, por tal diversidade nessa elite verificamos tensões e conflitos diante do projeto de desenvolvimento de Feira de Santana. Conforme Kleber Simões, essas tensões aconteciam “devido à ascensão de uma nova elite ligada ao comércio, que desejosos de incluir-se nos liames do capitalismo”, e construindo um novo perfil identitário relacionado ao homem moderno, se contrapunham de certa forma, aos elementos agrários tradicionais da sociedade feirense, que tinham nas figuras do vaqueiro e do senhor de fazendas referências de identidades, tidas ultrapassadas no contexto de modernização da cidade.<sup>6</sup>

Este projeto referia-se, por um lado às obras de infraestrutura, com ampliação das ruas e criação de avenidas, embelezamento da cidade, expansão da iluminação pública e construção das estradas de rodagem, disciplinarização da feira livre e da feira do gado, com a criação dos Currais Modelo. Além disso, outro aspecto era a imposição para a população de novos hábitos ligados a práticas citadinas, que se dissociavam da identidade de cidade sertaneja, apontando a necessidade de civilizar a população, discipliná-la, incorporando novos comportamentos, já que seus costumes eram tidos como “arcaicos”, sendo incompatíveis com o ideário de uma cidade representada como uma princesa.

Os conflitos gerados por essas aspirações de civilizar e modernizar a cidade explicitavam contradições entre modos de vidas urbanos e rurais, contradições que não estavam apenas na oposição entre as elites feirenses e as camadas populares, mas também

<sup>4</sup> SANTOS, Cátia Maria Ferreira dos. **Visões de uma cidade: Imagens Urbanas de Feira de Santana (1929-1940)**. Feira de Santana: UEFS, 2004, p. 7.

<sup>5</sup> LEITE, Rinaldo César Nascimento. **A Rainha Destronada: Discurso das Elites sobre as Grandezas e Infortúnios da Bahia nas Primeiras Décadas Republicanas**. São Paulo: PUC, 2005, p. 14.

<sup>6</sup> SIMÕES, Kleber José Fonseca. **Os Homens da Princesa do Sertão: Modernidade e identidade Masculina em Feira de Santana (1918-1938)**. (Dissertação de Mestrado em História). Salvador: UFBa, 2007.

entre essas mesmas elites. Neste sentido, as diversas formas de sociabilidades observadas na cidade vão se alterando como parte dos conflitos que se demarcam nas teias do cotidiano. Os campos culturais e sociais se configuraram como um espaço de choques e disputas, e as práticas de lazer e interações sociais na cidade são uma mostra de como essas contradições se manifestavam. Assim algumas formas de diversão foram também práticas portadoras desse ideal de civilidade e progresso. Logo, serviram como mecanismos de difusão de costumes mais urbanos, contribuindo para que outras imagens da cidade fossem percebidas.

A cidade feirense foi e é o local onde acontecem diversas formas de sociabilidade, entre elas as diversões. Nas suas artérias urbanas, em suas praças e coretos ocorreram desfiles musicais das filarmônicas, os circos, os jogos de futebol, as festas de sábado de Aleluia realizadas pelos cordões carnavalescos da cidade, a Festa de Nossa Senhora de Santana, o Bando Anunciador, o Carnaval e a Micareta. Nas sedes de suas instituições, conferências, saraus, recitais, bailes dançantes; no teatro, espetáculos diversos; e no cinema, a imagem em movimento “que faz sonhar”<sup>7</sup>. Os desdobramentos desse processo de perspectivas progressistas se estenderam para esse emaranhado de diversões cotidianas. Deste modo, este capítulo tem por objetivos discutir as questões sobre as ideias de progresso e civilidade pensados para a cidade de Feira de Santana, analisando as representações que foram construídas sobre esta urbe e a relação que estes aspectos tiveram com algumas formas de diversão e sociabilidades relacionadas nesse trabalho.

De acordo com Sandra Pesavento “a cidade deve ser pensada como um problema, um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que se produzem e que se objetivam em práticas sociais.”<sup>8</sup> Assim, partimos de uma perspectiva da história cultural do urbano, analisando algumas representações produzidas sobre a cidade, problematizando a questão dos interesses políticos relacionados com essas idealizações, bem como as contradições vivenciadas entre uma cidade que estava na encruzilhada do rural e do urbano. Para esta análise os conceitos de práticas, representações e apropriações de Roger Chartier são fundamentais para problematizarmos essas visões sobre a urbe feirense, haja vista que ele identifica as representações do mundo social e como estas se encontram intimamente ligadas aos interesses de determinados grupos. Dessa forma, segundo Chartier:

---

<sup>7</sup> Alusão ao poema *Cinema* de Erico Alves Boaventura Ver sobre isto em: OLIVIERI-GODET, Rita (org.). **A poesia de Eurico Alves: imagens da cidade e do sertão**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 199, p.153.

<sup>8</sup> PESAVENTO, Sandra J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**, vol. 27 n. 53/ JULHO DE 2007, p.13.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou justificar, para os indivíduos, as suas escolhas e condutas.<sup>9</sup>

Logo, cada grupo elabora seus discursos, seus significados, suas imagens da cidade conforme seus interesses, isto gera um embate entre os mesmos, uma disputa de representações, tentando legitimar determinadas práticas. Entre essas representações destacamos duas, em que a cidade feirense é concebida como um lugar ideal: a Petrópolis Baiana e a Princesa do Sertão. Na primeira, a representação da urbe era como um lugar ideal para se curar de doenças, ou para “passar as férias, já que seus ares supostamente faziam bem à saúde”<sup>10</sup>. A segunda representação atribuía à cidade de Feira de Santana as características de potencialidades comerciais, os aspectos de civilidade e progresso, que vão compor os discursos da elite, como um projeto político que tentou de tornar Feira uma cidade Princesa<sup>11</sup> de vocação comercial. Deste modo, analisaremos como esses ideais eram difundidos, bem como as implicações desse imaginário da urbe como uma Princesa, causou tensões e conflitos nos diversos âmbitos sociais.

Outra representação escolhida para ser discutida se refere à cidade vista através de “olhares líricos”, como afirma Cátia dos Santos. Nesse caso, privilegiam-se algumas representações de poetas e memorialistas que expressam um imaginário social sobre Feira de Santana carregado de saudosismo, em que a mesma é tida como pacata, silenciosa, diferente da urbe que começa a sofrer as intervenções do “progresso”.

Destacamos o uso das produções do poeta e cronista Eurico Boaventura que, no início da década de 1930, representou Feira como sendo “a cidade do silêncio e da melancolia”; além de outros como Alberto Boaventura e Godofredo Filho, que também teceram um imaginário romântico e saudoso sobre a mesma. Recorro novamente a Pesavento, quando esta afirma que a urbe “é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano, pela expressão de utopias (...) individuais e coletivas que esse habitar

<sup>9</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988, p.17.

<sup>10</sup> SILVA, Aldo José M. **Natureza Sã, Civilidade e Comércio em Feira de Santana – Elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia 1833-1937**. (dissertação de mestrado). Salvador: UFBA, 2000.

<sup>11</sup> Essa representação da cidade de Feira de Santana como a “Princesa do Sertão”, foi uma ideia tão difundida na cidade, que ela foi a partir de então, repropriada aos diversos contextos históricos da cidade, pelas classes dirigentes como sinônimos de progresso e modernização, um exemplo disso, que o atual *slong* da prefeitura é *Feira uma cidade princesa*.

propicia.”<sup>12</sup> Isto significar dizer que a cidade não somente é vivenciada, representada ou lida como um texto, mas que ela pode ser sentida através das experiências dos sujeitos que estabelecem contato com a mesma. Foi isso o que se esboçou nas produções desses autores. Vejamos como essas representações sobre a cidade se apresentam: uma que idealiza a Feira Princesa e a outra que a enxerga como a Feira do Silêncio e da Melancolia.

### **De “Petrópolis Baiana” a “Princesa do Sertão”**

Conforme Aldo Silva, uma representação de cidade de “natureza sã” já estava presente nos discursos veiculados pela imprensa desde os fins do século XIX. Estes discursos eram pautados na ordem médica, de higienização dos corpos e, principalmente, dos espaços físicos, identificando a cidade como um lugar salubre, livre de miasmas, que tinha nas suas características climáticas fatores que proporcionavam a cura e o restabelecimento de doentes. Associado ao ideal de “natureza sã” firmou-se a difusão da imagem da Feira de Santana como a “Petrópolis Baiana”. Para Silva, essa imagem de Petrópolis Baiana, que apresentava a urbe como acolhedora, além de um lugar saudável e seguro, teria favorecido as atividades comerciais da cidade.<sup>13</sup>

Ainda de acordo com esse autor, embora a perspectiva de se pensar Feira de Santana como um lugar de clima especial tenha persistindo, ocorreu um abandono dessa representação, para uma ideia que se associava “a uma visão da cidade como espaço civilizado e progressista, cuja expressão mais concreta seria a maximização de suas potencialidades comerciais.”<sup>14</sup> Segundo Silva, isso se processou da seguinte forma:

Em Feira de Santana, a exemplo do que ocorria nos principais centros do país, a virada do século e o advento do novo sistema republicano levam a sociedade feirense a se engajar na busca por um novo ideal de civilidade. Curiosamente, porém, o desenvolvimento de tal ideia, na cidade, implica em sua progressiva sobreposição à percepção da salubridade especial da terra, como era entendida até então. Com efeito, na medida em que se difundem as ideias acerca da

---

<sup>12</sup> PESAVENTO, Sandra J. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**. Vol.27. N° 53/ julho de 2007, p.14.

<sup>13</sup> SILVA, Aldo José M. **Natureza Sã, Civilidade e Comércio em Feira de Santana – Elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia 1833-1937.** (dissertação de mestrado). Salvador: UFBA, 2000.

<sup>14</sup> Idem, ibidem, p.8.

inxorabilidade do progresso e do papel da ciéncia para a melhoria da vida e crescimento da sociedade, altera-se o discurso sobre a natureza da cidade. Esta natureza deixa de ser o elemento de referéncia para uma caracterização e identificação local. Expressões como cidade *sanatorium* ou Petrópolis baiana perdem espaço, cedendo lugar a ideia da sociedade civilizada.<sup>15</sup>

No inicio da década de 1930, encontramos notícias nos jornais que ainda se referem à urbe como a Petrópolis Baiana, mas a representação que se sobrepõe é a imagem da “Princesa do Sertão”. Vejamos uma matéria veiculada pelo jornal *Folha da Feira*<sup>16</sup>, em 19 de junho de 1933, uma compilação feita de um periódico da cidade de Teixeira de Freitas, o jornal *A Ordem*, que havia feito uma edição especial sobre de Feira de Santana, publicada em 02 de junho de 1933. Primeiro, o trecho em que a matéria identifica a representação da Feira como de “natureza sã”, característica relacionada com a ideia de Petrópolis Baiana:

**Município de Feira de Santana**

**Seu progresso assinalável através de zelosas administrações, que trabalham pelo engrandecimento da linda – Petrópolis Baiana.**

(...) A cidade está edificada em portentosa planície numa altitude 245 metros acima do nível do mar. Por essa situação altimétrica a linda cidade possui um clima agradabilíssimo: quente no verão, frio e seco no inverno. É cognominada de “Petrópolis Baiana” pela amenidade invejável do seu clima.<sup>17</sup>

Assim, percebemos que ideia de cidade de clima especial continuava permeando a imagem que se tinha de Feira de Santana, sendo que na continuidade do artigo a representação da urbe enquanto um lugar do progresso tornou-se um aspecto muito mais ressaltado.

O Município de Feira de Santana é dentre os municípios do Estado da Bahia, um dos maiores, mais ricos e populosos. (...) A sua sede, a belíssima e atraente cidade de Feira de Santana, é uma das mais bem ajardinadas e das mais bem asseadas cidades da Bahia. (...) As suas casas são elegantes e numerosas, e distintos palacetes ornam as suas ruas e avenidas, dando-lhe aparição de uma pequena Capital. (...) Todas suas ruas são longas, e as casas, apresentam aspectos empolgantes. As suas ruas, avenidas e praças fartamente iluminadas com luz elétrica. (...) A bela e plana “Princesa dos Sertões” (...) os feirenses constroem suas residências, obedecendo às linhas mais modernas de construção.<sup>18</sup>

Toda exposição da matéria apresenta a cidade dotada de traçados perfeitos, que segue as tendências do urbanismo vigente nesse período, com “construções modernas”, vias

<sup>15</sup>SILVA, Aldo José M. **Natureza Sã, Civilidade e Comércio em Feira de Santana – Elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia 1833-1937.** (dissertação de mestrado). Salvador: UFBa, 2000, p.151.

<sup>16</sup> O Jornal *Folha da Feira* é como o mesmo se define em sua diagramação “um semanário noticioso e independente, fundado em 22 de setembro de 1928”, por Martiniano Carneiro.

<sup>17</sup> FOLHA DA FEIRA. **Município de Feira de Santana.** Feira de Santana, 19 de junho de 1933, p. 1.

<sup>18</sup> Idem.

“alargadas”, “ruas, avenidas e praças fartamente iluminadas com luz elétrica”, “cidade ajardinada e arborizada”. Enfim, definiu-se vários elementos que a caracterizou como uma “Princesa do Sertão”, que estava na vanguarda do progresso, à frente de outros municípios. Um exemplo disso foi quando o articulista afirmou que a cidade chegava a ter uma aparência de uma pequena capital, haja vista os sinais do “progresso” que ela apresentava.

Tal descrição da urbe acontece também, em comparação a outras cidades, posto que foi lhe dado vários atributos identificando-a com ares de “capital”, o que a colocava em situação de destaque em relação aos outros municípios do interior baiano. Isto pode estar ligado à questão do seu desenvolvimento comercial, principalmente em relação à feira do gado, colocando-se como uma das grandes economias do interior do Estado, ao lado dos municípios da produção cacauiera, como Itabuna e Ilhéus.<sup>19</sup> Porém, esse olhar de fora, que também é idealizado, às vezes carrega na tinta na hora de enaltecer suas virtudes progressistas, homogeneizando a cidade real. É o que se verifica ao ressaltar à questão da luz elétrica na matéria anterior, afirmando que o sistema de iluminação pública era amplo, atingindo as principais artérias da cidade. No entanto, este mesmo *Folha da Feira* veicula uma notícia com queixas sobre o sistema de iluminação da urbe:

#### **Por que a prefeitura não manda colocar ali algumas lâmpadas?**

A Rua Visconde do Rio Branco é uma das artérias principais da urbe, alargada e beneficiada pela administração do cel. João Mendes da Costa, cuja iniciativa surgiu de um apelo deste periódico, quase ao terminar do seu governo. No percurso de uma centena de metros, beneficiados, à noite, é perigoso e arriscado o trânsito público, devido à falta de iluminação. O trecho compreendido entre a parte posterior da prefeitura e a entrada da Travessa Guarany está a exigir a colocação de alguns postes com lâmpadas de energia elétrica. A falta impõe reparo, sem delongas quer por dispensar de pequena soma, sem sacrifício à administração municipal quer por atingir a uma importante via pública, de digna de apreço, onde estão situados o Quartel, e a Prefeitura, etc.<sup>20</sup>

Percebemos, portanto, que a oferta do serviço não era tão ampla assim, visto que uma rua importante de Feira de Santana, nas imediações da Prefeitura e do Quartel, ainda não era totalmente iluminada. A política de embelezamento da cidade e as obras públicas referentes à urbanização eram ações que na sua maioria se restringiam à sede do município, sendo que os distritos quase não eram contemplados com essas ações. Sobre isto, Cátia Maria dos Santos argumentou que havia um contraste entre a sede e os distritos: o primeiro se esforçava para adotar um estilo de vida urbano; e os distritos se identificavam com um estilo de vida mais

<sup>19</sup>De acordo com Aldo Silva em 1923, Feira de Santana era a terceira maior economia do interior do estado, ficando atrás de Ilhéus e Itabuna. SILVA, Aldo José M. De Terra sã o berço da micareta: estratégias constitutivas da identidade social em Feira de Santana. Revista de História Regional. 13 (2) 104 – 133: Inverno, 2008, p. 105.

<sup>20</sup> FOLHA DA FEIRA. **Rua Sem Luz.** Feira de Santana, 09 de outubro de 1933, p. 3.

rural.<sup>21</sup> Conforme Ana Maria Oliveira, a imagem de cidade sertaneja, atrelada à figura do vaqueiro não condizia com a nova condição de Feira de Santana que almejava feições progressistas. Na sua leitura:

Desde a década de 1920, havia uma insistente preocupação das autoridades locais em realizar o deslocamento da representação da Feira de Santana enquanto uma cidade de bases rurais, para defini-la como uma urbe dotada de um influente comércio de uma estrutura citadina adequada.<sup>22</sup>

As elites locais estabeleceram como ideal os aspectos do progresso e da civilidade, ancorados na representação da cidade como a “Princesa do Sertão”. Deste modo, não poderia ser representada com elementos ou símbolos de incivilidade e atraso, características que eram atribuídos pela imprensa ao modo de vida rural. Essa representação surgiu do episódio da visita de Rui Barbosa à Feira de Santana, em dezembro de 1919, quando realizou uma conferência no Cine-Teatro Santana, tendo como tema principal a política na Bahia e no Brasil. Todavia, foi a introdução do seu discurso que acabou perdurando no imaginário local, ao declarar que “de Vila Nova da Rainha à Feira de Santana, da antiga corte sertaneja tornava-se a bela Princesa do Sertão”<sup>23</sup>. Raimundo Gama afirma, contudo, que tal intitulação, para alguns, teria sido criada por um jornalista da cidade, mas o fato é que essa representação foipropriada pelas elites locais na articulação de discursos e ações tidas como modernas. Na perspectiva de Clóvis Oliveira, o sentido de ser “Princesa” se relacionava com a condição da urbe em

Assumir o posto de cidade mais importante do interior do Estado, (...) nos quais os projetos de civilização estavam diretamente articulados à de uma memória que transformasse Feira de Santana em urbe, exercendo uma liderança na região em que estava inserida.<sup>24</sup>

Nessa perspectiva, havia necessidade de, cada vez mais, ordenar os seus diversos espaços, bem como disciplinar os comportamentos dos habitantes. Então, “considerando que o Código Municipal em vigor, datado de 1893, não satisfazia as necessidades reclamadas pelo progresso da cidade (...) é imperiosa a necessidade de se outorgar à cidade de Feira, um Código

<sup>21</sup> SANTOS, Cátia Maria Ferreira dos. *Visões de uma Cidade: Imagens Urbanas de Feira de Santana (1929-1940)*. (monografia de especialização em História da Bahia). Feira de Santana: UEFS, 2004, p. 35.

<sup>22</sup> OLIVEIRA, Ana Maria C. dos S. *Feira de Santana em Tempos de Modernidade: Olhares, Imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008, p. 45 e 46.

<sup>23</sup> GAMA, Raimundo. *Feira de Santana e Ruy Barbosa*. Feira de Santana: S. Ed., 2002, p. 51.

<sup>24</sup> OLIVEIRA, Clóvis F. R. Moraes. *De Empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*. (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA, 2000, P. 9.

compatível com as exigências do seu progresso”<sup>25</sup>. Consequentemente, esse código se referia às diversas facetas da vida citadina, regulando aspectos que iam desde as questões urbanísticas até a normatização dos modos de ser e estar nesta cidade. Ao se referir a este Código de Postura de 1937, Eronize Souza afirma que:

Estava claro para os administradores que os habitantes da cidade deveriam ser ‘incentivados’ a ter uma vida ‘civilizada’, cabendo aos responsáveis pela administração pública mostrar e normatizar os novos direitos e deveres dos munícipes. (...) A institucionalização das Posturas Municipais de 1937 constitui um dos sinais mais fortes de evidência da adesão do poder público aos reclames do projeto de modernização e embelezamento da cidade empreendido desde os primeiros anos da década de 1930.<sup>26</sup>

O Código de Postura é um documento que explicita, as pretensões das autoridades em relação ao cotidiano da cidade, que deveria ser ordenado conforme as normatizações contidas nas posturas, posto que as diversas práticas desenvolvidas no espaço público deveriam seguir regras, como a feira livre e a feira do gado; e também as diversões; à exemplo dos espetáculos e as diversas festividades.

Outra aliada nesse processo de consolidação da imagem da urbe feirense como “Princesa do Sertão” foi a impressa. Esta, como formadora de opinião, explicitava em suas notícias discursos em defesa da Feira de Santana como um lugar que estava na trilha do progresso, daí os assuntos que se referiam ao espaço público, ao comportamento dos habitantes e às questões de civilidades serem projetados em suas páginas.

Dentre os principais órgãos da imprensa feirense, encontra-se o jornal *Folha do Norte*, que foi criado em 17 de setembro de 1909, por Tito Ruy Bacelar. Com a morte deste, que não havia deixado herdeiros, sua viúva transferiu para os irmãos Silva a posse do jornal, já que estes trabalharam neste periódico desde a sua fundação. Assim, “logo após a regularização documental, a firma foi registrada com a denominação de “Silva e Irmãos”, e publicada uma nota no jornal informando ao público a nova razão social.”<sup>27</sup> Arnold, Dálvaro e Raul Ferreira da Silva ocuparam as funções de diretores e redatores, alternando-se nessas funções.

Clóvis Oliveira ao se referir a imprensa feirense nas primeiras décadas do século XX, particularmente em relação ao *Folha do Norte*, argumenta que:

<sup>25</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA. **Código de Posturas do Município**. Decreto – Lei Nº. 01 de 29 de dezembro de 1937, p. 3 e 4.

<sup>26</sup> SOUZA, Eronize Lima. **Prosas da Valentia: Violência e Modernidade na Princesa do Sertão (1930-1950)**. (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBa, 2008, p.36.

<sup>27</sup> FOLHA DO NORTE. **Edição Comemorativa dos 100 anos do Folha do Norte**. Feira de Santana, 20 de setembro de 2009, p. 2.

É a criação de um campo simbólico no qual o jornal assume a posição de principal instrumento na luta pela construção de modelos de civilidade na cidade. Além disso, o jornal pela posição que ocupava na sociedade deveria ser o porta voz das novidades, o portal através do qual haveria contato com o mundo exterior. Não é difícil imaginar a valorização desse último papel dos jornais, principalmente pelo virtual monopólio que os órgãos de imprensa detinham no período.<sup>28</sup>

Tendo os jornais como uma das principais fontes do nosso trabalho, e principalmente, o jornal *Folha do Norte*, devemos identificá-los como um lócus de relações de poder, em que os discursos divulgados são impregnados de intencionalidades, na consolidação de projetos políticos ligados aos seus articuladores, e que no período em questão se refere ao propósito da “Cidade Princesa do Sertão”.

As diversas notícias veiculadas ressaltavam tanto aspectos que contribuíam para a condição da urbe representada como princesa, como também cobrava das autoridades públicas que a mantivesse com este aspecto. Na notícia a seguir foram ressaltados aspectos urbanos da cidade que enaltecem o seu progresso e embelezamento, que acompanhavam as tendências modernas do urbanismo e arquitetura vigentes na época:

Quem conheceu a Feira de Santana há alguns anos passados e vem acompanhando seu progresso iniciado na proficia e criteriosa gestão de Bernardino da Silva Bahia, (...) e seguida pelos dedicados sucessores (...) deve sentir-se orgulhosos em admirar o que ela possui de belo e encantador. Elegantes jardins, ruas asseadas e devidamente arborizadas, inclusive a Avenida Senhor dos Passos, que, podemos dizer, sem contestação – a melhor da urbe onde se ergue o belo palácio da prefeitura. Temos na cidade moderno edifício onde funciona o Correio e Telegrafo (...).<sup>29</sup>

Em outra notícia, apresentou-se um apelo para que as autoridades não deixassem que uma das ruas principais tivesse seu passeio danificado, indicando outra imagem da urbe, que contrasta com a descrição da notícia anterior.

Impressiona mal, em artéria urbana de tanto movimento como é a Rua Conselheiro Franco, nesta cidade, o destroçado passeio (...). E, se o transeunte citadino se deixar influenciar penosamente pelo estado em que se encontra o aludido passeio, imagine-se qual será a impressão que receberá o forasteiro, o excursionista de grandes centros, ao atentar naquela ruinaria em flagrante contraste com os melhoramentos materiais da urbe. (...) é justamente naquele ponto, em razão de sua largura mesma, um dos mais frequentados por ocasião das grandes festas (...). É indispensável e urgente, portanto, a restauração do referido passeio (...).<sup>30</sup>

<sup>28</sup> OLIVEIRA, Clóvis F. R. M. **De Empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937).** (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA, 2000, p. 74.

<sup>29</sup> FOLHA DO NORTE. **O que temos e o que precisamos.** Feira de Santana, nº. 1522, 10/09/1938, p. 4.

<sup>30</sup> FOLHA DO NORTE. **Impõem-se o concerto ou a restauração do passeio.** Feira de Santana, 11 de março de 1939, p. 1.

O *Folha do Norte* destaca-se duas preocupações: uma em relação ao tipo de imagem que um “forasteiro” poderia ter, ao se deparar com tal situação; e, a outra, foi porque a Rua Conselheiro Franco, antes chamada de Rua Direita, era uma via importante para as diversas festividades da cidade. Assim, a segunda notícia demonstra que o progresso e as reformas de embelezamento não se estendiam a toda cidade, e na análise dessas duas fontes ainda podemos levantar a hipótese de que a Rua Direita estava perdendo o lugar de destaque para Avenida Senhor dos Passos, considerada pelo *Folha do Norte* como “a melhor da urbe”.

“Enquanto porta-voz de grupos da elite política e econômica ressaltamos que o jornal *Folha do Norte*, também auxiliou na construção das imagens que corroboravam aos interesses desses grupos.”<sup>31</sup> Isto ocorria, visto que um dos seus donos, Arnold Silva, foi um importante político da cidade. No período em que exerceu o cargo de intendente de Feira de Santana, o *Folha do Norte* sempre divulgava as obras e realizações feitas na sua gestão, descrevendo-o como um “grande homem”. É evidente que o jornal servia aos seus propósitos políticos. Exemplificando isto, temos o episódio da inauguração do prédio do Paço Municipal, em 1926, que culminou com uma série de outras inaugurações e lançamentos, como a inauguração do primeiro sistema de iluminação elétrica da cidade, a inauguração do Posto de Higiene, o lançamento das “pedras angulares” da Escola Normal e da Nova Cadeia Pública. Para estes eventos, o *Folha do Norte* destinou, em duas edições seguidas, duas páginas inteiras, descrevendo tudo que havia acontecido através de uma ótica progressista, que apresentava Arnold Silva como “prestigiado e honrado intendente cujo o esforço admirável se deve o prosseguimento e conclusão das obras do suntuoso Palácio da Comuna em curto período de tempo”,<sup>32</sup> sendo esta a forma como o jornal caracterizou o prédio do Paço Municipal.

Para além dessa questão das relações de poder entre os dirigentes políticos e a imprensa, o evento da inauguração do Paço Municipal é um fato interessante para analisarmos a questão da cidade princesa, afinal de contas nada melhor para caracteriza sua ‘nobreza’ com um palácio, podendo ser considerado um dos símbolos das aspirações políticas de modernidade e progresso. As obras de construção do referido prédio foi iniciada em 1921, na segunda gestão do intendente cel. Bernadino da Silva Bahia, e inaugurado, como dito anteriormente, na gestão de Arnold Silva, genro de seu antecessor.

---

<sup>31</sup> OLIVEIRA, Ana Maria C. dos S. **Feira de Santana em Tempos de Modernidade: Olhares, Imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008, p.34.

<sup>32</sup> FOLHA DO NORTE. **Os Novos Melhoramentos da Feira**. Feira de Santana, 10 de abril de 1926, p. 1.

Na ocasião da inauguração, os articulistas do *Folha do Norte* descrevem minuciosamente os atributos do suntuoso Paço Municipal, com suas harmoniosas linhas arquitetônicas, falavam sobre a pintura delicada, os móveis elegantes, assim como toda decoração. O jornal destacava que “o novo Paço Municipal, belíssimo em suas linhas arquitetônicas e em seu aspecto geral, ocupa uma área de 760 metros quadrados e compõem-se de dois pavimentos”<sup>33</sup>. Ao longo da narrativa, a notícia vai apresentando cada ambiente do novo prédio. Na parte superior ficava amplo saguão, salão nobre, sala do conselho, galeria intermediária, gabinete do intendente, salão de audiências do juiz e o salão do júri. No pavimento térreo ficava a Biblioteca Municipal com sala de leitura e gabinete do bibliotecário, a portaria, a secretaria e tesouraria, a sala de expediente da intendência e as demais dependências<sup>34</sup>.



*Aspecto geral do novo Paço da Intendencia*

**Figura 1:** Foto publicada no *Folha do Norte*, quando da inauguração do Paço da Intendência, em 1926.  
Fonte: FOLHA DO NORTE. **Inaugurações de Hoje**. Feira de Santana, 03 de abril de 1926, p. 1.

<sup>33</sup> FOLHA DO NORTE. **Inaugurações de Hoje**. Feira de Santana, 03 de abril de 1926, p. 1.

<sup>34</sup> Idem.

A foto da figura 1 foi tirada do cruzamento entre a Avenida Senhor dos Passos com a Avenida Maria Quitéria, que no ano de 1937 passou a se chamar Av. Getúlio Vargas, sendo que a entrada principal, ou melhor, a frente do prédio fica na Avenida Senhor dos Passos.<sup>35</sup>

De acordo com este periódico, o responsável pela obra foi o engenheiro Accioli Ferreira, auxiliado por Henrique Amaral encarregado pela pintura do prédio. Além disso, destacou a participação do então governador do Estado da Bahia Francisco Calmon, na festividade de inauguração, que contou com a participação das filarmônicas 25 de Março e da Vitória. Na programação realizada no outro dia, aconteceu a benção do prédio pelo Padre Edmundo Araújo pela manhã; enquanto na tarde ocorreu uma conferência do Dr. Manoel Daltro Pedreira, sobre “a ideia do bem associado ao sentimento do belo”. Segundo Rollie Poppino;

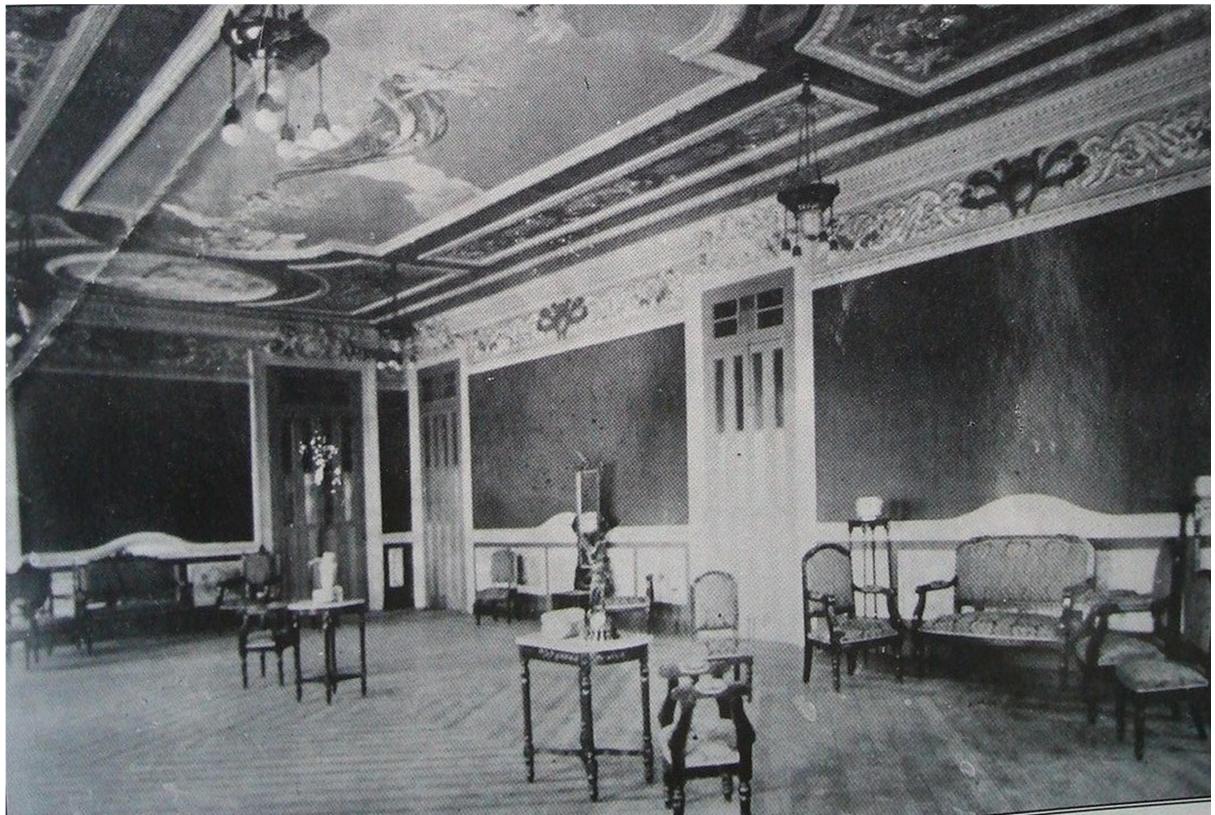
Aos olhos do povo de Feira de Santana o novo mercado (1915), foi inteiramente eclipsado pelo edifício do Paço Municipal, inaugurado em abril de 1926. (...) o projeto levou quase cinco anos para ser executado e custou (...) mais do que 400 contos de réis, isto é, mais de 75% do que as verbas destinadas para as obras públicas do município, entre 1921 e 1927. O gasto, todavia, parece que se justificou, porque Feira de Santana foi muito elogiado pelo seu Paço Municipal, que se comparava agora muito favoravelmente com os mais belos que existiam em todo interior do Brasil.”<sup>36</sup>

Por conseguinte, tal construção significou um gasto muito grande para a prefeitura, mas na opinião da elite feirense, principalmente os dirigentes e os articulistas do *Folha do Norte*, era fundamental para atestar que a urbe feirense estava nos trilhos do progresso e o local que abrigava os três poderes do município precisava se mostrar a altura das pretensões de seus dirigentes.

---

<sup>35</sup> Poderíamos usar uma foto de melhor definição para mostrarmos este prédio, porém o nosso interesse é justamente, trazer para discussão um olhar sobre a cidade daquele período, posto que essa foto foi publicada no ano da inauguração.

<sup>36</sup> POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador: Editora Itapuã, 1968, p. 133.



**Figura 2:** Foto do salão nobre do Paço da Intendência.

Fonte: GAMA, Raimundo. **Memória Fotográfica de Feira de Santana**. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994, p. 41.

A fotografia do salão nobre do Paço (figura 2) nos dá uma dimensão da “suntuosidade” do prédio, com pinturas no teto, vários detalhes ornamentais nas paredes, além do mobiliário:

Tem um aspecto de grandeza e luxo condizentes com seu fim. As paredes desse salão ostentam admirável pintura de reflexos sedosos (...). O teto decorado com requintes de arte rafaelesa, dominantes em outros departamentos. (...) o alto rodapé desse salão e a barra superior ostenta motivos de decoração do renascimento.<sup>37</sup>

Nessa descrição, transpareceu que a inspiração estética do Paço Municipal teve suas bases nos moldes europeus, justamente pela nota fazer referência à “arte rafaelesa” renascentista. Na década de 1930, o prédio continuou a se destacar na imprensa:

Dos edifícios públicos que enriquecem o patrimônio do município e o urbanismo feirense, não se pode deixar de mencionar o Palácio Municipal que é imponente. (...) desperta entusiasmo e condiz em todo sentido com a linda e hospitaleira cidade serrana.<sup>38</sup>

<sup>37</sup> FOLHA DO NORTE. **Inaugurações de Hoje**. Feira de Santana, 03 de abril de 1926, p. 4.

<sup>38</sup> FOLHA DA FEIRA. **Município de Feira de Santana**. Feira de Santana, 19 de junho de 1933, p. 1.

A edificação era tida como um referencial de progresso, um símbolo condizente com a ideia de “Princesa do Sertão”. Portanto, como afirma Sandra Pesavento, “o espaço é sempre portador de um significado, cuja expressão passa por outras formas de comunicação. Ora, a força de uma imagem se mede pelo seu poder de provocar uma reação.”<sup>39</sup> Através da figura do prédio pode se fazer uma leitura da cidade, como também se fixar uma determinada representação da mesma.

Mas não era apenas nas feições materiais da cidade que a concepção da Feira enquanto “princesa” tentava se firmar, os aspectos de civilidades eram bem explorados, afinal de contas era preciso modificar os hábitos, combater antigos costumes que, na visão da fração da elite que defendia essas concepções, não se adequavam às demandas da urbe que ansiava se modernizar. Na perspectiva de Rinaldo Leite, o ato de civilizar tinha um significado que se relacionava em:

Ter algumas preocupações sociais, a necessidade de uma ordem (pública e social), ter a vida na cidade normatizada, distinguir-se por gostos e práticas elegantes, realizar melhoramentos na paisagem e possuir bons serviços de infraestrutura. (...) seria intervenção na paisagem física e estética da cidade (remodelação urbana), a higienização dos espaços, a introdução de tecnologias modernas, a regulamentação e organização da vida urbana, a moralização dos costumes, a aquisição de hábitos cultos, a prestação de assistência pública.<sup>40</sup>

Deste modo, tal perspectiva abarcou uma série de intervenções sobre a cidade e seus habitantes. Procurou-se redimensionar os espaços urbanos, modificando os ambientes e tentou-se, principalmente, regular as relações sociais tecidas no cotidiano citadino. Apesar do interesse da ordem racional contida no Código de Postura em estabelecer uma normatização dos espaços e das condutas das pessoas, a cidade, as ruas e seus habitantes conservaram sociabilidades que pertenciam às práticas socioculturais costumeiras que transgrediam essas normas. E por mais que partes das elites ambicionassem consolidar aspectos urbanos para cidade, os elementos rurais ainda estavam presentes, especialmente, nas feiras livre e do gado.

No período que compreende nosso trabalho (1919-1946), ocorreu uma constância nos discursos da imprensa feirense em qualificar a cidade enquanto civilizada em questões políticas, sociais, culturais e econômicas. Como dito anteriormente, a civilidade abarcava um significado mais amplo, e era uma das bases em que as elites se apoiavam para empreender

---

<sup>39</sup> PESAVENTO, Sandra J. **O Imaginário da Cidade - Visões Literárias do Urbano – Paris –Rio de Janeiro – Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, p.16.

<sup>40</sup> LEITE, Rinaldo C. N. **E a Bahia Civiliza-se ... Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de Modernização Urbana – Salvador (1912-1916)**. (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA, 1996, p.43.

seus propósitos políticos, na tentativa de projetar a “Princesa do Sertão”. No início da década de 1940, quando de fato algumas modificações começavam se esboçar na cidade, dois artigos publicados na *Revista Serpentina* dão um indicativo do uso da ideia de civilizar. Ambos os textos começam sua narrativa a partir desse argumento: “Como é tão moça a Feira, como ela é civilizada (...) a Feira é moça e moderna”<sup>41</sup>; “Ela já não é a cidade – garota (...) Cresce e civiliza-se.”<sup>42</sup> Apesar de abordarem assuntos diferentes, os textos se referiam ao processo de transformações no qual a urbe feirense passou, usando como alegoria as fases da infância (garota) e da adolescência (moça) para indicar que “ela crescia e civilizava”, referindo-se ao processo de “modernização” da cidade.

Se por um lado havia no discurso jornalístico uma ênfase na questão de civilizar, a outra face da moeda era a incivilidade, pois se havia uma defesa constante da imagem utópica da cidade civilizada, e todo e qualquer acontecimento que transgredisse a essa lógica era motivo de recriminação da imprensa, e logo estereotipado como atos inconvenientes. Em diversas matérias os articulistas do *Folha do Norte* reclamavam dos comportamentos tidos como imorais, que se reportam à balburdia nas ruas ou que infligiam o Código de Postura do Município. A camada mais pobre da população eram os principais alvos de tais acusações, e práticas como o roubo de flores nos jardins, o futebol nas ruas, animais soltos perambulando pelas vias públicas e as brigas cotidianas apresentavam-se como reclamações corriqueiras nesse periódico<sup>43</sup>. As reclamações sobre essas ações sugerem que “tal esforço recorrente parece provar que o projeto de ordem enfrentou dificuldades em penetrar nos costumes locais, os quais insistiam em não aceitar os moldes da urbanicidade, em desorganizar suas artérias fugindo dos padrões estabelecidos.”<sup>44</sup>

A rua era um dos locais mais vigiados, posto que fatos variados aconteciam no ir e vir dos seus habitantes. Não é a toa que no Código de Postura de 1937 muitos são os artigos referentes à mesma, desde ao seu formato até a circulação de pedestres, além do transito de veículos. No jornal *Folha do Norte* encontramos reclamações justamente em relação à circulação de veículos, identificando qual era a finalidade dos passeios e das ruas.

<sup>41</sup> ALVAS. Esportes em Crônicas. In: **Revista Serpentina**, Ano I, nº. 1, /abril 1941.

<sup>42</sup> PITOMBO, Dival. Metamorfoses. In: **Revista Serpentina**, Ano I, nº. 1, abril/1941.

<sup>43</sup> Para cada ação dessas existe uma especificação no Código de Postura de 1937, que normatiza e regula, prevendo dispositivos de punições para as demais transgressões. A exemplo podemos citar a questão do roubo de flores nos jardins públicos: “Art. 35º. – As árvores e flores das vias públicas não serão utilizadas, colhidas ou danificadas por pessoa alguma. Pena – 10\$000 de multa”. PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA. **Código de Posturas do Município**. Decreto – Lei Nº. 01 de 29 de dezembro de 1937, Capítulo I, seção IV- Da Arborização e Ajardinamento, p.14.

<sup>44</sup> SANTOS, Cátia Maria Ferreira dos. **Visões de uma Cidade: Imagens Urbanas de Feira de Santana (1929-1940)**. (Monografia de especialização em História da Bahia). Feira de Santana: UEFS, 2004, p. 25.

### **Os passeios não são pistas para corridas de ciclismo**

Chegam-nos reclamações, que colocamos sob as vistas de quem competir, sobre as pessoas que se dedicam ao ciclismo, seus aparelhos sobre os passeios das casas ameaçando, principalmente os inexperientes pedalarem, atropelar as pessoas que os ocupam, como já tem acontecido. (...) As ruas da Feira são tão espaçosas.<sup>45</sup>

Conforme o Código de Postura de 1937, o transito de veículos era destinados às ruas, e os passeios eram reservados à circulação de pedestres, com algumas restrições quanto à circulação e volume de mercadorias. Através dessa reclamação, podemos perceber que a normatização das especificidades de cada espaço não era respeitada, o uso desses espaços por seus habitantes explicitavam seus costumes e hábitos, que, às vezes, se chocavam com as perspectivas impostas. Outra questão perceptível nessa notícia foi quando os articulistas ressaltaram a característica espaçosa das ruas feirenses, ou seja, largas e retas, uma concepção idealizada pelos engenheiros, no modelo de urbe civilizada, progressista e modernizadora propagada para diversas cidades, como citamos no início do capítulo.

Eronize Souza, ao problematizar a violência e a modernidade em Feira de Santana (1930-1950), argumenta que a emergência de uma cidade em vias de modernização necessitava de um “novo homem urbano”, condizente com as demandas dos aspectos da Moralidade, da Higiene e da Ordem. Nessa condição, os setores populares representavam, para a classe dirigente, sinônimo de atraso e incompatibilidade com o projeto civilista.

Antes de continuarmos com essa discussão, é importante explicar que o uso do termo setores populares pode parecer homogenizador e generalizante, porém ressaltamos que quando utilizarmos essa expressão será referente a uma diversidade de sujeitos como: trabalhadores rurais, feirantes, vaqueiros, sapateiros, trabalhadores domésticos, aguadeiros, ganhadeiras de quitutes, trabalhadores do comércio, entre outros. Mas desde já compreendemos os limites de usar tal expressão, no entanto empregaremos a mesma, visto que não encontramos outro termo correspondente a esta diversidade de sujeitos descritos anteriormente.

O cotidiano dos setores menos abastados aparecia nos jornais enquanto condutas tidas como “indesejáveis”. Brigas, o uso de palavrões, risadas escandalosas, falta de decoro dos mais diversos, eram estigmatizados de bárbaros e incivilizados, práticas de vadios e desocupados. Além disso, quando se tratava das mulheres pobres que transitavam nas ruas, trabalhando em funções diversas, a questão da honra e da moralidade era alvo de

---

<sup>45</sup> FOLHA DO NORTE. **Os passeios não são pista para corridas de ciclismo.** Feira de Santana, 21 de março de 1931, p.4.

especulações, pondo em dúvida a honestidade das mesmas.<sup>46</sup> Para Souza, uma das formas de controle desse setor da população era justamente por uma via legal, posto que “o projeto de modernização defendia que os conflitos sociais deveriam ser resolvidos através de um processo de racionalização, de incorporação de procedimentos contidos e regulados pelas ações jurídicas e policiais.”<sup>47</sup>

Ao que parece, as contradições desse ideal de civilidade não tinham seu polo de oposição somente nas camadas populares, visto que em, alguns casos, são noticiados eventos em que elementos dos setores médios da sociedade feirense se envolviam em brigas, querelas ou atos caracterizados especificamente como inconvenientes para uma urbe que aspirava ser refinada em seus hábitos e costumes. É o que aconteceu em um episódio nas proximidades da Fábrica de Bebidas Leão do Norte<sup>48</sup>, publicada no *Folha do Norte* em 1923:

#### **Rapazes bem trajados, porém deseducados**

Pessoas residentes na Rua Senhor dos Passos, principalmente as que moram próximo à Leão do Norte, por muitas vezes, têm vindo a esta redação, queixando da maneira infeliz e vil por que se portam (...) ali certos moços. Os inconvenientes, após continuas visitas aquela casa de indústria, tornam-se desrespeitadores, como ditos pornográficos e palavras libertinas, indo de encontro à moral de nossa terra (...). É triste, pois, que tal continue. **Porém, mais doloroso será que tais rapazes, que se dizem gente fina, sejam surpreendidos pela ação da polícia.**<sup>49</sup> (grifo nosso)

Há no conteúdo da notícia a confirmação de um ato tido enquanto incompatível com uma conduta civilizada, mas o que nos chamou atenção foi como a construção do texto foi realizada. A nota, apesar de ser incisiva quanto aos maus comportamentos dos atores dessa cena, se referiu a estes como “moços” e “rapazes”. O próprio título da nota e o trecho grifado, sugerem que a procedência de tais indivíduos não se relacionava com os setores populares, atribuindo-se os excessos cometidos ao uso da bebida.<sup>50</sup> Se acaso esta nota se reportasse a pessoas dos setores populares, as caracterizações dos atos seriam descritos através da ótica

<sup>46</sup> Sobre esta questão das mulheres em Feira de Santana ver: OLIVEIRA, Cristiana Barbosa de. **A mulher no espaço feirense: Casa, Rua e Trabalho (1879-1930).** (Monografia de especialização em Teoria e Metodologia da História). Feira de Santana: UEFS, 1997.

<sup>47</sup> SOUZA, Eronize Lima. **Prosas da Valentia: Violência e Modernidade na Princesa do Sertão (1930-1950).** (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBa, 2008, p. 52.

<sup>48</sup> De acordo com o memorialista Antônio do Lajedinho, a Fábrica Leão do Norte foi fundada na década de 1930, pelo químico Paulo Costa Lima, criador da famosa jurubeba Leão do Norte. LAJEDINHO, Antônio do. **A Feira na década de 30.** Feira de Santana, 2004, p.131.

<sup>49</sup> FOLHA DO NORTE. **Rapazes bem trajados, porém deseducados.** Feira de Santana, 14 de julho de 1923, p.1.

<sup>50</sup> Conforme Rinaldo Leite, ao se referir a atos de anti-civilidade, afirma que a bebida sempre era associada a tumultos e confusões que faziam os indivíduos cometerem desatinos. LEITE, Rinaldo C. N. **E a Bahia Civiliza-se ... Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de Modernização Urbana – Salvador (1912-1916).** (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBa, 1996, p.116.

dos estereótipos de incivilizados, vadios e desocupados. Posto que o *Folha do Norte*, na maioria das vezes, fazia uma leitura enviesada sobre os comportamentos das camadas menos abastadas da sociedade feirense.

Neste sentido, a análise das tramas cotidiana foi imprescindível para entender às tensões e conflitos estabelecidos entre os diversos sujeitos históricos que vivenciaram essas experiências contrastantes do ideal de civilidade. Assim, temos que perceber o cotidiano como um campo dinâmico, onde novas formas de ser e estar vão se recriando constantemente, diante do conflito da disciplinarização dos indivíduos e as aversões à mesma.<sup>51</sup> Portanto, as contradições do projeto civilista feirense não encontravam entraves apenas nos setores populares, mas no seio da sua própria elite, que se julgava proclamadora de tais hábitos.

Até aqui discutimos como a representação de uma cidade ideal contribuiu para tecer representações sobre a mesma, uma urbe desejada, idealizada na tentativa, de atender interesses políticos dos mais diversos, que conflitava com a realidade concreta, com seus problemas e mazelas, não tão princesa assim. Agora, discutiremos Feira de Santana percebida por outros olhares que, de alguma forma divergem, no primeiro momento com esse ideal de urbe progressista e moderna, explicitando, ainda mais, as contradições da cidade feirense entre o rural e o urbano.

### **“A cidade do Silêncio e da Melancolia”**

Anteriormente observamos a construção da imagem de Feira de Santana enquanto “Princesa do Sertão”, agora veremos como através de “olhares líricos”<sup>52</sup> alguns autores, por meio das poesias, crônicas e ensaios, teceram um imaginário saudosista acerca da urbe, uma visão romântica esboçando uma “lírica cidade”, como, às vezes ela é intitulada por Eurico

---

<sup>51</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>52</sup> Na discussão dessa representação dialogaremos diretamente com o trabalho de Cátia Maria Ferreira dos Santos, **Visões de uma Cidade: Imagens Urbanas de Feira de Santana (1929-1940)**, em especial o segundo capítulo, *Olhares Líricos sobre a Cidade*, no qual a autora discute leituras que alguns personagens fizeram sobre Feira de Santana. Alguns destes personagens figuram também em nosso trabalho como Eurico Boaventura, Alencar Filho e Antenor de Castilho; Outros personagens acrescentaram, para enriquecer a discussão, quanto ao imaginário social da cidade, projetado em suas produções como: Godofredo Filho, Alberto Alves Boaventura e Souza Oliveira.

Alves Boaventura. No entanto, essas representações apresentam ambiguidades, ora uma cidade estática, ora uma cidade em movimento.

As percepções desses autores foram sentidas e vivenciadas através das suas recordações, impressões, sentimentos, que conflitavam com a urbe projetada, normatizada em retas, ou seja, a cidade “progressista” que tentava civilizar seus habitantes sertanejos. Produziram em seus escritos várias percepções sobre a Feira de Santana, e também como os seus autores apreenderam as transformações que se processavam. Como indica Pesavento, “a literatura vem, ao longo do tempo, produzido representações sobre o urbano, que traduzem não só as transformações do espaço como as sensibilidades e sociabilidades de seus agentes.”<sup>53</sup>

O título desse tópico, “A cidade do silêncio e da melancolia”, é referência a uma crônica escrita pelo poeta e cronista feirense Eurico Alves em 1932, descrevendo o ritmo da cidade como calmo, lento, uma urbe pacata, que ainda não sentira os efeitos do tão proclamado progresso. Nessa ideia de uma Feira melancólica, triste e estática incorporamos outras falas, não somente a de Alves, porém é o discurso euriquiano o que, com mais força, canta sua cidade, representa, reivindica e até estranha sua terra sertaneja. Como atesta Juraci Dórea, “pode-se até discordar dos conceitos e pontos de vistas defendidos pelo poeta, mas não se pode negar o mérito de sua obra como contribuição para o estudo da paisagem e das gentes do sertão”.<sup>54</sup>

Além de Eurico Alves, selecionamos outros poetas e memorialistas que, em alguns momentos, partilharam a representação de uma cidade melancólica e silenciosa, conflitando com a representação de Princesa. Contudo, veremos também o embate entre a imagem de Feira de Santana como sossegada (parada) com a urbe progressista (movimento), explicitando os conflitos entre essas representações.

Começaremos por uma poesia de Antenor de Castilho<sup>55</sup>, publicada no jornal *Folha da Feira* de 1933:

Feira de Santana é uma cidade muito bonita, porém muito triste.

<sup>53</sup> PESAVENTO, Sandra J. **O Imaginário da Cidade - Visões Literárias do Urbano – Paris –Rio de Janeiro – Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, p.13.

<sup>54</sup> DÓREA, Juraci. Eurico Alves e a Feira de Santana. In: GODET-OLIVIERI, Rita (org.) **A poesia de Eurico Alves: Imagens da Cidade e do Sertão**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999, p.73.

<sup>55</sup> Infelizmente não foi possível identificar informações biográficas sobre esse poeta. Uma hipótese para a escassez de informação seja que este nome assinado em algumas poesias possa ser um pseudônimo, prática muito utilizada no meio jornalístico.

Parece uma mulher bonita que não sorrir. (...) Pois a Feira é assim. Muito Bonita e muitíssimo triste. As tardes a gente pode fazer ideia (...). Casas fechadas, ruas quase desertas, em suma uma cidade abandonada.

No entanto, de quando em quando ecoa pelo ar (...) um gorjeear sonoro de gargantas femininas. São as normalistas que passam com uma alegria (...). E a cidade sorrir.

É que as normalistas são o sorriso mais lindo da cidade.<sup>56</sup>

Castilho afirma a beleza de Feira de Santana comparando-a a uma mulher bonita, porém a caracteriza como muito triste, chegando a chamá-la de “cidade abandonada”. Está era uma visão da urbe estática, parada, diferentemente de uma representação da cidade progressista, onde o movimento do ir e vir se faz presente constantemente. Entretanto, apesar de no primeiro momento o poema permitir essa leitura, no segundo trecho ele indicou o elemento que podia romper o silêncio e a tristeza, e dá vida as ruas desertas: eram as normalistas.

Deste modo, temos um elemento que movimentava a cidade, no qual podemos fazer a leitura de como sendo um aspecto do progresso, visto que “as escolas normais assumiram um novo papel, como preparatórias dos agentes do progresso da nação - as professoras do novo homem e disseminadoras da civilização letrada e apta ao crescimento econômico.”<sup>57</sup> Ione Sousa afirma que ter uma instituição como a Escola Normal na urbe era considerado uma expressão de modernidade e civilização, essa mesma associação era revertida para a figura das normalistas.<sup>58</sup> Ou seja, a educação nas décadas iniciais do século XX era um aspecto ligado ao processo de desenvolvimento das cidades, sendo associados as perspectivas de progresso e civilidades.

Apesar de Castilho esboçar a representação de melancolia com ruas vazias, demonstrou que as normalistas faziam essa “cidade triste” sorrir, sendo símbolos do progresso de Feira de Santana. Portanto, temos uma representação carregada de duplo sentido: a urbe triste (a estática) e a cidade que sorri (a do movimento). Mesmo assim, vejamos que quando o autor descreve Feira não aparecem aspectos relacionados às obras de melhoramentos urbanos, tão frisados na imprensa no mesmo período de veiculação dessa poesia - ao contrário, se fixou uma imagem sem sinais da modernidade, a não ser as normalistas.

Alencar Filho<sup>59</sup> assim como Castilho, teceu uma visão melancólica sobre a urbe:

Feira de Santana, você é a cidade mais triste que eu conheço.

<sup>56</sup> CASTILHO, Antenor de. O Sorriso da Cidade. In: **Folha da Feira**, Feira de Santana, 31 de julho de 1933, p.2.

<sup>57</sup> SOUSA, Ione Celeste. **Garotas Tricolores, Deusas Fardadas: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945**. São Paulo: EDUC, 2001, p.18.

<sup>58</sup>Idem, ibidem. Em Feira de Santana, a Escola Normal foi implantada no de 1927.

<sup>59</sup> Assim como ocorreu com o poeta Antenor de Castilho, como informamos na nota 56, também não foi encontrado dados biográficos sobre esse autor.

Suas ruas longas e desertas têm a monotonia enervante das linhas retas.  
 E as suas noites são tristes como todas as noites provincianas.  
 Você tem uma tristeza heráldica de cidade fidalga. (...)<sup>60</sup>

Nesse trecho do poema de Alencar Filho, a Feira de Santana foi imaginada como triste, monótona, “das noites provincianas”, no qual este autor lastima a monotonia das ruas, como também expressa certo saudosismo ao passado da urbe, posto que esta tristeza se relacionava com seu aspecto de fidalga. No entanto, “suas ruas longas e desertas têm a monotonia enervante das linhas retas”, e apesar da rua está deserta, ou seja, sem movimento, suas formas, em particular a retilínea, incomoda o poeta.

Uma possibilidade de leitura desse incomodo é pensarmos nas “linhas retas” como condutora de uma ordem, tentando homogeneizar os espaços e as pessoas. Para Simone Kropf, “o ideal da retilinidade para ruas foi a pedra de toque do modelo cartesiano que preside a construção dessa cidade da razão idealizada pelos engenheiros (...), a rua reta é a imagem perfeita da disposição em impor uma ordem ao mundo.”<sup>61</sup> Nessa perspectiva, talvez esse estranhamento de Alencar Filho seja justamente pelo fato deste modelo cartesiano, remanescente da Belle Epoqué, demandar novos comportamentos, substituindo hábitos antigos, como a prosa nas calçadas das ruas, por um ambiente deserto, expressando desse modo certo desencantamento com algumas perspectivas do progresso. Ou talvez fosse apenas um incomodo com o novo tipo de traçado urbano para as ruas e a falta de movimentação nas mesmas. Essas são duas hipóteses para compreender a representação feita por Alencar, mas nos parece que a primeira proposição se encaixa melhor na nossa análise.

Embora Alencar Filho e Antenor de Castilho sinalizem uma percepção da cidade como triste e provinciana, o primeiro caracteriza as ruas da urbe feirense conforme a disposição dos dados de urbanicidade vigentes com a política desejosa do progresso para Feira de Santana; diferente do segundo, não enfocando esse sentido, e vai mais além, esboçando um tímido estranhamento com os novos aspectos que as artérias da cidade vão apresentando. Temos deste modo, um suave confronto entre a Feira estática e a Feira em movimento.

---

<sup>60</sup> FILHO, Alencar. Poesia. In: **Folha da Feira**, Feira de Santana, 19 de março de 1934.

<sup>61</sup> KROPF, Simone P. Os construtores da Cidade: o discurso dos engenheiros sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX. In: **Projeto de História**. São Paulo: Editora da PUC-SP, nº 13, p. 184/junho/96.

Já Souza de Oliveira<sup>62</sup> fala da tristeza da cidade apelando para alegorias naturais e religiosas, e de modo algum cita elementos que reportem aos aspectos urbanos da cidade:

Feira de Santana, linda filha do Sertão (...)  
 Sorris um sorriso doce, sutil nas tuas belas manhãs;  
 E te entristeces à tarde, quando o sol agoniza nas tuas serras melancólicas.  
 (...) tens uma linda brancura, de um triste crisântemo. (...)  
 Feira existe nas tuas noites uma melancolia misteriosa (...)  
 Parece-me que és triste, porque Santana, tua padroeira, é bastante pensativa.<sup>63</sup>

A composição da narrativa deixa evidente uma visão lírica sobre a cidade, uma representação romântica, no qual a tristeza era permeada por flores, pelo sol que se põe, pela alegoria de que a padroeira era “bastante pensativa”, esboçando uma fé contrita em relação à urbe, ou seja, tudo parece ser contido, até o sorriso. Dando uma dimensão de uma Feira pacata, com um ritmo mais bucólico, remetendo-se a características mais rurais, as “serras melancólicas”, um lugar movido pelo amanhecer e anoitecer.

Souza de Oliveira descreve suas impressões sobre a cidade numa representação distante do progresso proclamado pelos jornais. Não lhe interessa a Feira de Santana com ruas largas, um prédio novo do Paço Municipal, um sistema de iluminação elétrica, o que lhe interessava era a urbe “filha do Sertão” e não a Princesa. Assim, as representações contidas nos poemas desses autores, ora apresentam pontos convergentes com as perspectivas civilistas dos dirigentes locais, ora destoam desse ponto de vista, apontando uma cidade com feições mais rurais.

Em meio a essas diversas visões, veremos autores que demonstram as duas representações, alguns compararam a Feira antiga com a que se moderniza, explicitando um saudosismo, outros apenas acompanham as modificações sofridas pela cidade através do ritmo da sua própria vida, escrevendo poemas, crônicas e memórias. De acordo com Pesavento, essas produções são uma forma de recuperar uma urbe, por serem “narrativas de fronteiras entre o documental e a ficção”, recompondo, assim, “experiências passadas, contando as cidades do passado que as cidades de hoje encerram.”<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> Não foram encontradas informações biográficas sobre esse autor.

<sup>63</sup> OLIVEIRA, Souza de. Feira de Santana. In: **Folha da Feira**, Feira de Santana, nº. 258, 04/09/1933, p.4.

<sup>64</sup>PESAVENTO, Sandra J. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginarias. In: **Revista Brasileira de História**. Vol.27. Nº 53/ julho de 2007, p.19.

Alberto Alves Boaventura<sup>65</sup>, em seus escritos memorialista, crônicas e poemas, faz uma apresentação da urbe estabelecendo um paradoxo entre a cidade antiga e a “progressista”. Suas obras apresentam contribuições significativas tanto para discussão sobre as visões acerca de Feira de Santana, quanto para a compreensão das diversões ocorridos no seu cotidiano. Abaixo segue alguns trechos que explicitam essas comparações, bem com os valores e os significados que o mesmo dá à urbe:

Minha Feira de Santana, ontem, cidade pequena,  
De ruas desertas e tristes, iluminadas com lampiões a gás.  
(...) Hoje, cidade grande (...) de ruas largas e de gente culta.<sup>66</sup>

Tudo isso foi nas décadas de vinte e trinta, quando Feira de Santana era uma cidade bem pequena, vivendo dentro de um lirismo que só se encontra nas cidades românticas. (...)<sup>67</sup>

Quando a cidade era assim, atrasada, a vida aqui, era melhor vivida. (...)

Pacata Feira de Santana, isso na década de 1930. (...)

Como toda cidade pequena e sem recursos, Feira de Santana era desprovida das coisas mais elementares. Vivia a sua população até 1945, apegada aos mais rudimentares costumes e de certo modo feliz.<sup>68</sup>

A narrativa de Alberto Boaventura trás vários elementos para à discussão, inclusive em relação à memória, pois a sua escrita leva a crer que, no processo de rememorar, ele carrega um olhar do momento da escrita, para o período ao qual está se reportando, porém não conseguimos encontrar a datação da sua escrita, apenas o das publicações entre 1970 e 1980. Os fragmentos escolhidos estão espalhados em três obras de Alberto Boaventura. Isto só dá uma amostra de como foi recorrente citações diversas sobre a urbe, falando sempre de duas cidades: a antiga e a de hoje (estimamos que esse hoje possa ser a partir da década de 1950, ou referentes ao período de publicação dos livros, como falamos anteriormente).

Interessam-nos as descrições da cidade que ele fez das décadas de 1920, 1930 e 1940, essas descrições são apresentadas em sua maioria em crônicas, no qual este autor através de histórias do cotidiano da urbe apresenta sua percepção de Feira de Santana, no período citado acima. Porém Alberto Boaventura não especifica a datação dos eventos que descreve, apenas

<sup>65</sup> Nascido em Feira de Santana em 18 de janeiro de 1917, falecendo em 1983, era filho de Beraldo Alves Boaventura e D. Elvira Alves Boaventura. Primo de Eurico Alves Boaventura. Exerceu a função de coletor fiscal na década de 1940. Entre 1981 à 1984 foi presidente da Academia Feirense de Letras. Cf.: ALMEIDA, Oscar Damião de. **Dicionário Personativo, Histórico e Geográfico da Feira de Santana**. Feira de Santana: Aliança Editora, 1998, p21.

<sup>66</sup> BOAVENTURA, Alberto Alves. **Opúsculo de Cânticos – Poemas**. Feira de Santana, 1973.

<sup>67</sup> BOAVENTURA, Alberto Alves. **Cronifatos**. Feira de Santana, 1983, p.31.

<sup>68</sup> BOAVENTURA, Alberto Alves. **Estórias e Fatos (prosas) – Troar de Ilusões (poemas)**. Feira de Santana, 1980, p. 7, 12 e 64.

se refere de uma maneira geral a década da qual se reportava, passeando por episódios que vão da sua infância até a sua vida adulta.

Para Alberto Boaventura, as décadas de 1920 e 1930, Feira de Santana era marcada pelo atraso, combinado com aspectos românticos de urbe pequena, de costumes rudes e de ruas desertas, uma cidade que tem nessa descrição uma aproximação maior com a imagem da Feira sertaneja rural. Este, porém, ainda afirmou que nesse tempo se vivia mais feliz, e apesar da “cidade ser atrasada, sem recursos, a vida era mais bem vivida”. Neste ponto, Alberto Boaventura se ressentia das mudanças que ocorreram referentes às relações sociais da cidade. Para ele, nesse período, havia uma afinidade entre os habitantes, onde a prosa nos passeios era uma constante, onde se conhecia os moradores pelos nomes, em que os feirenses eram mais cordiais e hospitaleiros; enquanto a partir da metade da década 1940, isto foi se modificando.

Na perspectiva desse autor, os aspectos de transformações e modernização só surgem na década de 1940, com indicativo de mudanças urbanísticas, “ruas largas”, e civilizadas, “gente culta”. Notamos que para esse autor algumas mudanças que se processaram nesse período não foram interpretadas como significativas, posto que a cidade nas décadas assinaladas como “atrasada”, constituía-se uma representação que conflitava diretamente com a propagada pela imprensa da época. Pode-se associar tal afirmativa ao contexto da escrita do autor, um momento em que as transformações na cidade tiveram maior impacto do que naquelas épocas iniciais, onde o discurso progressista era fortemente veiculado.

Nos versos do poeta feirense Godofredo Filho<sup>69</sup>, escritos em 1926, veremos outros elementos que compõem suas representações sobre a cidade, assinalando aspectos da “modernidade e do progresso”, identificados já na década de 1920, diferentemente de Alberto Boaventura que os apresenta a partir de 1945.

Feira de Santana do grande comércio de gado nos dias poeirentos batidos de sol compridos

(...) a rua Direita evoca tanta gente acabada ... e dos dias monótonos pacatos dos dias sem ninguém quando cai do céu azul uma grande sonolência igual sobre as coisas

Cidade clara do clima generoso elixir de alegria

Cidade onde os tuberculosos vão beber o ar que acalma as tosses

E passeiam a ver se coram nas manhãs luminosas a ver se coram

---

<sup>69</sup> Godofredo Rabello de Figueiredo Filho nasceu em 1904, era filho de Godofredo Rabello de Figueiredo e Elisa Maria de Figueiredo. Cursou Filosofia e Arte Brasileira, dedicando-se às atividades do Magistério e das letras. Dirigiu o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Além de pertencer à Academia de Letras da Bahia. Cf.: ALMEIDA, Oscar Damião de. **Dicionário Personativo, Histórico e Geográfico da Feira de Santana**. Feira de Santana: Aliança Editora, 1998, p57 e 58.

(...) ali eu tive tudo  
 Meus cinco anos  
 Meus brinquedos todos  
 O automovinho que papai me trouxe quando veio da Bahia  
 (...) minhas primas filhas de meu tio que eu tinha medo dele deslumbramento do meu primeiro beijo escondido  
 Gostinho da primeira namorada  
 (...) Feira de Santana – a de hoje tão diferente também é boa  
 Riscadinha de eletricidade  
 Torcida esticada retesada de fios negros aéreos longos  
 Fords estabanados raquíticos  
 Levando no bojo viajantes de charque  
 O Fords arados desvirginadores defloradores de sertão.  
 Juventude  
 Adolescência  
 Tristeza de partir para a clausura do colégio  
 Ânsia de chegar meses depois no trem da tarde  
 (...) minha terra boa (...) é lá que quero dormir (...)  
 O meu grande sono sem felicidade ou tortura de sonho (...).<sup>70</sup>

Neste poema, através de fatos da sua vida, das brincadeiras e dos primeiros namoros da juventude, o poeta teceu suas visões sobre Feira de Santana. Ele relembrava pessoas e acontecimentos que lhe marcaram, ao passo que foi narrando às transformações da sua “terra boa”. Entre essas vivências relatou as brincadeiras de criança, do contato com os avós e tios que lhe remetiam ao passado fidalgo de sua família, da paquera com as primas, e da partida para estudar em Salvador, tendo que deixar sua “terra boa”.

Optamos por destacar trechos em que o autor representa a cidade, para enriquecermos nossa discussão. Na primeira parte do poema que se refere a sua infância até início da sua adolescência, Godofredo Filho identifica as feições comerciais da urbe, bem como a ideia de clima especial, que tende a curar os enfermos de tuberculose, representando uma cidade pacata e melancólica. Aqui notamos que o poeta expressou em seus versos a representação da urbe de “natureza sã”, percepção que permeou um período de sua vida, principalmente, sua infância.

---

<sup>70</sup> GODOFREDO FILHO. Feira de Santana. In: **Irmã Poesia: Seleção de poemas (1923-1986)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Secretaria de Estado da Educação e Cultura da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 1986, p.83 -91.

Depois na segunda parte, aparecem elementos da “modernidade” ou do progresso, como a luz elétrica e os automóveis, que “eram os defloradores do sertão”, uma alusão à construção das estradas de rodagens, que eram construídas na região de Feira de Santana, para acentuar sua função de entreposto comercial e elo entre o interior e a capital. Segundo Carlos Alberto Lima:

A construção e o desenvolvimento das estradas de rodagem representaram um dos símbolos máximos da Feira de Santana moderna e progressista. Esse sistema viário propiciou a transformação da cidade em uma espécie de entroncamento ou encruzilhada delineando todo um ideário de modernidade, que antes de qualquer coisa, fora responsável por proporcionar maiores contatos, volume e rapidez no comércio. Dessa forma, essas estradas podem ser tomadas como vetor da construção imagética de uma nova ordem, que a partir dos finais da década de 1920, ganhou cada vez mais espaço e estímulo.<sup>71</sup>

Cabe ressaltar que os automóveis eram elementos presentes quando se caracterizava um determinado lugar como moderno. Nesse período, os carros eram sinônimos de progresso por ser indicativo de movimento, de velocidade e encurtar distância.<sup>72</sup>

Godofredo Filho também apresentou sua visão romântica da cidade, trás alguns aspectos melancólicos e nostálgicos, que caracterizam essa Feira de Santana como pacata. Com o passar do tempo, como que representando as fases de sua vida, a urbe se transformou, afirmando que a cidade “de hoje tão diferente é boa”, o que podemos supor que, a princípio, as pequenas mudanças introduzidas nas décadas de 1920 não eram o suficiente para causar ao poeta um estranhamento frente à Feira da infância e da juventude. Demonstra-se também diferente de Alencar Filho, que via nas formas das ruas um aspecto de incomodo e de desconforto.

A obra de Eurico Alves Boaventura<sup>73</sup> é uma importante fonte para discussão de Feira de Santana. De acordo com Valter Soares, “Eurico tinha o “pé na roça”, mas transitava também pelo o “urbano”, e “é desse lugar fronteiriço, na qualidade de representante ilustrado das elites do pastoreio, que ele enuncia o seu discurso”<sup>74</sup>. Não somente neste momento

<sup>71</sup> LIMA, Carlos Alberto A. **Das luzes aos becos: Retratos da Rua do Meio na Feira Moderna. (1950-1967).** (Monografia da graduação em licenciatura em História). Feira de Santana: UEFS, 2009, p. 23.

<sup>72</sup> Sobre isto ver: SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.50.

<sup>73</sup> Nasceu em 27 de junho de 1909, em Feira de Santana, era filho de Gonçalo Alves de Boaventura e Maria Amélia Boaventura, em 1923 vai para Salvador estudar, em 1928 participa da Revista Arco & Flecha, 1933 conclui o curso de direito, a partir de 1943, passa exercer a função de juiz de Direito, sendo uma de suas maiores obras, *Fidalgos e Vaqueiros*. Cf.: GODET-OLIVIERI, Rita (org.) **A poesia de Eurico Alves: Imagens da Cidade e do Sertão.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.

<sup>74</sup> SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da Saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2009, p. 11.

discutiremos os olhares de Eurico Alves sobre a cidade, mas, em muitos outros, recorreremos as suas impressões para percorrer o cenário das festividades, do lazer e das diversões na urbe feirense.

De acordo com Eronize Souza, algumas produções de Eurico Alves demonstram característica de resistência, com forte apelo político e social, esboçando um embate entre a cidade “vivida” com a urbe “desejada”. Para Souza, o que singraliza a narrativa euriquiana “é a imagem do novo se sobrepondo ao velho, o que torna a paisagem citadina um lugar pouco familiar aos velhos habitantes, principalmente aqueles ligados a aristocracias dos currais”<sup>75</sup>. Nesta perspectiva, Larissa Pacheco enfatiza que a produção literária de Eurico Alves “disputava a memória da Feira de Santana idílica, simples e pacata, contra o advento de transformações materiais e simbólicos numa cidade muitas vezes irreconhecível aos olhos do poeta.”<sup>76</sup>

Na crônica que dá título a esse subtópico da nossa discussão, Eurico Alves apresenta uma Feira calma, sossegada, que vai acordando aos poucos, tomando os afazeres do dia a dia, ao seu tempo, sem a pressa dos grandes centros.

Por que Feira de Santana é mesmo a cidade do silêncio e da melancolia. (...), quando a gente chega a cidadezinha cor de luar, esta noiva mística dos poetas... É tal qual menina que vai fazer primeira comunhão no dia seguinte. Sossegadinho. Séria.

Minha lírica cidade! (...) Nas manhãs cor de alegria, é um primor de inocência toda a cidadezinha. Nem gritarias de verdureiros, nem apitos estridentes (...). Cheiros provocantes de jardins dormindo (...). Abrem-se aos poucos as portas despreocupadas e é um: Bom dia, D. Fulana, como passou de ontem para cá? (...) Tenho pena da menina que entra na matriz. Deve agora fazer uma oração sincera! “Nossa Senhora, eu quero ficar boa. Que o ar de Feira de Santana cure o meu pulmão!” (...) É assim a minha cidade do silêncio e da melancolia. Tão feliz!<sup>77</sup>

Nessa crônica ele relata o cotidiano de sua cidade, envolvido por uma áurea lírica, o silêncio e a melancolia compõem cada cenário. A “Petrópolis Baiana” surge na devoção da menina pedindo a cura para o seu pulmão, acreditando que o ar de Feira de Santana poderia lhe curar. Segundo Pacheco, o poeta na sua construção imagética cria um ideal de cidade harmônica, onde os conflitos não existem, ou seja, ao rememorá-la, Eurico selecionou os

<sup>75</sup> SOUZA, Eronize Lima. **Prosas da Valentia: Violência e Modernidade na Princesa do Sertão (1930-1950).** (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBa, 2008, p. 56.

<sup>76</sup> PACHECO, Larissa P. Bitencourt. Notas sobre Eurico Alves e a leitura de Feira de Santana em transformação. In: SILVA, Aldo José Morais (org.). **História, Poesia, Sertão: explorando a obra de Eurico Alves.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2010, p.112.

<sup>77</sup> Crônica escrita em 1932. Cf.: BOAVENTURA, Eurico Alves. A Cidade do Silêncio e da Melancolia. In: **A Paisagem Urbana e O Homem: Memórias de Feira de Feira de Santana.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2006, p.46-52.

aspectos que queria contar, silenciando as contradições existentes na urbe feirense, posto que ele foi representada como “melancólica é tão feliz”. Essas imagens da cidade confrontam com a ideia de “Princesa do Sertão”, enquanto um lugar movimentado e agitado, representações que também apareceram nas suas narrativas. Conforme argumenta Valter Soares a narrativa euriquiana:

Constitui-se um discurso-memória, tecido com reminiscências nostálgicas, filiais/familiares, de apego ao passado e saudade dos dias que se foram. Um dizer que busca estruturar uma memória-sertão, assinalando lugares da sua presença: os solares como patrimônios arquitetônicos, a paisagem da caatinga, episódio e personagens históricos, tipos humanos, tradições e costumes, estilos/modos de sociabilidade, odores e sabores.<sup>78</sup>

Na crônica, *A velha e a Nova Cidade*, Eurico Alves apresentou um embate entre a cidade da melancolia com a urbe que passou por metamorfose, vejamos alguns trechos:

Na velha paisagem sertaneja, Feira de Santana sempre foi um claro sorriso de tranquilidade. De chofre, porém, transforma-se a cidade sossegada e se movimenta. (...) Até a quarta década do século metamorfoseava-se a velha cidade provinciana (...). Até 1930 a antiga cidade do Silêncio e da Melancolia adormentava os românticos.<sup>79</sup>

Assim, a cidade lírica de Eurico Alves, continua em sua poesia a ter um espaço, porém passa a dividi-lo com a imagem de urbe que se transformou. Todavia, Alves dá um tratamento especial, a essa “Feira antiga” e sertaneja, com elementos tipicamente rurais, com a figura do vaqueiro, tão enaltecido em suas obras, divergindo com o que era posto pelos dirigentes de Feira de Santana, que tentavam através da imprensa tornar invisível essa cidade do silêncio e da melancolia. Ou seja, “na contra mão desses discursos, tal atitude procurava ‘lembra’ a gênese de Feira enquanto sertaneja, que nesse contexto parte das elites em ascensão procuravam suplantar.”<sup>80</sup>

Até aqui discutimos através de diversos olhares as representações sobre a urbe feirense. Essas representações se chocavam e coexistiam, demonstrando as contradições de uma cidade, em que os seus aspectos rurais relutavam em dar espaço às mudanças urbanísticas que insistiam em impor uma nova ordem, que pretendia hierarquizar e disciplinar, mas que eram constantemente burladas por seus habitantes, que não abandonavam

<sup>78</sup> SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da Saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja.** Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2009, p.140.

<sup>79</sup> Crônica sem identificação de data. Cf.: BOAVENTURA, Eurico Alves. *A Velha e a Nova Cidade. In: A Paisagem Urbana e O Homem: Memórias de Feira de Feira de Santana.* Feira de Santana: UEFS Editora, 2006, p.84-86.

<sup>80</sup> SOUZA, Eronize Lima. **Prosas da Valentia: Violência e Modernidade na Princesa do Sertão (1930-1950).** (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBa, 2008, p. 60.

os velhos hábitos. Esse debate acerca da percepção sobre a cidade não se encerra neste capítulo, veremos como isto se projetou nas diversões e experiências cotidianas da urbe feirense. Analisando como as perspectivas de civilidade e progresso estavam postas nesse universo do lazer, através da difusão da representação de Feira de Santana como a Princesa do Sertão.

## CAPÍTULO 2 - ENTRE BAIALES, TOCATAS, RECITAIS, ESPETÁCULOS CIRCENSES E PARTIDAS DE FUTEBOL: PANORAMA DAS DIVERSÕES EM FEIRA DE SANTANA

As demandas do projeto de civilidade e urbanização que nos referimos no capítulo anterior ordenavam um repertório de comportamentos mais urbanos e a configuração das diversões consideradas práticas modernas centravam-se nos bares, clubes e cafés luxuosos, no *footing*<sup>1</sup> nas avenidas e praças, nos cinemas, entre outras práticas, que para as elites traziam um forte apelo de distinção social, afinal eram sinônimas de refinamento.

Ao se referir às mudanças ocorridas nas décadas iniciais do século XX em Salvador, em função do processo de modernização, Raimundo Fonseca afirma que “havia uma necessidade, por parte das elites locais, em exibir seus novos capitais simbólicos e sociais, o que significava equipamentos de sociabilidades e lazer mais modernos e sofisticados.”<sup>2</sup> Apesar do cotidiano das práticas de diversões terem outro dimensionamento em relação a Salvador, na cidade feirense isto se deu também nessas relações simbólicas, na qual as elites tentavam ostentar seu prestígio e poder, porém experimentando o conflito de uma sociedade que vivenciava as contradições de relações fortemente ligadas aos seus aspectos rurais.

Inicialmente, tudo acontecia na Rua Conselheiro Franco, “a rua movimento”, antiga Rua Direita “ironicamente a mais ziguezagueante de todas”<sup>3</sup>. Ao longo desta via se localizavam as sedes das filarmônicas, a Escola Normal, o Grêmio Rio Branco, a Pensão Universal, o Clube Coreográfico Dois de Julho e o Cine-Teatro Santana. Segundo a direção sul, chegava-se à Igreja Matriz e à grande praça ajardinada com seu coreto, palco de diversas manifestações; e ao norte, o destino seria a Igreja dos Remédios. Apesar de fazer fronteira, de um ponto ao outro, com grandes marcos religiosos da cidade, tal espaço, em seus passeios e prédios, eram cenários para diversões, bailes diversos, espetáculos teatrais, sessões de filmes, folias de Momo, palestras e saraus, além, dos próprios festejos religiosos. Assim, era a Rua Direita que, nas três primeiras décadas do século XX, concentrava as agremiações culturais da urbe feirense.

---

<sup>1</sup> Era o passeio a pé feitos nas praças e avenidas, que possibilitava a paquera entre os rapazes e moças, pois geralmente ocorriam troca de olhares entre aqueles que aderiam a essa prática.

<sup>2</sup> FOSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897 – 1930.** Salvador: EDUFBA – Centro de Estudos Baianos, 2002, p.53.

<sup>3</sup> BOAVENTURA, Eurico Alves. **A Paisagem Urbana e O Homem: Memórias de Feira de Feira de Santana.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

Essas agremiações promoviam diversos eventos que possibilitavam momentos de descontração na cidade, oportunidades de interação entre as pessoas frequentadoras desses lugares, momentos no qual podiam ver e serem vistos, de olhar as novidades no mundo da moda. E mais, criar novos ou consolidar já existentes capitais simbólicos,<sup>4</sup> tecendo uma rede de relações que poderia se refletir em diversas perspectivas: políticas, como um possível apoio época de eleições; socioculturais, como propiciar namoros e casamentos, além de ser outro espaço para o desenvolvimento das sociabilidades femininas; e, por fim, as econômicas, como a possibilidade de se estabelecer contatos de negócios. Ou seja, foram espaços onde ocorreram múltiplas interações, mas que, principalmente, no período estudado serviram como difusores dos ideais de progresso.

Nessa perspectiva, o foco central do nosso trabalho é a discussão pertinente às diversões na urbe feirense, em especial àquelas que, de alguma maneira dialogavam com a lógica do progresso proposta para urbe como um projeto político de seus dirigentes, idealizando-a como uma cidade princesa. Ao longo desse capítulo o nosso objetivo é delinear um cenário dos divertimentos em Feira de Santana a partir de 1919, destacando algumas práticas socioculturais realizadas o ano todo, se relacionando ou não com o calendário festivo de Feira, que estavam perpassados pela discussão das perspectivas de civilidade. Todavia, enfatizamos que ao campo cultural feirense se incorporaram várias práticas e em nenhuma hipótese temos a pretensão de analisar um universo tão amplo. Assim nossa análise se debruçou sobre as filarmônicas, os grupos literários e dramáticos, os circos, o futebol e, sobretudo, o Cine-Teatro Santana.

Primeiramente analisaremos as filarmônicas e os grêmios litéro-drâmaticos por percebermos que estas agremiações estavam mais associadas às elites da cidade, logo, cumpriam a função de difusores do progresso e da civilidade. Assim, avaliaremos como as filarmônicas e os grêmios litéro-drâmaticos organizavam e ofereciam atividades de entretenimento na urbe, destacando o perfil das agremiações e os sujeitos que participavam das mesmas. Além disso, analisaremos como as relações tecidas nessas corporações se desdobravam no âmbito cultural, social e, principalmente, na esfera política.

Depois discutiremos duas formas de diversões que não eram lazeres restritos para um determinado segmento social, apesar, de muitas vezes, haver distinção quanto a um segmento e outro. Porém, salientamos que nesse universo das diversões perpassadas por estas tensões,

---

<sup>4</sup> Conforme Bourdeau a produção de bens simbólicos e relações simbólicas acabam por se interligarem com os traços distintivos na estrutura social de uma sociedade. BOURDEAU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

conflitos e contradições, não podemos assumir uma postura unilateral ou dicotômica, entre as diversões experimentadas pelas elites locais e as camadas menos abastadas da população, pois “as relações estabelecidas nos espaços festivos entre os diversos grupos sociais e suas práticas revelam experiências culturais múltiplas”<sup>5</sup>. Além disso, compartilhamos da ideia de Peter Burke acerca da cultura, pensando a mesma como uma dimensão ampla, onde os conflitos e as contradições se apresentam e se reinventam em outros modos de ser e estar na cidade, além de possibilitar interações entre os diversos grupos sociais.<sup>6</sup> Sendo assim, discutiremos também os espetáculos circenses que geralmente aconteciam nas imediações da Praça da Matriz e as partidas de futebol realizadas em ambientes específicos, como os estádios, e também nas ruas. Tais diversões ora conflitavam com os pressupostos de civilidade, como Circo, ora significam uma via de duplo sentido, como futebol que a depender da forma praticada, poderia ser associado tanto com a civilidade, quanto aos aspectos tidos como de incivilidade. Então, vejamos como esse universo cultural se configurou em Feira de Santana nas décadas de 1920, 1930 e 1940.

### **As Filarmônicas “abrilhantando a Princesa do Sertão”**

Conforme nos fala Poppino, a música tinha um papel fundamental nas diversões e festeiros da cidade, sendo que “na maioria dos casos a música ficava a cargo de uma filarmônica”.<sup>7</sup> As filarmônicas eram agremiações musicais, compostas geralmente por um regente e mais ou menos 40 músicos, além dos associados e seus demais familiares. Geralmente estes agrupamentos musicais eram ligados a setores das elites políticas, enquanto outros possuíam vínculos diferentes, essas agremiações se distinguiam por demarcações de espaços políticos e sociais, eram instituições sinônimos de poder, e como tal, eram “elementos de inserção e delimitação de espaços simbólicos de seus respectivos grupos no quotidiano da sociedade e nos momentos de afirmação da identidade feirense.”<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> TELES, Adriana Silva. **Presença Negra na Festa de Santana (1930-1950).** (Monografia de Pós-Graduação em Teoria e Metodologia da História) Feira de Santana, 2000, p.14.

<sup>6</sup> BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>7</sup> POPPINP, ROLLIE E. **Feira de Santana.** Salvador: Editora Itapuã, 1968, p. 287.

<sup>8</sup> MAGALHÃES, Antônio F.; SILVA, Aldo José M. ; OLIVEIRA, Clóvis Frederico R. M. **História nas lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Magalhães.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2009, p. 238.

Além disso, eram mantidas por doações dos seus membros associados e sócio-beneméritos<sup>9</sup> e através de rendas obtidas por meio de eventos filantrópicos. Para Anderson dos Santos, as filarmônicas se alinhavam com a política civilizadora que se projetou no contexto da Primeira República, afirmando que:

As filarmônicas foram fundadas para a educação musical, (...) posto que a música era considerada pelas elites como um elemento importante para concretude do processo “civilizador”, europeizando costumes de matriz africana (...), também ajudava a difundir, através das marchas e dos dobrados executados pelas filarmônicas em desfiles cívicos, os valores de progresso e civismo.<sup>10</sup>

Deste modo, as filarmônicas eram associações que projetavam visões de mundo e imprimiam as aspirações dos grupos que as formavam. “Educar, abrilhantar, refinar” as pessoas e os ambientes nos quais elas tocavam, cumpria a lógica de civilizar e difundir os valores progressistas. Para João de Mattos, as filarmônicas

Eram uma forma de adaptação ou reapropriação dos símbolos sonoros desempenhados pelas bandas militares, que tinham participação em grande parte das cerimônias da monarquia. Esses rituais simbólicos foram se sedimentando na sociedade brasileira ao longo do século XIX, principalmente a partir de 1808, com a vinda de D. João VI – acompanhado da corte portuguesa para o Brasil.<sup>11</sup>

Em Feira de Santana quem cumpriu as funções de abrilhantar as festas e demais eventos eram as três filarmônicas da cidade: a Sociedade Filarmônica 25 de Março, a Sociedade Filarmônica Vitória e a Sociedade Filarmônica Euterpe Feirense. Sobre a fundação de tais agremiações, o memorialista Antônio de Lajedinho afirma que a primeira a ser fundada foi a 25 de Março, exatamente nesse dia do ano de 1868, por membros da elite feirense, como João Manoel Laranjeira Dantas, Juvênia Erudilho, Antônio Joaquim da Costa. A Vitória foi fundada no ano de 1873, pelo Padre Ovídio Alves de São Boaventura e um grupo de dissidentes da 25 de Março, sob a regência do Sr. Manoel Tranquilino Bastos.<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> De acordo com Anderson Santos a condição de sócio-benemérito era concedida aos membros de grande destaque na corporação, que geralmente contribuíam com grandes somas de dinheiro. “(Para merecer tal honraria deviam gozar de grande notabilidade e prestígio social naquela sociedade, inseridos no seletivo grupo das elites locais, intervenientes diretos na vida local, principalmente na vida política.) Cf.: SANTOS, Anderson de Rieti Santa Clara do. **Músicas nos Coretos: Ruidos nos Palacetes: o cotidiano das filarmônicas de Santo Amaro da Purificação – Bahia (1898-1932)**. Feira de Santana, UEFS, 2009, p16.

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p.17 e18.

<sup>11</sup> MATTOS, João Riso Souza Liberato de. **Filarmônica Nossa Senhora da Conceição: Funções de uma banda de música no agreste sergipano no período entre 1898 e 1915**. (Dissertação de Mestrado em Música). Salvador: UFBa, 2007, p. 42.

<sup>12</sup> Foi um importante maestro da Bahia, que ajudou a fundar diversas agremiações musicais no recôncavo baiano, em Feira de Santana atuou na Filarmônica Vitória até o ano de 1908. Ressaltamos a sua importância nas histórias das filarmônicas das cidades de São Gonçalo, de São Félix e de Cachoeira. RAMOS, Jorge. **O semeador de orquestras: histórias de um maestroabolicionista**. Salvador: Solisluna Editora, 2011.

Percebemos as tensões e conflitos já faziam parte do cotidiano dessas agremiações, pois a Vitória foi fundada a partir de um conflito no interior da outra filarmônica<sup>13</sup>. Salientamos que essas corporações musicais eram espaços de relações de poder, com atuações sociopolíticas, assim quem pertencia a uma determinada filarmônica não pertencia à outra, proporcionando momentos de disputas nesse universo do lazer.

No ano de 1921 foi fundada a Sociedade Filarmônica Euterpe Feirense, que teve como um dos sócios efetivos Eduardo Fróes da Motta, filho do Cel. Agostinho Fróes da Motta um importante político da cidade<sup>14</sup>:

Aos treze dias do mês de dezembro de 1921, nesta cidade à Rua Conselheiro Franco nº 100 presente seleta multidão de adeptos, - a presidência provisória de Dr. Mario Ferreira Ramos , reunidos para a fundação da Sociedade Philarmonica nesta cidade, (...) sendo seu primeiro presidente eleito Sr. Leolindo Ramos Júnior (...).<sup>15</sup>

Ainda sobre essa agremiação, Lajedinho argumenta que um dos membros mais marcante nessa Filarmônica foi o do Sr. Hermínio Santos, um dos “sócios da firma Marinho, Santos & Cia, quem, com seus próprios recursos, a manteve, (...) legando-lhe ainda parte dos seus bens imóveis”. Nisto o memorialista se referiu à doação feita pelo Sr. Santos do terreno da sede na Rua Conselheiro Franco e, posteriormente, parte do prédio, onde atualmente ainda funciona a Filarmônica e outros estabelecimentos comerciais. A estreia dessa Filarmônica foi noticiada pelo jornal *Folha do Norte* no início de 1922:

Ocorreu no último domingo, as grandes e pomposas festas de estreia da filarmônica Euterpe Feirense.

Foi celebrada missa festiva, às 10 horas, na matriz com a presença da nova banda musical, havendo sermão do (...) pregador padre Paiva Marques. A tarde a Euterpe acompanhada de compacta massa popular, que a vitoriava delirantemente, percorreu as ruas da cidade, que se acha embandeiradas em vários pontos, falando no trajeto vários oradores.<sup>16</sup>

A inauguração dessa agremiação musical foi bem recebida pela população, que participou dos festejos públicos dessa filarmônica. Há no discurso do *Folha do Norte* uma receptividade para com a Euterpe, visto que a mesma por ser novata ainda não estava no cenário das disputas políticas e sócio-culturais que existiam entre a 25 de Março e a Vitória. Enfatizamos isto porque os donos do *Folha do Norte*, os irmãos Silva (Dalvaro, Raul e

<sup>13</sup> LAJEDINHO, Antônio do. **A Feira na Década de 30**. Feira de Santana, 2004. p. 90 e 91.

<sup>14</sup> Exerceu a função de Intendente, no período de 1915 a 1920, foi presidente do Conselho Municipal, provedor da Santa Casa de Misericórdia, entre outras instituições da cidade, em que ocupou cargos de diretória. Seu Filho Eduardo Fróes da Motta em 1944 foi prefeito de Feira de Santana. Ver: ALMEIDA, Oscar D. **Dicionário Personativo, Histórico e Geográfico da Feira de Santana**. Feira de Santana: Aliança Editora, 1998, p. 63.

<sup>15</sup> Livro de Ata de Assembleia Geral da Filarmônica Euterpe Feirense, 1921 nº 1, da p.1. Acervo da Sociedade Filarmônica Euterpe Feirense.

<sup>16</sup> FOLHA DO NORTE. **Ph. Euterpe Feirense**. Feira de Santana, fevereiro de 1922, p.2. Não foi possível registrar a data de veiculação dessa notícia, visto que o documento analisado estava justamente danificado na parte onde fica data, sendo possível apenas identificar o mês e o ano.

Arnold) foram membros da 25 de Março. Adiante veremos como este periódico, ao se referir a cada agremiação deu um tratamento diferenciando, explicitando as suas distinções sociais e políticas. A imprensa dava a estas agremiações uma boa visibilidade, divulgando as demais ações das filarmônicas na cidade e fora dela, isto porque as mesmas eram vistas com um meio difusor de hábitos civilizados, que proporcionava momentos para “refinar os espíritos”.

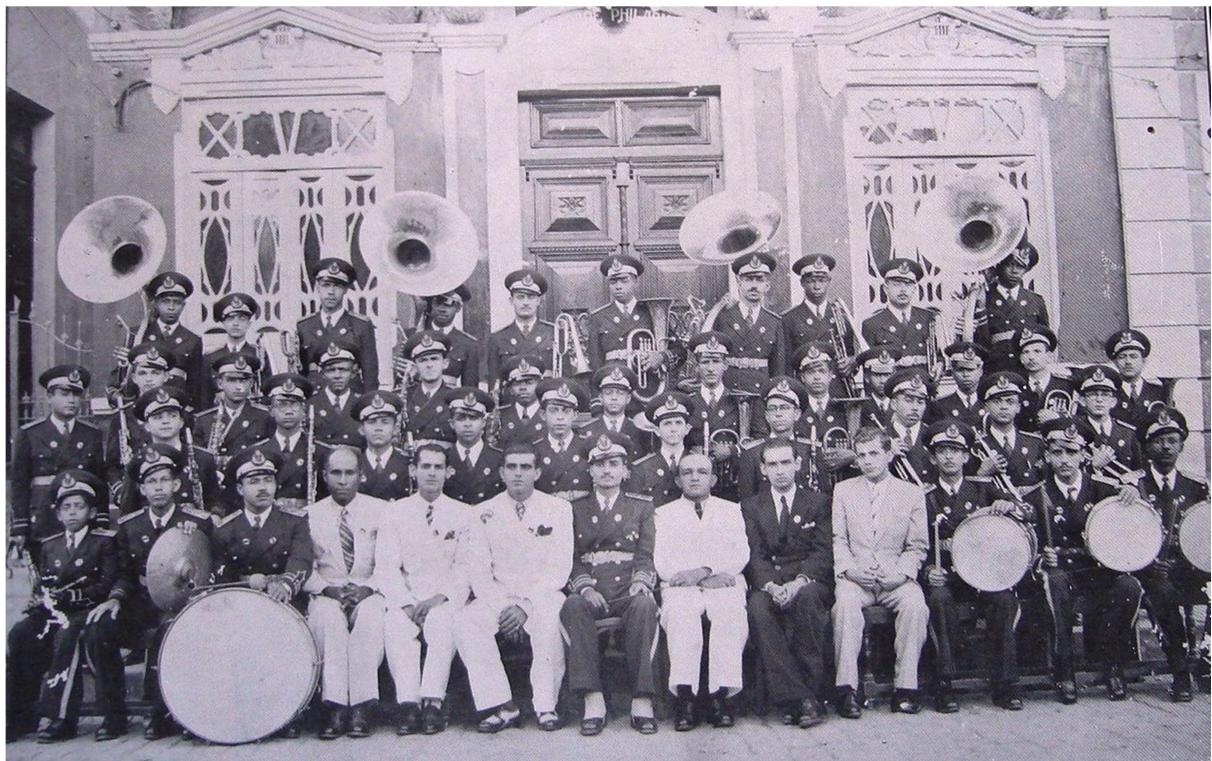
Destacamos a importância que esses jornais, enquanto fontes nos permitiram rastrear o cotidiano dessas agremiações, visto que algumas delas, como por exemplo, a Vitória, teve seu acervo perdido, sendo encontrado apenas algumas partituras junto com a documentação da 25 de Março, provavelmente, fruto da migração dos regentes de uma filarmônica para outra. Mesmo assim, temos a dimensão metodológica de problematizarmos tais fontes como construtora de um tipo de discurso que contribuía para consolidar as ações de determinados grupos na sociedade feirense.

A mudança de diretória de uma Filarmônica seguia alguns protocolos, a programação do evento era composta por missa festiva e desfiles nas vias públicas; depois, na sede, ocorria à sessão solene de posse e, por fim, aconteciam concorridos bailes dançantes. Conforme o publicado na imprensa, na sessão de posse era divulgado os relatórios do ano anterior; então o novo presidente era empossado com o fundo musical da banda da agremiação, seguido de um juramento e uma oração em conjunto com os demais funcionários. Além disso, o orador oficial, também eleito, como os outros cargos, fazia um discurso em que ressaltava as virtudes da filarmônica da qual fazia parte. Finalizada a sessão, passava-se para o baile dançante, onde eram servidos doces e bebidas.

As filarmônicas se faziam presentes nos diversos eventos políticos, sociais, religiosos da urbe, animando a população. Realizavam bailes e eventos nas suas sedes, contando com a presença dos mais ilustres filhos da terra feirense. Fora da sede, faziam apresentações nas praças, as tocatas musicais, passeios e caravanas, bem como atuavam em bailes de formaturas da Escola Normal e, depois, do Ginásio Santanópolis. Participavam, ainda de alguns casamentos de seus sócios e acompanhavam algumas cerimônias fúnebres. Além disso, a participação de tais grupos era fundamental nos bailes carnavalescos, eventos religiosos como a Festa de Nossa Senhora Santana, nos desfiles cívicos pelas ruas da urbe, bem como inaugurações de obras públicas, além da participação nos eventos cotidianos da cidade. Portanto, “as filarmônicas eram parceiras complementares do jogo do poder, desempenhavam o

papel de garantir o brilhantismo dos eventos políticos, num prenúncio do que viria a se converter nos ‘showmícios’ da segunda metade do século XX.”<sup>17</sup>

Os bailes em suas sedes aconteciam por diversos motivos, poderia ser carnavalesco e/ou micaretesco<sup>18</sup>, geralmente à fantasia, bailes da primavera onde ocorriam concursos de beleza, festas dançantes benéficas realizadas pelos setores femininos dessas agremiações, festas de *Réveillon* e os bailes que se relacionavam com datas comemorativas das filarmônicas, como comemoração de aniversário de fundação e posse de nova diretoria, como citamos anteriormente, ou mesmo a estreia de um novo fardamento.



**Figura 3:** Banda da Sociedade Filarmônica 25 de Março e sua diretória, na solenidade de inauguração do fardamento em setembro de 1940.

<sup>17</sup> MAGALHÃES, Antônio F.; SILVA, Aldo José M.; OLIVEIRA, Clóvis Frederico R. M. **História nas lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Magalhães**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009, p. 238.

<sup>18</sup> Conforme indica Miranice Silva, a Micareta foi instituída a partir do ano de 1937, sendo que essa forma de vivenciar a folia de Momo conviveu com o Carnaval até o ano de 1939, depois ficou sendo realizada a folia fora de época conhecida como a Micareta. De acordo com Aldo Silva, a abertura da rodovia Feira-Salvador ocasionou um êxodo dos foliões feirenses para o carnaval da capital, fato que provocou um abalo para uma fração da elite feirense, na questão identidade social da cidade. Primeiro houve a insistência na comemoração do Carnaval na cidade, porém a “folia de páscoa” se tornou uma alternativa pelo qual a identidade de “terra especial” poderia ser preservada. Aldo Silva verifica a coexistência das duas comemorações na cidade, porém chama atenção que gradativamente o carnaval foi perdendo prestígio, e a micareta por sua vez se consolidando como parte da identidade social dos feirenses. Na ordem de citação: SILVA, Miranice Moreira da. **De Carnaval à Micareta: Feira de Santana para além dos dias de Momo (1930-1939)**. (Monografia de Graduação em Licenciatura em História). Feira de Santana: UEFS, 2010. SILVA, Aldo José Moraes. **De Terra sâ o berço da micareta: estratégias constitutivas da identidade social em Feira de Santana**. In: **Revista de História Regional** 13 (2) 104 – 133: Inverno, 2008.

Fonte: GAMA, Raimundo. **Memória Fotográfica de Feira de Santana**. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994, p. 206.

De acordo com o que foi mapeado nos jornais, o fardamento tinha um grande significado para essas agremiações, posto que a troca do mesmo era motivo de celebração. Aos participantes da banda era exigido um zelo pela aparência, ou seja, não era conveniente para a banda ter integrantes com a farda suja ou amassada, nada podia comprometer a imagem de ordem e de refinamento que estas agremiações representavam. Da mesma forma, os cuidados se estendiam aos instrumentos musicais, estes deveriam ser bem conservados e devidamente afinados. Na foto (figura 3), percebemos que o ar de imponência é transmitido pelos associados da 25 de Março, devidamente arrumados, tendo a diretoria na fileira de cadeiras da frente. No meio dela, devidamente fardado, o regente responsável pela orientação musical da banda.

A questão da disciplina do corpo musical era cobrada e motivo de conflitos internos, pois alguns músicos cometiam atos que contrariavam os estatutos das filarmônicas e, por sua vez, resultava na suspensão de músicos ou até de todo corpo musical. É o que foi possível constatar nas leituras das Atas do Conselho Administrativo da Sociedade Filarmônica 25 de Março, no qual algumas situações de falta de decoro e indisciplina são citadas:

A Banda Musical esta suspensa em qualquer eventualidade até que o corpo musical seja digno de elogios e admiração portando-se como ordena a boa educação, nas festas públicas e particulares, abandonando esta indisciplina que ora impera entre o corpo musical. (...). O músico Paulo Pestana frequentava os ensaios completamente ebrio e maltrapilho, motivo mais que justo para a sua interdição conforme consta no ofício que lhe foi enviado. Os músicos que excederam com a indisciplina foram Mário Castro, Waldemar Falcão, Heraldo Silva, Anacleto Carvalho e Nelson, e mais outros com culpas atenuantes. (...) O vice-presidente citou exemplos de irregularidades que existem na sala de ensaios como: fumar no recinto em que se ensaiava; conservar-se de chapéu na cabeça.<sup>19</sup>

Podemos verificar as tensões dentro da agremiação musical, pois sendo a filarmônica uma difusora de ideias de civilidade, era inadmissível que seus músicos se portassem de forma incompatíveis com as perspectivas da moral e dos bons costumes. No decorrer da ata são registrados pedidos de desculpas por alguns dos músicos citados, ao final foi informado que devido às faltas nos ensaios e em decorrência das falhas cometidas o músico Paulo Pestana foi afastado por tempo indeterminado do corpo musical da 25 de Março.

---

<sup>19</sup> Livro de Ata do Conselho Administrativo da Sociedade Filarmônica 25 de Março. Feira de Santana, 02 de junho de 1936. Acervo do CEDOC/UEFS.

As questões colocadas como irregulares, a exemplo da embriaguez, do uso do cigarro nos ensaios e do fato de não tirar o chapéu no momento dos ensaios, provavelmente, poderiam constar no estatuto dessa agremiação, mas como não encontramos essa documentação não podemos afirmar com precisão. Essa hipótese fica formulada, pois está escrito na ata da filarmônica. Portanto, estes atos irregulares eram tidos como desrespeitosos a instituição musical e, por isso mesmo, passíveis de punições, inclusive da exclusão do corpo da banda, pois as atuações da filarmônica no cenário das diversões deveriam ser impecáveis. Porém, pontuamos que a existência destes conflitos pode identificar que nem sempre os músicos compartilhavam dos mesmos valores dos dirigentes das filarmônicas, no qual a disciplina e o refinamento eram possivelmente perspectivas centrais das regras do estatuto, e assim existiram momentos que estes transgrediram estas normas.

Os eventos realizados nas sedes eram mais restritos, direcionados para os associados, composto, conforme a agremiação, por diversos setores da sociedade feirense, em especial dos setores mais abastados. Através das fontes não foi possível perceber se em algumas dessas agremiações houve participação de pessoas dos setores populares, pois os jornais ao se referirem as festas ocorridas nas sedes apenas citavam a participação das elites; nos jornais, os populares só eram mencionados nas festas ocorridas fora da sede.

Dentre os bailes mais concorridos, destacamos os bailes de carnaval realizados nas sedes das filarmônicas. Sobre eles, Miranice Silva alega que “realizavam-se os bailes de fantasias, no qual privilegiavam o glamour europeu, lembrando um carnaval civilizado”<sup>20</sup>, ou seja, os bailes eram momentos para demonstrar, seja pela via da moda ou pelos finos tratos, que novas sociabilidades seguiam as tendências europeias, em especial a francesa, e depois a americana, pela força da difusão dos filmes hollywoodianos. Conforme Cristiana Ramos, além das diversas relações desenvolvidas neste tipo de festas, os bailes possibilitavam, através da presença feminina, no que tange ao uso de roupas elegantes e, em especial o uso de joias, a expressividade de poder e de prestígio das famílias das quais estas faziam parte.<sup>21</sup>

No *Folha do Norte* eram divulgados os bailes das filarmônicas, porém cada associação musical era tratada diferentemente, tudo que se relacionava a 25 de Março era caracterizado pelo periódico como “*chic*, requintando, luxuoso”, então seus bailes eram regados de

---

<sup>20</sup>SILVA, Miranice Moreira da. **De Carnaval à Micareta: Feira de Santana para além dos dias de Momo (1930-1939).** (Monografia de Graduação em Licenciatura em História). Feira de Santana: UEFS, 2010, p. 21 e 22.

<sup>21</sup>RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. **Timoneiras do Bem na Construção da Cidade Princesa: Mulheres de Elite, Cidade e Cultura (1900 – 1945).** (Dissertação de mestrado). Santo Antônio de Jesus: UNEB, 1992.

“bebidas, doces e gelados finos próprio da distinta e refinada banda”<sup>22</sup>. Isto porque a “25 de Março era mantida pelos mandatários da cidade, como os coronéis Agostinho Fróes da Mota e Bernadino Bahia, entre outros vultos de projeção”<sup>23</sup>, o que lhe redia destaque. Além disso, havia a ligação do referido periódico com a 25 de Março, pois Arnold Silva, um dos seus donos, exerceu as funções de presidente e orador oficial de tal filarmônica. Deste modo, podemos afirmar que essa identificação da 25 de Março como uma agremiação diferenciada, articuladora dos principais políticos da cidade, aconteceu justamente, por uma questão política, em que essas instituições sociais eram espaços de relações de poder, no qual por meio de atividades socioculturais foram difundidos os propósitos políticos dos grupos dirigentes da cidade e se articulavam com outras diversas instituições, como veremos no próximo capítulo.

A Vitória, nascida pouco depois da 25 de Março, e por ter em seus quadros pessoas renomadas na urbe, como o Dr. Gastão Guimarães e Dr. Juventino Pitombo, tinha suas atribuições enaltecidas nas páginas do *Folha do Norte*, porém de forma suavizada, para distingui-la da “requintada” 25 de Março. Assim, a Vitória era a “simpática e estudiosa” agremiação que realizava “prestimosos bailes dançantes, servindo doces e bebidas”.

A Euterpe era apresentada como “estudiosa e esforçada” e seus bailes eram citados sem maiores qualificações, ou seja, como esta agremiação era nova, tinha que “se esforçar” para demarcar o seu lugar social, pois não contava com a tradição das filarmônicas fundadas no fim do século XIX, que tinham conquistado prestígio na cidade. Porém, a partir da metade da década de 1930, o *Folha do Norte* deu mais créditos à Euterpe Feirense, apresentando a filarmônica com mais predicativos do que no período da sua inauguração, isto pode ser compreendido no campo político, posto que alguns políticos pertencentes a outras filarmônicas começam atuar na Euterpe, como Eduardo Fróes da Mota. Pontuamos que das filarmônicas feirenses, apenas a Euterpe se mantém na ativa até os dias de hoje.

No aniversário de cinquenta anos da Vitória, o *Folha do Norte* fez uma intensa cobertura sobre os festejos, inclusive publicando uma matéria na página principal. No título da mesma fica evidente as disputas políticas que regem essas agremiações: “As festas jubilares da Vitória: a cidade inteira, sem distinção de cores partidárias, festejos dos

---

<sup>22</sup> Esses predicados são recorrentes em suas notícias, Ver: FOLHA DO NORTE. **Sociedade 25 de Março**. Feira de Santana, 06/01/1923, nº 664, p. 1.

<sup>23</sup> BOAVENTURA, Alberto Alves. **Estórias e Fatos (prosas) – Troar de Ilusões (poemas)**. Feira de Santana, 1980, p. 21 – 23.

cinquenta anos da simpatizada sociedade orpheica”<sup>24</sup>. Ou seja, apesar das rivalidades existentes entre as agremiações, o jornal ressaltava importância da comemoração, que de fato foi grandiosa, vejamos alguns trechos:

(...) A cidade amanheceu com ar festivo, tremulando nas suas fachadas as bandeiras de todas as corporações locais. (...) Estiveram presentes autoridades e pessoas gradas (...). A corporação musical apresentou-se envergado no seu novo fardamento de casimira, azul com dragonas e passamanos dourados. (...)<sup>25</sup>

A festa durou três dias, com celebração de missa, benção da sede da filarmônica, baile dançante à noite, e uma grandiosa passeata feita pela filarmônica acompanhada de populares, no qual ocorreram manifestações de pessoas ilustre da sociedade feirense, entre elas o poeta Godofredo Filho. Cabe ressaltar que as outras agremiações musicais da cidade participaram desse festejo, além de receber felicitações das filarmônicas de outras cidades.

Da sacada do edifício social (Vitória) recitou belíssima poesia a senhorinha Fabiola Vital. Em frente às sociedades Monte Pio dos Artistas, Vinte e Cinco e Euterpe, a banda parou e saudou com o hino as respectivas bandeiras, trocando se calorosos vivas.<sup>26</sup>

Outro aspecto ressaltado foi à beleza da sua sede, que teve a fachada remodelada por causa dos festejos do seu jubileu. Segundo o *Folha do Norte*, o palacete social foi remodelado, a “planta do engenheiro Accioli Ferreira é uma das mais elegantes entre as boas edificações da cidade, (...) majestoso edifício, todo iluminado interna e externamente, com deslumbrante aspecto”<sup>27</sup>. Percebemos, que a sede da Vitória, assim como também a da 25 de Março, eram prédios tidos como elegantes, afinados com uma estética alinhada com o ideário de cidade Princesa, lembrando que o referido engenheiro foi citado pelo *Folha do Norte* como o responsável pelo projeto de construção do Paço Municipal. Na foto abaixo (figura 4), podemos verificar as tendências dessa estética que tinha inspirações na arquitetura europeia.

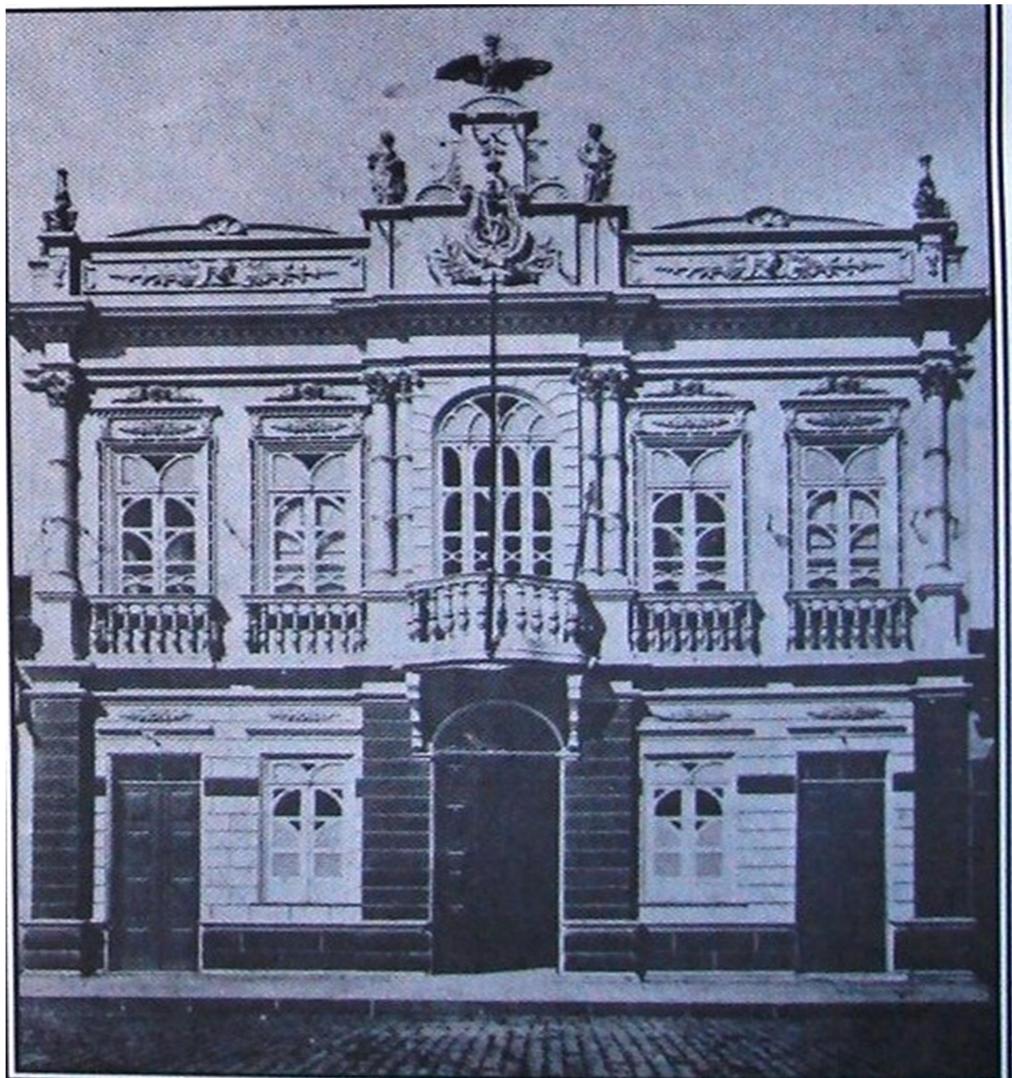
---

<sup>24</sup> FOLHA DO NORTE. **As festas jubilares da Vitória.** Feira de Santana, 28 de julho de 1923, p.1.

<sup>25</sup> FOLHA DO NORTE. **As festas jubilares da Vitória.** Feira de Santana, 28 de julho de 1923, p.1.

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> Idem.



**Figura 4:** Sede da Sociedade Filarmônica Vitória, situada na Rua Conselheiro Franco.

Fonte: GAMA, Raimundo. **Memória Fotográfica de Feira de Santana**. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994, p. 200.

Nem só de bons momentos viviam as filarmônicas, através do *Folha do Norte* e de uma crônica escrita por Alberto Boaventura foi possível perceber problemas no desenvolvimento das atividades dessas agremiações. Foi o ocorrido com a 25 de Março, que teve sua banda musical dissolvida duas vezes. A primeira foi noticiada pelo citado periódico, indicando que em “1921- A Sociedade 25 de Março festeja a reorganização de sua banda musical, dissolvida, nove meses antes, por medida de caráter disciplinar”<sup>28</sup>. O outro foi registrado por Boaventura, no ano de 1927:

Ativamente ela existiu até 1927, quando teve o corpo musical dissolvido e a sua sede fechada. Houve um colapso na diretória da época. Só em 1931 com o retorno à

<sup>28</sup> MONCORVO, Gil. Coluna: Crônica feirense. In: **Folha do Norte**. Feira de Santa, 06 de outubro de 1923, p. 1. De acordo com informações do pesquisador Carlos Alberto Mello, este Gil Moncorvo, era um pseudônimo utilizado por Arnold Silva, que posteriormente no final da década de 1930, escrevera uma versão dessa mesma coluna, a coluna da Vida feirense.

está a cidade do Cel. Américo de Almeida Pedra, foi iniciada uma campanha para o surgimento do corpo musical e reforma da sua sede social, e a Sociedade Filarmônica 25 de Março voltou a se integrar na comunidade feirense.<sup>29</sup>

Ao que tudo indica, esse hiato no funcionamento da 25 de Março aconteceu devido aos desentendimentos entre os sócios e a diretória, resultando em outros dois problemas: a inadimplência dos seus associados e a falta de manutenção da estrutura da sede, que apesar de ter passado por reformas no ano de 1924<sup>30</sup>, enfrentou novos desgastes. Boaventura estava certo ao afirmar que a retomada da 25 de Março aconteceu em 1931 e pela iniciativa do Cel. Américo de Almeida Pedra, pois o *Folha do Norte* de 1931 veiculou a notícia da reorganização da filarmônica, bem como as ações deliberadas pela nova diretória. Entre os responsáveis pelo resurgimento destacamos também João Marinho Falcão, Adalberto Constâncio Pereira e Dr. Elpídio Raymundo Nova, que acabara de deixar o cargo de intendente da cidade. Entre as medidas tomadas foi concebido a anistia aos antigos sócios que tinham as mensalidades atrasadas, definido uma reformar na sede social da agremiação, a arrecadação de donativos em prol da mesma, assim como a organização de eventos benéficos a favor da 25 de Março.<sup>31</sup>

Todavia, as leituras das fontes não informam de maneira nítida os motivos desencadeadores de tal conflito, a ponto dessa filarmônica ter ficado quatro anos sem atuar. As fontes apenas esboçaram as possíveis causas, mas acreditamos que a disputa por poder era muito presente nessa agremiação, desde os primórdios da sua fundação, o que pode ter sido um fator decisivo para tal acontecimento. Como nos fala Anderson dos Santos, para os homens de elite “as filarmônicas, e demais associações locais mostravam-se como termômetros de seu prestígio e de sua popularidade”<sup>32</sup>, pois era uma forma de articular relações políticas e, desse modo, se justifica tais disputas.

No entanto, o *Folha da Feira* também noticiou a crise de agremiações musicais de outras cidades e de distritos, afirmando que “as bandas musicais surgem, crescem, mas não florescem”, destacando o declínio das seguintes filarmônicas: União de Irará, Lyra Barbarense da cidade de Santa Barbara e a Filarmônica Maria Quitéria de Tanquinho. Além disso, a nota ainda ressaltou que isto não poderia acontecer, porque o desenvolvimento de tais agremiações

<sup>29</sup> BOAVENTURA, Alberto Alves. **Estórias e Fatos (prosas) – Troar de Ilusões (poemas)**. Feira de Santana, 1980, p. 52 -54.

<sup>30</sup> FOLHA DO NORTE. **Sociedade 25 de Março**. Feira de Santana, 01 de março de 1924, p.1.

<sup>31</sup> FOLHA DO NORTE. **Soc. 25 de Março – Cuida-se da sua reorganização – A nova diretória**. Feira de Santana, 16 maio de 1931, p.1.

<sup>32</sup> SANTOS, Anderson de Rieti Santa Clara do. **Músicas nos Coretos: Ruídos nos Palacetes: o cotidiano das filarmônicas de Santo Amaro da Purificação – Bahia (1898-1932)**. Feira de Santana, UEFS, 2009, p 72.

era um “fator máximo de civilização de um povo (...), e a música na sociedade tanto constituem o lenitivo das classes, quanto às letras na cultura e no aperfeiçoamento das raças”<sup>33</sup>. Ou seja, não poderia deixar de se promover o desenvolvimento, e a manutenção das filarmônicas, pois elas eram um elemento importante para constituição de “novos homens”, os cidadãos, posto que essas instituições foram importantes difusoras das perspectivas civilizadora. Adiante, veremos como nas atividades fora das sedes essas agremiações sociais se estendiam ao público mais amplo, já que nas manifestações ocorridas nas vias públicas contavam com a participação de sujeitos oriundos de todas as classes.

As mudanças empreendidas no início do século XX e fim do XIX possibilitaram que as mulheres fossem se inserindo nos espaços públicos. As mulheres de elite encontraram nas atividades assistencialistas um caminho para essa inserção. Posteriormente, a via do exercício do magistério se constituiu em outra possibilidade de trânsito num espaço até então considerado masculino. Cristiana Ramos, ao falar das mulheres de elite feirense e da atuação destas no Asilo de Nossa Senhora de Lourdes, destaca que o “trabalho filantrópico era mais uma possibilidade de entrar no cenário público, sociabilizando-se”<sup>34</sup>, e aponta a instalação da Escola Normal em Feira de Santana como sendo um outro meio de possibilitar que as mulheres saíssem dos seus lares e adentrassem em outros lugares na cidade.

Outras instituições contribuíram para ampliar essa inserção, como as agremiações musicais femininas, dando a possibilidade dessas mulheres se agruparem em torno de atividades sociais e culturais conquistando certa notoriedade na urbe feirense. Essas agremiações musicais representavam a ala feminina das filarmônicas da cidade, contribuindo para que eventos fossem realizados, e a cultura musical fosse difundida pelas mulheres. O Clube das Adeptas da Vitória (Filarmônica Vitória), o Grêmio das Protetoras da 25 de Março (Filarmônica 25 de Março) e a Associação das Amadoras da Euterpe (Filarmônica Euterpe Feirense), de acordo com o publicado no *Folha do Norte*, eram agremiações formadas por senhoras e senhorinhas da elite feirense, que organizavam quermesses, passeios, piqueniques, bailes e chás benéficos em prol das agremiações do qual faziam parte<sup>35</sup>.

---

<sup>33</sup> FOLHA DA FEIRA. **As Bandas Musicais surgem, crescem, mas não florescem.** Feira de Santana, 17 de julho de 1933, p. 3.

<sup>34</sup> RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. **Timoneiras do Bem na Construção da Cidade Princesa: Mulheres de Elite, Cidade e Cultura (1900 – 1945).** (Dissertação de mestrado). Santo Antônio de Jesus: UNEB, 1992, p. 8.

<sup>35</sup> FOLHA DO NORTE. **Grêmio de Protetoras da Ph. 25 de Março.** Feira de Santana, 11 de agosto de 1923, p. 1.

No Jornal *Folha do Norte* de 1923, foi veiculada a notícia da fundação da agremiação feminina da Euterpe Feirense, inclusive divulgando a lista de sua diretoria, tendo como presidente a senhora Maria da Glória<sup>36</sup>. Da 25 de Março participavam a professora Ursula Martins, Eunice, Eunira e Eldira Boaventura, irmãs de Eurico Alves, bem como Gerolina Falcão, que exerceu a função de vice-presidente em 1935. A atuação dessas mulheres nas agremiações, além de representar outra forma de inserção no cenário público, era um meio de acentuar as relações sociais e políticas, pois articulavam atividades que repercutiam no aumento do prestígio de seus maridos e demais familiares. Assim destacamos o papel importante dessas mulheres em organizarem eventos que se revertiam em rendas para as filarmônicas, possibilitando a compra de novos instrumentos, o pagamento dos músicos, como também a possibilidade de aquisição de fardamentos novos. Alguns dos passeios organizados por essas agremiações femininas das filarmônicas se relacionavam com as comemorações dos Santos padroeiros das cidades vizinhas, posto que estas mulheres geralmente pertenciam a alguma irmandade católica da cidade, sendo este mais um motivo para a realização de tais passeios.

Os passeios e as tocatas foram outras atividades realizadas pelas filarmônicas de fundamental importância no cenário das diversões feirenses, colaborando para que os ideais de civilidade fossem difundidos para além do ambiente de suas sedes. Portanto, discutiremos as diversões ocorridas fora das sedes destas agremiações musicais, as participações nas festas de Santana, nos festejos de Momo, nas tocatas musicais realizadas nas praças da urbe, nos passeios recreativos às cidades vizinhas, nos desfiles cívicos, verificando as diferenciações das práticas de lazer em recintos mais reservados.

A participação das filarmônicas nos festejos da padroeira da cidade era uma tradição, e um meio pelo qual essas agremiações reverenciavam Nossa Senhora de Santana, sendo também espaços de disputas, pois cada filarmônica tentava superar as demais durante a participação no novenário.

As comemorações de Nossa Senhora faziam parte do calendário oficial das festividades feirenses. Conforme Silvania Batista, “a festa em honra a essa Santa mobilizava a sociedade feirense, simbolizando uma aparente homogeneidade, por agregar uma diversidade de grupos”<sup>37</sup>. Antes da comemoração oficial ocorriam o pregão e o Bando Anunciador. O

<sup>36</sup> FOLHA DO NORTE. **Associação das Amadoras da Euterpe**. Feira de Santana, 07 de julho de 1923, p. 4.

<sup>37</sup> BATISTA, Silvania Maria. **Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana (1930-1950)**. (Dissertação de pós-graduação em Teoria e Metodologia da História). Feira de Santana: UEFS, 1997, p. 10.

pregão da festa era um tipo de desfile incrementado por quermesse, no qual participavam “carros alegóricos, cheios de homens e mulheres, com temas específicos, muita música e cantoria”<sup>38</sup>. O Bando Anunciador era uma festa que, apesar da participação de diversos segmentos da sociedade feirense, era caracterizada por um caráter da cultura popular, que, de certa forma, contestava a ordem vigente, “tomando para si a tarefa de anunciar que em breve o fervor religioso seria sacudido por músicas e danças”<sup>39</sup>. Conforme Diego Correia, nas manifestações do Bando Anunciador, havia “músicas populares, filarmônicas e muita irreverência nas fantasias vestidas pela população davam o tom das comemorações. Contava também com a presença de entrudos, capoeira, maculelê, bumba meu boi e baianas”. <sup>40</sup>

Nessas comemorações que antecediam a festa participavam a comissão organizadora, alguns cordões carnavalescos (como os Filhos do Sol e as Melindrosas)<sup>41</sup>, as filarmônicas e toda população. Já nas comemorações de fato, a participação das filarmônicas era definida pela comissão organizadora da seguinte forma:

(...) Na sua última reunião, com a presença das respectivas diretorias das três corporações orpheicas locais, procedeu-se ao sorteio das tocatas, que vão ser distribuídas no criterioso programa em elaboração. (...) A inauguração realizar-se-á às 20 horas do próximo dia 19, sexta-feira tocando, no ato, a filarmônica 25 de Março. No dia 20 começará as novenas, assim distribuídas: 1º noite – Irmandade de S. Benedito e Confraria do Rosário – tocará no coreto a Vitoria; 2º noite - Auxiliares do Comércio – tocará no coreto a Euterpe Feirense; 3º noite – Confraria do S. Coração e Pia União das Filhas de Maria – tocará no coreto a 25 de Março; 4º noite – Apostolado da Oração e Confraria do Carmo – tocará no coreto a Vitoria; 5º noite – Funcionários públicos – tocará no coreto a Euterpe; 6º noite – Artistas Feirenses – tocará no coreto a 25 de Março; 7º noite – Senhorinhas da Feira – tocará no coreto a Vitoria; 8º noite – Família Bahia – tocará no coreto a Euterpe Feirense; 9º noite – Noite dos Negociantes – tocará no coreto à tarde a 25 de Março e a noite a Vitoria.<sup>42</sup>

Para cada dia do novenário uma instituição social ou religiosa ficava responsável pela condução dos trabalhos, sendo que cabiam às filarmônicas a animação dos festejos, pois conforme o sorteio da comissão elas iam se alternando no transcorrer do novenário. No dia da procissão, momento auge da festa da padroeira, contava-se com a participação de todas as agremiações musicais. No jornal *Folha do Norte* de 1923, foi publicado o programa musical

<sup>38</sup> Idem, *ibidem*, p. 33.

<sup>39</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>40</sup> CORREIA, Diego Carvalho. **Festa de Santana e o Bando Anunciador.** <<HTTP://www.terradelucas.blog.post.com.br>>. Acessado em 19 de dezembro de 2012.

<sup>41</sup> BATISTA, Silvana Maria. **Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana (1930-1950).** (Monografia de pós-graduação em Teoria e Metodologia da História). Feira de Santana: UEFS, 1997, p. 33 e 34.

<sup>42</sup> FOLHA DO NORTE. **As festas da Padroeira.** Feira de Santana, 06 de janeiro de 1923, p.1.

da 25 de Março, no qual podemos ter uma noção de quais tipos de musicas eram tocadas e o uso de instrumentos:

Soc. 25 de Março

Relação das partituras executadas durante os festejos a N. Senhora Santana, pela banda musical da Sociedade 25 de Março, em janeiro de 1923:

**Primeira Noite, em 22:**

- 1- Duetto Concertanti – J. do E. Santos, fantasia.
- 2- Fantasia Portuguesa № 4 – J. Alvarenga.
- 3- O Pequeno Carlos – J. Cameller, bolero.
- 4- Raul Silva – E. Conceição, bolero.
- 5- Fantasia Nacional № 1 – S. Canôa.
- 6- Lucia Lammenoor – Verdi, opera.
- 7- Confidente – Conceição, polca.
- 8- Edna.
- 9- Canto da Serra – fantasia nacional.
- 10- O Furioso – fantasia, (solo de soprano).

**Segunda Noite, em 25:**

- 1- Dr. Elpídio Nova – A Nobre, bolero *concertanti*.
- 2- Fantasia Nacional № 9 – J. Camelier.
- 3- La Muette de Pontici – D'Auber, opera.
- 4- O Guarany – Carlos Gomes, *pot-pourri*.
- 5- Anna Bolena – Donizetti, opera.
- 6- Beatrice di Tenda – Verdi, opera (variações a cornetim).
- 7- Fantasia Francesa № 7 – J. Autan.
- 8- Ernani – Verdi, opera.
- 9- La Puritani – Belini, opera.
- 10- La Traviata – Verdi, opera (quarteto).
- 11- I Pirati – Altavilla, fantasia.

**Tarde de 28:**

- 1- Amor Domina – P. Franco, grande fantasia.
- 2- O Guarany – Carlos Gomes, sinfonia.
- 3- Salvator Rosa – Carlos Gomes, opera.
- 4- I. Masnadieri – Verdi, opera.
- 5- Carmen – Bizet, opera.
- 6- Los cloches de Corneville – opera francesa.
- 7- O Canto do Cisne – fantasia variada a soprano.
- 8- Resplandecente – J. Camelier, grande fantasia.
- 9- La Colombe – sinfonia francesa.

**Noite de 30:**

- 1- D. Luiza Bahia – J. Camelier, *polonaise*.
- 2- Fantasia Nacional № 2 – S. Canôa.
- 3- Olga Barbosa – J. Camelier, fantasia.
- 4- Zilda Farias.
- 5- Fantasia Nacional № 6 – J. Camelier.
- 6- Juracy – J. Camelier, fantasia.
- 7- Beatrice di Tenda – Verdi, opera (variações a bombardino).
- 8- A Revolta de 31 de Janeiro – sinfonia portuguesa.
- 9- A Filha do Regimento – opera italiana.
- 10- Fantasia Nacional № 10 – J. Camelier.

O arquivista – Manoel Lima

Visto – J. Camelier, Regente da Banda.<sup>43</sup>

Tal programa era composto por operas, sinfonias, boleros, em sua maioria músicas estrangeiras, algumas bem conhecidas como as operas *La Traviata* e *Carmem*, e outras nacionais, como a obra do maestro Carlos Gomes, *O Guarany*. Este era um repertório mais solene, voltado para um festejo religioso, coincidindo com as aspirações civilizatórias.

Em certos períodos, por causa de disputas políticas, as filarmônicas como forma de protesto não participaram dos festejos de Santana, período este relacionado diretamente com aquele da presença do Padre Almicar Marques. Ao analisar os conflitos sobre a Festa de Santana, Silvania Batista<sup>44</sup> discute como a postura conservadora do pároco da cidade desencadeou uma série de conflitos com as pessoas que participavam da comissão organizadora da festa, como também com as filarmônicas.

Segundo Batista o referido padre não aceitava que o lado profano das comemorações estivesse crescendo, pois o caráter religioso do evento deveria ser preservado, tendo um destaque maior. As posturas conservadoras do Padre Almicar levaram nos anos de 1941 e 1942 as filarmônicas Euterpe Feirense e a 25 de Março a não participarem dos festejos da padroeira. Em 1945, a comissão organizadora da Festa de Santana convidou a Filarmônica Euterpe para voltar a participar da festa, no entanto, a filarmônica manifestou o desejo de no altar “levar aos pés de Santana a música”, solicitação que foi recusada pelo padre, alegando ser contra a “lei da igreja”, ato embasado em uma circular do Governo Arquidiocesano. Estas informações aparecem em ofícios entre a comissão organizadora da festa e a filarmônica, ao todo foram 5 ofícios, sendo todos publicados no jornal *Folha do Norte*. No último, o então presidente da Euterpe, Aurelino Passos, fez uso de ironia e de metáforas para criticar o padre e a informar como estava se direcionando os festejos na cidade. Silvana Batista explora a questão a partir do conflito da Festa, porém percebemos este aspecto do ponto de vista das filarmônicas. Vejamos um trecho desse ofício:

(...) Porque aqui nesta pacata cidade (...) faz se obedecer esta lei que desamparam os alicerces do catolicismo, desapruram as suas paredes, estremecem a sua abobada sagrada e ainda os inteligentes, distintos e abnegados comissários não auxiliam, para deixarmos de ser infelizes, tal a privação em que estamos, de não podermos levar os pés de Santana, a música! (...) Por princípio de educação, nós agradecemos a gentileza de bons tratos, mas quando tratamos de coisa séria e para o bem geral, e que este bem não afeta nossos costumes e brios, claro que devemos ser sinceros e não devemos curvar nossa espinha para sermos agradáveis a executores de coisas

---

<sup>43</sup> FOLHA DO NORTE. Soc. 25 de Março. Feira de Santana, 10 de fevereiro de 1923.

<sup>44</sup> BATISTA, Silvania Maria. **Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana (1930 – 1950)**. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. Feira de Santana, 1997.

exóticas. (...) A estima pela nossa filarmônica é provocada por uma reação justa, contra uma injustiça irrefletida. (...).<sup>45</sup>

Acontecia que mesmo que o ato do pároco estivesse amparado na circular da Arquidiocese, era comum essa proibição não ser praticada, e tradicionalmente as filarmônicas estavam envolvidas na maioria dos aspectos dos festejos de Santana. No trecho acima fica nítido o pesar do presidente dessa agremiação musical em não participar como antes das homenagens a padroeira da cidade. Além disso, este afirmou que a filarmônica não se curvaria diante de tal imposição. Portanto, diante de uma situação no qual rompia com uma tradição para estas agremiações, estas não aceitaram facilmente tal situação, tanto que elas reagiram.

Uma dessas reações foi uma ação planejada pela Euterpe Feirense e pela 25 de Março, que no dia 26 de julho, dia das comemorações mundiais em louvor a Santana, invadiram a Igreja da Matriz, onde estava ocorrendo a missa comemorativa dessa data. Segundo Silvana Batista, as duas filarmônicas envolvidas nesse episódio, organizaram um suposto passeio para a cidade de São Gonçalo dos Campos, o embarque seria na estação ferroviária que passava nas proximidades da Igreja da Matriz. No entanto, não houve o embarque dos integrantes dessas filarmônicas, estes “adentraram na igreja, durante a missa, tocando ambas ao mesmo tempo”<sup>46</sup>, transgredindo a norma estabelecida pela Circular Arquidiocesana, que indicava claramente que: “É proibido às bandas de música tocar dentro das igrejas”<sup>47</sup>. Um ano depois desse evento, o Padre Almicar Marques não era mais o pároco da cidade, sendo substituído pelo Padre Aderbal Saback. Portanto, as filarmônicas que estavam ligadas aos grandes personalidades políticas de Feira de Santana não aceitaram que uma tradição que lhes rendiam um grande capital simbólico, pois se tratava da festa da padroeira da urbe feirense, fosse impedido por querelas de um pároco “severo”, como afirmara o *Folha do Norte*.

Retomando a questão das atividades realizadas pelas filarmônicas fora de suas sedes passaremos a discutir as tocatas musicais. Estas aconteciam durante o ano todo e, conforme verificarmos no jornal *Folha do Norte*, era um contrato firmado entre as filarmônicas com o governo municipal. A ordem de apresentação era definida através de sorteios na intendência municipal, com a presença dos representantes das filarmônicas locais, porém não encontramos nos relatórios de receitas e despesas da prefeitura, publicados no *Folha do Norte*, nenhuma

<sup>45</sup> FOLHA DO NORTE. Festa de Santana – Ofícios trocados entre a comissão da Festa de Santana e a diretoria da S. Filarmônica Euterpe Feirense. Feira de Santana, 27 de janeiro de 1945.

<sup>46</sup> BATISTA, Silvana Maria. **Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana (1930 – 1950)**. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. Feira de Santana, 1997, p. 57.

<sup>47</sup> Livro de Tombo I da Catedral de Santana. Feira de Santana (1930-1968), p. 97. Acervo da Secretaria do Arcebispado.

menção ao contrato de tais serviços<sup>48</sup>, nem tampouco documentações da prefeitura que esclarecessem a natureza desse contrato, se seriam formais ou não. Deste modo, era de fundamental importância para os dirigentes locais fomentar as diversões na praça da matriz, um dos locais mais concorridos para o *footing*, incentivando que as relações sociais de caráter urbano fossem se sobrepondo às práticas provincianas. De acordo com Charles Santana, os coretos onde ocorriam as tocatas eram espaços “sínteses do urbano”, neles poderiam se concentrar aspectos culturais, religiosos e políticos, palco das disputas dessas esferas, que se desdobravam nas ações das filarmônicas.<sup>49</sup>

Nas notas que são veiculadas com informações sobre as tocatas, temos uma dimensão de vários aspectos que as envolviam: sobre as partituras e a banda, “a 25 de Março – possuidora, como é, de boas partituras, distinta banda feirense realizará, certamente, uma magnífica tocata”<sup>50</sup>; sobre o público, “o largo com enorme concorrência, tinha uma aspecto brilhante, notava-se muitas famílias e um grande número de senhorinhas”<sup>51</sup>. Nas tocatas o ritmo mais executado era o *fox-trots*, além disso, os regentes eram lembrados nestas notas, na caracterização da filarmônica, como a “bem orientada”, uma menção àqueles que conduziam apresentações e selecionavam o repertório. Abaixo segue o programa de uma tocata municipal divulgada no *Folha do Norte*, em 1935:

Efetuar-se-à amanhã à tarde no coreto da Praça de Santana, a tocata da Filarmônica 25 de Março, conforme contrato com o município. Consoante comunicação feita a esta redação, será executado o seguinte programa musical:

I parte

Einice – Marcha – Composição de Tertuliano Santos.

3º Rapsodia Hilariana – Composição de Sousa Moraes.

Marlene – Valsa – Composição de P. Nimão.

Cenas Espanholas – Grande Fantasia.

II Parte

Eu tenho fé – Samba – Música de Estevam Moura e letra de Pedro Mattos, classificado em primeiro lugar no concurso de carnaval da Bahia, deste ano.

Quero você meu bem – Marchinha – Wanderley – Primeiro lugar no concurso do Carnaval.

Adorável – Fox – Wanderley.

Nada tão belo como teu amor – Valsa.

Argemiro Almeida – Dobrado.<sup>52</sup>

Diferentemente do programa executado nos festejos de Santana, no qual havia uma carga mais solene, a programação musical das tocatas eram mais livres, incorporando ritmos

<sup>48</sup> FOLHA DO NORTE. **A cidade, amanhã, a tarde terá música no coreto.** Feira de Santana, 21 de janeiro de 1922, p. 2.

<sup>49</sup> SANTANA. Charles d' Almeida. **Musicalidades Baianas: As Filarmônicas do Recôncavo.** <[http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_I/charles\\_almeida.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_I/charles_almeida.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2011.

<sup>50</sup> FOLHA DO NORTE. **Tocata municipal.** Feira de Santana, 24 de novembro de 1923, p. 2.

<sup>51</sup> FOLHA DO NORTE. **A Tocata do último domingo.** Feira de Santana, 01 de dezembro de 1923, p. 1.

<sup>52</sup> FOLHA DO NORTE. **Tocata municipal.** Feira de Santana, 10 de agosto de 1935.

carnavalescos como a marchinha e o samba. Na divulgação realizada pelo jornal, algumas músicas foram destacadas por terem ganhado premiações no concurso do carnaval de 1935.

Em relação aos regentes, destacaram-se os maestros Tertuliano Ferreira dos Santos e Estevam Pedreira de Moura. Tertuliano dos Santos nasceu em 27 de abril de 1898, aos 13 anos ingressou na Filarmônica Vitória, assumiu a regência desta agremiação aos 18, exercendo esta função por 40 anos. Depois passou a reger a 25 de Março, além disso, fundou a banda musical *Jazz Tangará* que fazia várias apresentações no Cine Santana.

O maestro Estevam Moura era oriundo de Santo Estevão, tendo nascido em 03 de agosto de 1907, participou de outras filarmônicas antes de reger a 25 de Março, como a filarmônica 26 de dezembro de Santo Estevão, a filarmônica Minerva do distrito de Bonfim de Feira, exercendo também a função de professor de música e canto no Ginásio Santanópolis.<sup>53</sup> Conforme a Ata do Conselho Administrativo da 25 de Março, Estevão Moura assumiu a regência desta agremiação em 1933. Esses regentes recebiam um vencimento mensal, algo em torno de duzentos mil réis, além de gratificações por tocatas e outros eventos.

Em relação aos músicos, não foi possível verificar como era a remuneração desses sujeitos, nem tampouco identificamos o seu perfil socioeconômico, porém percebemos que entre a categoria dos músicos havia uma heterogeneidade quanto à classe social, dados que Anderson Santos<sup>54</sup> aponta em sua discussão, e que de alguma forma se aproximam em relação às filarmônicas feirenses. Porém, salientamos que a nossa perspectiva é mais centrada na questão das diversões como difusoras de ideais de civilidade, bem como a própria dinâmica do lazer em Feira de Santana.

Voltando às questões das diversões, identificamos nos passeios promovidos pelas filarmônicas outra opção de diversão, que percorria as cidades circunvizinhas. Geralmente, os passeios eram realizados de trem, e na década de 1940 foram utilizados os ônibus, conhecidos na época como as marinetes. Era uma verdadeira folia desde a saída até a chegada às cidades para onde se destinavam os passeios (Cachoeira, São Félix, São Gonçalo, Santo Amaro, o arraial de Magalhães).

A motivação também era diversa, às vezes era para acompanhar os festejos religiosos, como por exemplo, a Festa de São Gonçalo, em outros, as filarmônicas acompanhavam os times de futebol que disputariam partidas nessas cidades, como também para arrecadação de fundos para manter as agremiações musicais ou em prol da Festa de Santana. Abaixo (figura5)

<sup>53</sup> ALMEIDA, Oscar Damião de. **Dicionário Personativo, Histórico e Geográfico da Feira de Santana**. Feira de Santana: Aliança Editora, 1998, p. 47.

<sup>54</sup> SANTOS, Anderson de Rieti Santa Clara do. **Músicas nos Coretos: Ruídos nos Palacetes: o cotidiano das filarmônicas de Santo Amaro da Purificação – Bahia (1898-1932)**. Feira de Santana, UEFS, 2009.

segue um tipo de anúncio veiculado no jornal *Folha do Norte*, divulgando o passeio e informando o preço, que já incluía a ida e a vinda:



**Figura 5:** Divulgação de um passeio da Filarmônica 25 de Março.

Fonte - FOLHA DO NORTE. **Pomposo Passeio de Recreio.** Feira de Santana, 30 de setembro de 1933, p.1.

Segundo o depoimento do Sr. Pedro<sup>55</sup>, as filarmônicas alugavam os vagões de passageiros junto às empresas do trem, pegavam os bilhetes e distribuíam entre seus sócios que tinham a tarefa de vender. Outro aspecto ressaltado por ele foi que às vésperas da viagem a banda percorria a rua da cidade, em desfile para anunciar o passeio do dia seguinte.

Os passeios eram concorridíssimos, pois proporcionavam o desenvolvimento de relações diversas, o agito da viagem, geralmente ao som da banda, o passeio pela cidade visitada, os contatos de amizades e quem sabe um *flirt*, que resultava em namoro. Enfim era uma diversão que repercutia nos jornais. Além disso, a visita a outra cidade era um atrativo, podendo ser motivada por uma partida de futebol, um piquenique, a participação em festeiros religiosos ou a visitação a uma filarmônica local.

Além dos festejos de Santana, das tocadas musicais e dos passeios recreativos, não poderíamos deixar de falar da participação das filarmônicas no Carnaval, bem como nas festas de Sábados de Aleluia, promovidos pelos cordões carnavalescos Filhos do Sol e das

<sup>55</sup> Em respeito a um dos pressupostos do Comitê de Ética, ao qual esta pesquisa está submetida, e também para evitar problemas futuros de qualquer ordem, optamos por usar pseudônimos no uso das fontes orais. Entrevista oral realizada em 10 de janeiro de 2011, com o Sr. Pedro.

Melindrosas. De acordo com Miranice da Silva, no carnaval, havia nas ruas os desfiles dos cordões ou blocos carnavalescos, com a participação de automóveis e dos pranchões com suas alegorias, e seguindo os desfiles estavam as filarmônicas locais e outras vindas das cidades circunvizinhas, a executar diversas marchinhas. Nas festas de Sábado de Aleluia ou queimas de Judas, os Filhos do Sol e as Melindrosas organizam cada qual a sua festa, que contava com a participação das filarmônicas:

Como era esperado realizou-se no sábado de Aleluia o festival campestre do triunfante clube carnavalesco Filhos do Sol, na Praça Froés da Mota. (...) Ocorreu no local ótimo serviço de pasteis, gelados e bebidas finas, (...) ao som da estudiosa banda musical Euterpe Feirense, (...).<sup>56</sup>

Conforme havíamos noticiado, realizar-se-á, hoje á noite a festa campestre que o cordão carnavalesco Melindrosa oferece ao povo desta cidade na Praça Santana. (...) será abrilhantada pela Vitória, com leilão, e outros divertimentos.<sup>57</sup>

Essas agremiações, assim como as filarmônicas, rivalizam entre si, explicitando os conflitos de classe posto no cenário cultural da cidade, visto que as Melindrosas pertenciam aos setores populares da sociedade feirense, sendo em sua maioria composta por lavadeiras do Tanque da Nação, enquanto os Filhos do Sol eram formados por pessoas da elite feirense, havendo uma forte disputa entre as mesmas.<sup>58</sup> A festa de Sábado de Aleluia promovidas por estas agremiações tinha por finalidade a arrecadação de dinheiro com a venda de bebidas, salgados e doces, para financiar a confecção das fantasias carnavalescas e eventuais gastos.

Destacamos a atuação feminina nestas agremiações carnavalescas, pois ambos os grupos enriqueciam os festejos carnavalescos, proporcionando disputas no cenário das diversões da cidade. Sobre o ambiente festivo, Márcia Maria Leite informa que a participação feminina nas festas proporcionava a socialização entre homens e mulheres, enfatizando que “a festa tanto no seu lado público como no privado, não deixava na prática de permitir às mulheres uma socialização mais livre.”<sup>59</sup> Deste modo, as diversas instituições religiosas, como as irmandades, e culturais, como os cordões carnavalescos e as filarmônicas, eram espaços que proporcionavam uma socialização feminina na esfera pública.

O fato é que as festas realizadas tanto pelo cordão carnavalesco das Melindrosas, quanto as festas realizadas pelos Filhos do Sol eram bem apreciadas pela população, que se

<sup>56</sup> FOLHA DO NORTE. **A Serenata campestre dos Filhos do Sol.** Feira de Santana, 11 de abril de 1931, p. 1.

<sup>57</sup> FOLHA DO NORTE. **A Festa das Melindrosas.** Feira de Santana, 04 de abril de 1931, p. 1.

<sup>58</sup> BARBARA, Reginilde Rodrigues Santa. **O caminho da autonomia na conquista da dignidade: Sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana – Bahia (1929-1964).** (Dissertação de mestrado). Salvador: UFBa, 2007.

<sup>59</sup> LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930.** (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBa, 1997, p. 164.

empolgava com a queima dos Judas e fogos de artifícios. E as filarmônicas ajudavam a tornar esta festa um sucesso ainda maior.

Até aqui podemos verificar o quanto as filarmônicas estiveram presentes nos festejos e diversões em Feira de Santana, além das participações nos desfiles cívicos, das inaugurações de obras públicas, nas recepções de figuras ilustre, como políticos e intelectuais. A elas cabiam “abrilhantar” os diversos eventos “refinando os espíritos”, seja nas suas sedes, ou nas ruas, estendendo estas pretensões para além das paredes das suas sedes, tecendo relações de poder e contribuindo para que as relações sociopolíticas favorecessem seus representantes. Porém, a função de “refinar os espíritos” não se restringia apenas as filarmônicas, pois os grupos lítero-dramáticos incorporavam essa função.

### **Os Grupos Lítero-Dramático: “refinando os espíritos” da urbe feirense**

Não foi apenas através da música que “se refinava os espíritos”, conforme nos chama atenção Alberto Boaventura, “antigamente, existiam, na minha terra, grupos literários e dramáticos, que formavam as mentalidades dos jovens para uma vida futura.”<sup>60</sup> Boaventura menciona os seguintes grupos: o Grêmio Dramático Salles Barbosa, Grêmio Lítero-Dramático Rio Branco, o Taborda, entre outros que, promoviam a difusão de hábitos e costumes contribuindo para afirmar os valores progressistas, morais e civilistas em Feira de Santana. Eram grupos compostos por membros das elites feirenses. Segundo Maria Izabel da Silva, “estes moços, filhos de honradas famílias feirenses eram acadêmicos, farmacêuticos, médicos, advogados... ou seja, membros das elites, representantes legítimos de civilização”<sup>61</sup>. Este perfil identificado por Sampaio em outra temporalidade, vai de encontro ao que mapeamos nas notícias dos jornais.

Esses grupos através de atividades diversas (recitais de poesias, saraus, conferências e apresentações dramatúrgicas), assumiam uma ação pedagógica, seja pelo uso “das belas letras” ou “pela arte dramática”, além de proporcionarem momentos de descontração e a difusão de uma perspectiva cultural, seguindo as expectativas dos dirigentes locais, haja vista que para uma urbe que idealiza ser “princesa”, era preciso ter “súditos” civilizados.

---

<sup>60</sup> BOAVENTURA, Alberto Alves. **Estórias e Fatos (prosas) – Troar de Ilusões (poemas)**. Feira de Santana, 1980, p. p. 44 e 45.

<sup>61</sup> SAMPAIO, Maria Izabel da Silva. **Dimensão Social do Teatro em Feira de Santana (1892-1912)**. Monografia de especialização em Teoria e Metodologia da História. Feira de Santana:UEFS, 2000 p. 45 e 46.

Sobre o Grêmio Lítero-Dramático Rio Branco não sabemos ao certo quando foi fundado; pelo que percebemos através da análise das fontes, a sua fundação pode ter ocorrido por volta da década de 1910. A sua sede ficava na Rua Conselheiro Franco. Integravam essa agremiação os sujeitos pertencentes ao “seleto scol da sociedade feirense”: Dr. Juventino Pitombo, Dr. Gastão Clóvis de S. Guimarães, Marinosio Mello, Álvaro dos Santos Rubem, Miguel Domingos de Araujo, João Pereira de Aguiar, Dr. Genésio da Silva, Waldemar Campos dentre outros. Destacaremos dois desses integrantes para entender um pouco do perfil desse Grêmio: Dr. Juventino Pitombo e o Dr. Gastão Guimarães.

Dr. Juventino Pitombo era cirurgião dentista, pertencente à família dos Pitombos, e na década 1920 escrevia crônicas no jornal *Folha do Norte*, na coluna intitulada de *Estrela Cadente*, assinando com o codinome de Juju Santamarense. Na década de 1930 foi um dos representantes do Integralismo em Feira.<sup>62</sup> Em suas crônicas, ressaltava os acontecimentos ocorridos no cotidiano da cidade, textos que nos revelam várias facetas da vida feirense. Eurico Alves Boaventura fala o seguinte sobre a atuação do Dr. Pitombo no Grêmio Rio Branco:

Hoje, no fim de tarde, Juventino Pitombo, costume de casimira cinza e colete branco e colarinhos de pontas viradas, desceu a rua, anunciando às pessoas amigas que, naquela noite, iria haver reunião no Grêmio Rio Branco. E que coisa era assim tão pomposa (...). Na Curva da Rua Direita ficava o Grêmio. Juventino era como o chefe<sup>63</sup>.

De acordo com o *Folha do Norte*, em 1919, Dr. Juventino Pitombo era o tesoureiro do respectivo Grêmio, tendo como o presidente o Dr. Gastão C. de Souza Guimarães<sup>64</sup>. Mas isso não impediu que Pitombo tomasse a iniciativa de elaborar as atividades do Rio Branco. Através da leitura de algumas de suas crônicas, foi possível notar a sua preocupação em “educar os espíritos”, e a literatura era ressaltado por tal sujeito.

O outro membro que destacamos é o Dr. Gastão Clóvis de Souza Guimarães. Este nasceu em Belmonte, depois foi para Salvador, onde se diplomou em medicina, fixou residência no município de Tanquinho e, em 1914, se transferiu para Feira de Santana. Nesta cidade, trabalhou como cirurgião e clínico no Hospital D. Pedro de Alcântara; dirigiu a Escola

<sup>62</sup> Segundo Antônio do Lajedinho Dr. Pitombo, juntamente com Sílio Soledade e outras pessoas assumiam a liderança do partido na cidade, e logo passou a usar indumentárias integralistas. Cf.: LAJEDINHO, Antônio do. **A Feira na década 30.** Feira de Santana, 2004, p. 58.

<sup>63</sup> BOAVENTURA, Eurico Alves. **A paisagem e o homem: memórias de Feira de Santana.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2006, p. 89.

<sup>64</sup> FOLHA DO NORTE. **Grêmio Rio Branco.** Feira de Santana, 28 de junho de 1919, p.1.

Normal, onde lecionou; ensinou também no Ginásio Santanópolis; e presidiu a filial regional da Associação Baiana de Medicina.<sup>65</sup>

Dr. Gastão Guimarães atuou não somente nas áreas da saúde, da educação, como também em instituições de caráter socioculturais, pois era membro do Grêmio Lítero-Dramático Rio Branco, onde exerceu a função de presidente. Através do próprio auxílio desse Grêmio, Dr. Guimarães fomentou a prática do futebol amador entre as elites na cidade, pois este promoveu eventos como quermesses e apresentações dramáticas entre as diversas instituições para arrecadar fundos para a realização das partidas, atuando também na Sociedade Filarmônica Vitória.

Assim, Dr. Gastão Guimarães, por ser médico e também por atuar no campo da educação, defendia os cuidados com o corpo, e daí o incentivo ao esporte como instrumento disciplinador dos indivíduos e, principalmente, do polimento da “alma”; no que diz respeito às práticas culturais realizadas no Grêmio Rio Branco, entendia que a boa música, a literatura e a poesia “elevariam os espíritos” para um grau maior de fineza. Este foi um intelectual que operava no sentido de lançar, através de diversas instituições, os pressupostos de comportamentos mais “refinados”.

Os integrantes do Grêmio Rio Branco se reuniam pelo menos duas vezes por semana, geralmente nas quintas-feiras e aos sábados. Nos encontros, faziam recitais de poesias, também chamados de “a hora literária”, palestras, concursos de poesias, e de vez em quando, algumas encenações teatrais. Geralmente, os conteúdos dessas ações culturais giravam em torno de temáticas sobre a moralidade, o civismo, a cidadania, a civilidade e o progresso. Para Maria Izabel Sampaio, “as manifestações artísticas (...) eram importantes instrumentos ‘pedagógicos’ na conformação da população aos novos ideais de civilidade”<sup>66</sup>, e por isso mesmo as temáticas das conferências caminhavam no sentido de “educar”, “civilizar”, “refinar” os que ali frequentavam.

Através da divulgação realizada no *Folha do Norte* foi possível identificar algumas conferencistas e os respectivos temas das suas palestras: Aluna-mestra Rangelina Andrade – “De como se constituiu a nacionalidade brasileira”; prof. Rosalva Leite Fiúza – “Amor da Pátria e a mulher”; engenheiro Britto Araújo – “A influência da mulher na sociedade feirense”; D. Rosalina Pitombo – “A Educação dos Filhos”; Edith Mendes ( nome de solteira

<sup>65</sup> Academia Feirense de Letras, 2006, 19 – 27.

<sup>66</sup> SAMPAIO, Maria Izabel da Silva. **Dimensão Social do Teatro em Feira de Santana (1892-1912).** Monografia de especialização em Teoria e Metodologia da História. Feira de Santana: UEFS, 2000 p. 24.

da feminista Edith Gama e Abreu) –“A mulher”; Guilardo Cohim – “Os gregos”; Mario Ramos – “Sugestões para Agricultura”. Ocorriam também conferências que versavam sobre as datas comemorativas, de acordo com a ocorrência das mesmas, como a Proclamação da República, Independência do Brasil e Dois de Julho, palestra que ficava a cargo de Arnold Silva, Dr. Gastão Guimarães e Dr. Juventino Pitombo.<sup>67</sup> Ressaltamos que o Grêmio Rio Branco, pelo menos uma vez por mês, franqueava a palavra às mulheres do “ilustre set feirense”, que palestravam sobre o papel feminino na sociedade.

Em 1922, o referido Grêmio passou por um período de crise. Em uma de suas crônicas, Dr. Juventino Pitombo informa o fechamento temporário das funções do Rio Branco, se utilizando de uma narrativa nostálgica e até dramática, para descrever o ocorrido:

(...) O Grêmio está em mudança (...). Paire um silêncio de desconforto. Os grandes mortos da Feira suspiram na lividez de suas paredes. (...) Tremeram-se as mãos ao levantar o quadro da parede (...) e juro, juro que vi, na tela, a face de Rio Branco tingir-se de sangue (...).<sup>68</sup>

No decorrer da crônica expressou o pesar de tal acontecimento, afirmou que o Grêmio era a última baliza da cultura na cidade, uma forma de salientar a importância desse espaço para a construção da civilidade feirense. Todavia, o mesmo texto informa que este fato foi apenas temporário, uma retirada para sua reorganização. Ao final, utilizou-se de uma frase de Latino Coelho, quando disse que “nenhum povo culto pode viver sem literatura”, para destacar as aspirações do Grêmio Rio Branco, ou seja, o ato de civilizar-se passava pelo mundo das letras.

O Taborda, por sua vez, era um grupo dramático amador, assim como o Grêmio Rio Branco, composto por pessoas notáveis da elite feirense, realizando suas reuniões no Cine-Teatro Santana, no qual também encenavam vários espetáculos. Especulamos que a escolha desse nome pode ser em homenagem ao ator português Taborda, um grande artista do teatro lusitano que estivera na Bahia no final do século XIX, mas não encontramos referência concreta que confirme tal hipótese.

Segundo Maria Izabel Sampaio, o Grupo Taborda foi o que mais tempo atuou na cidade, desenvolvendo suas atividades desde 1906 até 1934, tendo como fundador Ulisses Silva; depois se tornaram sócios os senhores Domingos Araújo, Ismael Bastos e Tude

<sup>67</sup> Essas conferências se referem às atividades do Grêmio Rio Branco, que foram mapeadas no *Folha do Norte* no ano de 1919 e na década de 1921.

<sup>68</sup> SANTAMARENSE, Juju. *Estrelas Cadentes*. In: **Folha do Norte**. Feira de Santana, 11 de março de 1922, p.1.

Oliveira.<sup>69</sup> No quadro de seus participantes encontramos as seguintes pessoas: Braulio Miranda, Antônio Azevedo, Arnold Silva, Avelino Martins, Joaquim Simões de Amorim, José Suzarte, Aurélio de Vasconcelos, Salustiano Farias Júnior, Aristófanes Silva, Eduardo Franco, Gilberto Costa, Manoel da Costa Ferreira, Martiniano Carneiro, Milton Costa, Joaquim Borges da Costa, Ulisses Silva, Isabel Costa, Alberto Alves Boaventura, Dálvaro Silva, João Martins, Antenor Martins, Borel Silva, além de Miguel Araújo, que exercia a função de diretor, auxiliado por Aurélio Vasconcelos.<sup>70</sup>

Vejamos o perfil de alguns de seus associados: Manoel C. Ferreira conhecido também por Maneca<sup>71</sup>, foi coletor Estadual, e um dos fundadores da Micareta de Feira, possuindo dotes artísticos como pintor, desenhista e escultor<sup>72</sup>; Martiniano Carneiro, citado no início do capítulo era o diretor e proprietário do jornal *Folha da Feira* e, por isso mesmo, o Taborda tinha espaço garantido na publicização de seus eventos. Os irmãos, Dálvaro e Arnold Silva donos do jornal *Folha do Norte* que, por sua vez, também divulgava as atividades desse grupo dramático.<sup>73</sup>

Cabe pontuar que em meio a tantos nomes masculino, encontramos apenas o nome de uma única mulher, Isabel Costa, que atuou no grupo na década de 1930, porém não encontramos maiores informações sobre ela. Isto pode ser indicativo de que a participação feminina nessa agremiação era limitada, isto pode ser devido ao imaginário social, no qual as mulheres que atuavam no teatro, seja em companhias itinerantes ou amadoras, poderiam ser de conduta duvidosa. Abaixo (figura 6) podemos verificar uma foto do grupo Taborda, datada de 1912, aparentemente, no meio dos componentes masculinos, está uma figura feminina, porém trata-se do ator “Eduardo Franco (Edy) que encarnava os papéis femininos nas peças representadas.”<sup>74</sup> Portanto, a participação feminina no início do grupo não existia, ocorrendo em um outro momento, no qual a inserção pública da mulher era uma demanda que envolvia questões de dimensão nacional, como por exemplo, o magistério e exercício do voto. Ainda

<sup>69</sup> FOLHA DO NORTE. **Homenagem Justíssima.** Feira de Santana, 08 de junho de 1912.

<sup>70</sup> Cf.: BAVENTURA, Eurico Alves. *A Velha e a Nova Cidade. In: A paisagem e o homem: memórias de Feira de Santana.* Feira de Santana: UEFS Editora, 2006, p. 89; LAJEDINHO, Antônio. *A Feira na década 30. Feira de Santana, 2004*, p. 69; BOAVENTURA, Alberto Alves. *Estórias e Fatos (prosas) – Troar de Ilusões (poemas).* Feira de Santana, 1980, p. 44 e 45.

<sup>71</sup> Nome atual de um dos percursos da Micareta, justamente em homenagem a este que foi um dos seus fundadores.

<sup>72</sup> ALMEIDA, Oscar Damião de. *Dicionário Personativo, Histórico e Geográfico da Feira de Santana.* Feira de Santana: Aliança Editora, 1998, p. 98.

<sup>73</sup> Apesar de mapearmos todos estes integrantes não encontramos muitas informações sobre os mesmos, a não ser aqueles que comentamos. O que podemos afirmar é que a maioria deles eram pessoas pertencentes a elite feirense.

<sup>74</sup> FOLHA DO NORTE. **Homenagem Justíssima.** Feira de Santana, 08 de junho de 1912.

nesta foto, na parte da direita, temos a imagem de uma criança como integrante do grupo, trata-se de Cezar Soledade, que participava de algumas atividades do grupo, quando era solicitado.



**Figura 6:** Foto divulgada no *Folha do Norte*, 08 de junho de 1912, uma homenagem a primeira formação do grupo Taborda.

Fonte: FOLHA DO NORTE. **Homenagem Justíssima.** Feira de Santana, 08 de junho de 1912.

O Taborda era visto na sociedade feirense como uma agremiação que ressaltava valores da família e pela moral. Quem discorreu um pouco acerca do cotidiano desse grupo foi Eurico Alves ressaltando que o Taborda era uma das relíquias da cultura feirense, indicando que nas apresentações do referido grupo havia um comparecimento assíduo do público. Porém, destaca a questão do “ressurgimento” deste grupo, dando margem a pensarmos, que assim como o Rio Branco, o Taborda também tenha enfrentado problemas de continuidade. Segundo Eurico Alves:

Presentemente, um grupo de senhores vai organizar saboroso clube dramático, memorável nos anais da terra. Causa espanto aos daqui da Capital semelhante notícia. Será possível? Possívelzinho da Silva. Este núcleo antigo, quase todo pintado já, vai fazer ressurgir o Taborda, grupo de sucesso naqueles tempos! (...) E o

teatrinho se enchia que nem formigueiro em época de chuva assistir aos tão gabados e falados espetáculos. .<sup>75</sup>

(...) Propaga-se que, hoje haveria representação teatral? Companhia do Rio? Da Bahia? Qual nada! Exibir-se-é-a o grupo dirigido por Miguel Santiago. (...) Acabava o espetáculo do grupo Taborda. E toda gente saia comentando a respeito da atuação de tantos rapazes da terra.<sup>76</sup>

Alves fala da euforia do público e da atuação desse grupo amador ao retornar aos palcos, além de lembrar os tempos áureos do Taborda. Uma possibilidade para entendermos esse retorno do Taborda, é pensá-lo enquanto uma tentativa de fortalecimento, pois suas atuações entre a década de 1920 e início de 1930, já não aparecem nos jornais com tanta frequência. Pois, com a introdução dos cinematógrafos no cotidiano do lazer na urbe feirense, os espetáculos teatrais enfrentavam a concorrência dos filmes, o próprio Rollie Poppino apontava essa questão.

Contudo a crítica mais contundente a respeito dos espaços do cinema e o teatro foi de Silio Bocanera Júnior que, por ser contemporâneo do processo da introdução do cinema na Bahia, em particular se reportando a essa realidade em Salvador, defendia que a arte teatral era mais politizada que o cinema, e a junção dessas duas formas de diversão terminaria por desprestigar esta arte, pois ele previa que “o cinema mataria o teatro<sup>77</sup>”.

Para Aninha Franco, o teatro assim com as companhias teatrais sejam amadoras ou profissionais, viviam uma situação peculiar, pois era preciso ser mais acessível como eram os cinematógrafos<sup>78</sup>. Em Feira de Santana os grupos dramáticos amadores foram perdendo espaço para as exibições de filmes, assim, percebemos que as relações no campo do lazer experimentavam as tensões e conflitos entre duas artes que disputavam o mesmo espaço e público.

De acordo com Alberto Boaventura, o Grêmio Dramático Salles Barbosa rivalizava com o Taborda, o que levava os dois grupos a se aprimorarem para que um não fizesse apresentação inferior à do outro. A fase de maior atuação desse grupo foi a década de 1930. Em sua formação contou com Elziário Santana, Osvaldo Santos, Antônio Ribeiro

<sup>75</sup> Esta crônica de Eurico Alves foi escrita em 1932. Cf.: BOAVENTURA, Eurico Alves. *A Cidade do Silêncio e da Melancolia. In: A paisagem e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006, p. 52.

<sup>76</sup> BOAVENTURA, Eurico Alves. *A Velha e a Nova Cidade. In: A paisagem e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006, p. 89.

<sup>77</sup> BOCCANERA JÚNIOR, Silio. *Os Cinemas da Bahia. 1897-1918*. Salvador: Edufba, 2007, p.25.

<sup>78</sup> FRANCO, Aninha. *O Teatro na Bahia Através da Imprensa*. Salvador: FCJA; COFIC; FCEBA, 1994, p. 38 e 39.

Mascarenhas, Florisberto Moreira da Silva, Rute Fernandes, Olga Soledade, Euclides Mascarenhas e outros. Assim como o Taborda, suas apresentações eram feitas no Cine-Teatro Santana, sendo elas divulgados pelo jornal *Folha da Feira*. Representavam peças teatrais que variavam da comédia ao drama, geralmente em benefício de alguma instituição:

Foi encenado pelo grupo Salles Barbosa, a noite de sexta, no tablado Teatro Santana, nesta cidade, o drama em 3 atos – *Herança do Nauprago* – original de festejado escritor português.

Uma desopilante comédia sob título *Meia Hora de Comando* completou o festival realizado em benefício da distinta Filarmônica Euterpe Feirense. Os amadores conterrâneos mais uma vez revelaram o pendor a arte do palco, desempenhando papéis excelentemente.<sup>79</sup>

Verificamos, nessa nota, que o grupo de amadores foi bem elogiado, mesmo porque fizeram duas apresentações diferentes no mesmo dia. Além disso, foi possível verificar em outras notícias que o Salles Barbosa realizava apresentações em cidades vizinhas como Cachoeira e São Gonçalo dos Campos. Dos seus integrantes não foi possível rastrear muita coisa, a não ser um pouco sobre Elziário Santana, que foi um dos arrendatários do Cine-Teatro Santana no final da década de 1930, e irmão de Hermógenes Santana, dono da Casa das Louças.

Em relação ao Clube Coreográfico 2 de julho, esparsamente foi possível identificar que a sua sede ficava na Rua Conselheiro Franco, desenvolvendo atividades semelhantes ao Grêmio Rio Branco, com palestras, recitais de poesias, espetáculos teatrais, além de apresentação musicais, que poderiam acontecer na sua sede ou no Cine-Teatro Santana. Vejamos uma nota do jornal *Folha do Norte* citando às atividades desse grupo:

Foi uma bela festa de arte a que nos proporcionaram, à noite do último sábado, no teatro Santana, os moços do Club Coreografico 2 de julho. A senhorinha Georgina Lima, legítima glória de nossa terra, executou, ao piano, (...) alguns trechos de músicas escolhidas. Dr. Gastão Clóvis de S. Guimarães, (...) fez uma empolgante conferência. O Dr. Eduardo Dias (...) leu bonita de sua lavra.<sup>80</sup>

Todos esses grupos agiam no intuito de promover o desenvolvimento sociocultural da cidade, defendendo o ideal de civilização e progresso, pois era preciso reeducar os costumes e modelar os hábitos na tentativa de forjar uma identidade que se aproximasse da urbanidade, em contraposição às características provincianas rurais, pelo menos era o que almejava parte da elite de Feira de Santana. No capítulo dedicado ao Cine-Teatro Santana aprofundaremos as discussões acerca das apresentações dos grupos dramáticos Taborda e Salles Barbosa.

<sup>79</sup> FOLHA DA FEIRA. **Grupo Salles Barbosa.** Feira de Santana, 02 de outubro de 1933, p.4.

<sup>80</sup> FOLHA DO NORTE. **Folha Social – Sociedade – Arte.** Feira de Santana, 21 de outubro de 1922, p. 1.

## O Futebol em Feira de Santana

O futebol em Feira de Santana constituiu em uma forma de recreação, prática essa que estava intimamente relacionada às questões de civilidade. De acordo com Henrique dos Santos, foi a partir de 1890, passou a existir na Bahia práticas esportivas de forma sistematizada, com um pouco de atraso em relação a outras cidades, como, por exemplo, o Rio de Janeiro, que desde 1825, já contava com turfe e o remo. A influência dos “bretões”, como, às vezes, noticia os jornais ao falar dos ingleses, primeiro se relacionou com a introdução de modalidades esportivas como críquete, remo e depois o futebol.<sup>81</sup>

Ainda de acordo com Santos, a questão da introdução do futebol em Salvador teve um mito de origem produzido pelos discursos dos memorialistas e pela imprensa, que ligava a origem desse esporte na cidade as elites, sendo José Ferreira Júnior, mas conhecido como Zuza Ferreira, responsabilizado por esta suposta introdução. Porém, Henrique dos Santos problematiza essa questão afirmando que “os primeiros anos do seu desenvolvimento ocorreram de múltiplas formas e as elites não foram necessariamente o centro deste processo, (...) o desenvolvimento ocorreu de forma distintas e paralelas”<sup>82</sup>, entre os diversos grupos sociais. Em Feira de Santana encontramos nos jornais as primeiras notícias sobre a prática do esporte a partir de 1906, porém não temos como afirmar quando o futebol começou ser praticado na cidade.

Rollie Poppino ao abordar as práticas culturais feirenses no período de 1860 a 1950, afirma que o futebol teve no início da década de 1920, principalmente no ano de 1921, o período de auge de tal prática esportiva, indicando que depois disso houve um declínio desse esporte, sendo retomado nos finais da década de 1940. Isto é um equívoco desse brasiliense, pois ao fazer uma análise superficial da inserção do futebol na cidade, ignorou um emaranhado de dados veiculados no jornal *Folha do Norte* sobre esse esporte. O que podemos antecipar é um panorama geral sobre essa inserção do futebol na urbe, destacando que sua

---

<sup>81</sup>SANTOS, Henrique Sena dos. **Uma caixinha de surpresa: os primeiros anos do Futebol em Salvador (1901-1921).** (Monografia de graduação do curso de Licenciatura em História)Feira de Santana: UEFS, 2010.

<sup>82</sup> SANTOS, Henrique Sena dos. **“Pugnas Renhidas”: Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901-1924.** (Dissertação de Mestrado). Feira de Santana: UEFS, 2012, p. 29 e 30.

introdução foi meio incipiente, sofrendo altos e baixos em relação aos diversos times amadores existentes em Feira de Santana neste período. Entre a década de 1920 e a metade da década de 1930, ocorreram várias tentativas de organizar a prática do futebol de forma mais sistematizada, porém as fontes nos apontam que foi no final da década de 1930 que isto acontece, consolidando-se na década de 1940.

Em uma coluna do *Folha do Norte*, intitulada de *Crônica Feirense*, apresenta-se duas notícias datando a chegada do futebol na cidade: a primeira referindo-se a um jogo realizado no Campo General Câmara no ano de 1906, entre estudantes de férias e pessoas da cidade<sup>83</sup>; e a outra sobre uma partida ocorrida no ano de 1907, entre o Feirense e o Santos Dumont.<sup>84</sup> Assim, poucos anos depois dessa prática ter sido iniciada em Salvador ela começou a dar os primeiros passos na cidade feirense.

O futebol, em Feira de Santana, introduziu-se aos poucos, sendo praticado por vários setores da população. Entre as elites um fomentador desse esporte foi o Dr. Gastão Guimarães, organizando alguns eventos em prol dos times da cidade. Como vimos anteriormente, Dr. Gastão Guimarães atuou em outras instituições, como o Grêmio Lítero-Dramático Rio Branco, a Filarmônica Vitória e a Escola Normal. Por ser médico e também atuar no campo da educação, incentivava o esporte como instrumento disciplinador dos indivíduos. Assim, Dr. Gastão Guimarães agia no sentido de lançar através das diversas instituições em que atuava a difusão de ideias civilizadoras, quer seja no campo da educação, ou no dos esportes.

Este membro da elite feirense promoveu eventos entre as diversas instituições para arrecadar fundos para a realização das partidas, além de apitar muitas delas. É o que se pode verificar nos seguintes trechos:

Sabemos que o Sr. Dr. Gastão Guimarães promove, para o próximo dia 24 de agosto, no Campo General Camara, uma festa *sportiva* (...), pois a festa projetada sobre ser um valioso estimula a educação e ao desenvolvimento phisico da mocidade feirense.<sup>85</sup>

Para um encontro, amanhã, às 16 hs, no Campo General Camara, o União Feirense Foot-ball, convidou o 1º *team* dos atiradores do 310 (...) o juiz do *match* será Sr. Dr. Gastão Guimarães.<sup>86</sup>

---

<sup>83</sup> MONCORVO, Gil. Chrônica Feirense. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 07 de julho de 1923, p. 1.

<sup>84</sup> MONCORVO, Gil. Chrônica Feirense. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 11 de agosto de 1923, p. 1.

<sup>85</sup> FOLHA DO NORTE. **Festa Sportiva**. Feira de Santana, 26 de julho de 1919, p. 2.

<sup>86</sup> FOLHA DO NORTE. **Foot-ball**. Feira de Santana, 08 de fevereiro de 1919, p. 1.

Portanto, o Dr. Gastão estava intimamente envolvido com o futebol, tanto ao promover eventos no qual pudessem manter os primeiros times, que geralmente eram combinados entre membros das elites, quanto ao participar da partida como árbitro em jogos. Isto perdurou por toda a década de 1920 e inicio da década de 1930, em que seu nome figura ao lado de eventos esportivos.

Como o futebol foi um esporte importado da Inglaterra, os termos utilizados e ditos eram escritos em inglês. Foi muito comum nesses primeiros anos de futebol os jornais veicularem nas suas notícias expressões inglesas:

Servindo de juiz o Sr. Gastão Guimarães, disputaram o anunciado ***match***, `a hora e no local do costume, domingo último, o 2º ***team*** de atiradores do 310 e o team da Cruz Vermelha ***Foot-Ball Club***. Os atiradores atacaram (...) logo de principio, pondo à prova a defesa dos adversários e evidenciando a segurança da sua linha de ***backs***, onde Arlindo fez proezas, bem como a destreza de Cícero, o ***gol-keeper***. (...) Só no segundo ***half-time*** (...).<sup>87</sup> (grifos nossos)

Deste modo, a narrativa do jornal *Folha do Norte* esboçada acima demonstra que neste período as descrições das partidas se valiam das palavras inglesas para se referir ao futebol, assim temos: *match* (jogo), *backs* (zagueiros), *gol-keeper* (goleiro) e *half-time* (segundo tempo). Essa realidade só mudaria entre o final da década de 1930 e o início da década de 1940, quando por iniciativa do Ministério da Educação foi realizado um movimento para promover um plano de nacionalização dos termos de futebol.<sup>88</sup> Isto vai muito ao encontro da conjuntura política da época, o período da ditadura estado-novista do presidente Getúlio Vargas, que tinha como um dos seus ideais políticos o discurso nacionalista.<sup>89</sup>

As primeiras partidas de futebol aconteceram no campo General Câmara, que não tinha infraestrutura adequada para a prática do futebol. Em 1922, o *Folha do Norte* noticiou a abertura do novo estádio: “inaugurou-se domingo como estava anunciando o campo Leolindo Ramos. Depois de servido o almoço, foi feita a visita no campo onde as quatro horas, foi dado início à grande peleja”.<sup>90</sup> Em outras notas este estádio foi apresentado conforme a idealização de progresso, com “arquibancadas novas e cobertas, com o gramado confortável e

<sup>87</sup> FOLHA DO NORTE. **Notas Sportivas**. Feira de Santana, 25 de janeiro de 1919, p. 1.

<sup>88</sup> FOLHA DO NORTE. Nacionalização das expressões esportivas. Feira de Santana, 04 de outubro de 1941, p. 3.

<sup>89</sup> GOMES, Ângela de Castro. **História e Historiadores: a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: FVG, 1996.

<sup>90</sup> FOLHA DO NORTE. **Campo Leolindo Ramos**. Feira de Santana, 05 de agosto de 1922, p. 1.

elegante”.<sup>91</sup> Como argumenta Raimundo Fonseca, “nas modernas práticas esportivas, como o futebol, buscava-se, para além de uma atividade física moderna e civilizada, uma distinção social”<sup>92</sup>. Neste sentido, o futebol praticado pelas elites da cidade deveria acontecer em um lugar específico, no caso o estádio.



**Figura 7:** Estádio Leolindo Ramos entre as imediações da Avenida Senhor dos Passos e a Rua Marechal Deodoro, fazendo fronteira com o Asilo de Nossa Senhora de Lourdes.

Fonte: GAMA, Raimundo. **Memória Fotográfica de Feira de Santana**. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994, p. 211.

No inicio da década de 1930 esse estádio foi palco de um acontecimento sinistro, ocorrido numa partida entre os times amadores locais do Flamengo e Feirense<sup>93</sup>, quando o goleiro da segunda equipe, ao fazer uma defesa, sofreu um ataque cardíaco fulminante, sendo atendido por Dr. Gastão Guimarães no campo, pois este estava acompanhando a partida. O *Folha do Norte* ainda informou que no dia das atividades fúnebres foram estendidas as bandeiras dos times envolvidos na partida, sendo que o poeta Aloísio Resende proferiu algumas palavras em nome do Feirense.<sup>94</sup>

Ainda sobre os estádios, identificamos a inauguração de outro em 1941, o Estádio Irmãos Andrade, situado na antiga Rua do ABC, atual Avenida Sampaio, equipado de

<sup>91</sup> FOLHA DO NORTE. **S. Félix e Feira empata brilhantemente**. Feira de Santana, 10 de fevereiro de 1924, p.4.

<sup>92</sup> FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo Fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador- (1897-1930)**. Salvador: EdUFBa, Centro de Estudos Baianos, 2002, p. 59.

<sup>93</sup> Salientamos que este clube que nos referimos nesse período, apesar de ter o mesmo nome não é o mesmo clube que participa atualmente do Campeonato Baiano.

<sup>94</sup> FOLHA DO NORTE. **Desportiva**. Feira de Santana, 02 de maio de 1931, p.4.

“arquibancadas bem estruturadas e com uma boa iluminação”.<sup>95</sup> Na década de 1950 ocorreu a fundação do estádio oficial da cidade, chamado primeiramente de Aguinaldo Boaventura, depois modificado para Alberto Oliveira, popularmente conhecido por Joia da Princesa. Este apelido dado ao estádio reflete a forte representação da cidade como princesa, tendo desdobramentos até a história recente de Feira de Santana.

Seguindo a trilha dos primeiros amistosos realizados na cidade, verificamos que os times, inicialmente, eram formados de combinados de membros das elites. Chegou-se a ter vários times, tais como o Guarany, o Rio Branco, o Feirense, o São Christovam, o Apolo, dentre outros. No entanto, havia momentos de idas e vindas, justamente porque não se tinha jogadores fixos em cada time. Lembremos que até a década de 1930 o futebol brasileiro era caracterizado pelo amadorismo, sendo os seus praticantes pessoas que exerciam outras profissões que lhes garantisse o sustento.<sup>96</sup> Os feirenses não tinham o costume de treinar, sendo esta uma das queixas daqueles que queriam ver a arte dos “bretões” florescer na “Princesa do Sertão”. Uma das notícias sobre o esporte argumentou:

Para o cultivar do foot-ball (...) fundemos, portanto, sociedades para esse fim, e criemos uma liga a que se filiem todas, como em outras tantos lugares já se vem fazendo. Ao lado das divergências pessoais, e unidos por um só ideal, levantemos o Sport na Feira, acenando-lhe um futuro promissor, com o desenvolvimento physico da sua mocidade.<sup>97</sup>

Fica explícito neste trecho que existiam possíveis conflitos que dificultavam a consolidação do esporte na cidade. Em março de 1922, foi fundada uma das primeiras liga da cidade, tendo como presidente, o Dr. Gastão Guimarães: “Reuniram ontem na sede do Rio Branco, os representantes da Associação Feirense, para tratarem da organização da Liga que dirigirá os desportos entre nós.”<sup>98</sup> Nos primeiros meses, a empolgação foi tanta que a Loja Jasmin publicava um anuncio no jornal avisando da chegada de materiais esportivos. Todavia, seis meses depois da sua fundação, o *Folha do Norte* notícia que, “com a retirada dos clubes Rio Branco e o São Christovam, ocorre o desmoronamento da Liga Feirense de *Foot-ball*.<sup>99</sup> Portanto, a falta de um consenso sobre a estruturação de um campeonato na cidade, ocasionou muitas oscilações quanto a prática do futebol de forma mais sistematizada, até o surgimento

<sup>95</sup> FOLHA DO NORTE. **Inauguração do novo Estádio Irmãos Andrade.** Feira de Santana, 20 de setembro de 1941, p. 2.

<sup>96</sup> LEITE, Rinaldo C. N.; ROCHA JUNIOR, Coriolano P. da; SANTOS, Henrique S. Esporte, Cidade e Modernidade: Salvador. **In:** MELO, Victor Andrade de. (org.). **Os Sports e as cidades brasileiras: transição do século XIX e XX.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 213 -239.

<sup>97</sup> FOLHA DO NORTE. **Pelo Sport.** Feira de Santana, 18 de abril de 1922, p. 2.

<sup>98</sup> FOLHA DO NORTE. **A Folha Sportiva.** Feira de Santana, 10 junho de 1922, p. 4.

<sup>99</sup> FOLHA DO NORTE. **O desmoronamento da Liga Feirense.** Feira de Santana, 16 dezembro de 1922, p. 1.

do Bahia de Feira em 1937, e posteriormente, em 1941, com o Fluminense de Feira , o touro do sertão. Podemos evidenciar isto através de um artigo publicado na *Revista Serpentina*, em 1941:

A Associação Desportiva Bahia que, inegavelmente, se tem consagrado, na liderança do índice do valor esportivo local, é o exponencialmente verdadeiro, do elevamento progressivo do nome da Feira. O seu harmonioso conjunto, repleto de jogadores técnicos, está constantemente a abater, os clubes, que se deslocam de paragens (...) É o mais destemido selecionado do interior do nosso Estado.

(...) E que a Feira, continue dando essa pujança de destemerocidade a esses que são moços e podem elevar, dignamente, o teu enaltecido nome, como a terra que mais coletiva o esporte bretão, em teu Estado, demonstrando desse modo, os teus filhos são enaltecedores deste século de dinamismo que vivem, onde a cultura física ao lado da mecânica são elementos dominantes, tu poderá ser maior, a mais bela e a líder das cidades que mais progridem na Bahia.<sup>100</sup>

Assim, tanto a prática do futebol quanto no desempenho do Bahia de Feira estão intimamente ligados ao desenvolvimento da cidade, pois contribuem para engrandecer o nome da mesma. Posteriormente, quem assumiu essa responsabilidade foi o Fluminense de Feira<sup>101</sup>, tornando-se o primeiro clube local a se profissionalizar, participando em 1954 do Campeonato Baiano da primeira divisão, enquanto o Bahia de Feira só disputou esse campeonato nos finais da década de 1960. Os campeonatos feirenses que ocorreram depois do aparecimento desses dois clubes começaram a ser demarcado por uma grande rivalidade e, dos times existentes no período estudado somente o Bahia de Feira e o Fluminense de Feira conseguiram se firmar e atuam no Campeonato Baiano.

Retomando a discussão da civilidade, encontramos um artigo publicado no *Folha do Norte*, em que Afrânio Peixoto defendia a prática do futebol como elemento civilizador e forjador do caráter dos indivíduos, inclusive para a realização do trabalho, e como projeto progressista de uma nação. Em suas palavras ele diz:

Que pensais do foot-bal? Eu vos asseguro que elle está reformando, se não refazendo, o caráter do Brasil (...). Porque ganhar no foot-ball, (...) significa disciplina, cooperação, solidariedade, Isto é, altruísmo, inteligência, aplicados ao bem comum, forças que movem o mundo.<sup>102</sup>

A narrativa de Peixoto apresenta uma representação sobre o futebol como uma prática remetente a uma sociabilidade moderna, mas principalmente uma prática que civilizava e forjava o caráter de seus praticantes. Consequentemente, as ideias de Peixoto vão ao encontro às perspectivas políticas norteadora dos intelectuais dessa época, pois o caráter nacionalista,

<sup>100</sup> ALVAS. Esportes em Crônicas. In: **Revista Serpentina**. Feira de Santana: nº. 1, ano de 1941.

<sup>101</sup> SIMAS, Adilson. **A História do Fluminense de Feira**. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos, 2009.

<sup>102</sup> PEIXOTO, Afrânio. FOOT-BALL. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 28 de junho de 1919, p. 1.

cívico, moralizador, higienista, progressista e civilizatório foi a tônica do seu discurso. De acordo com Hilário Franco Júnior, “o futebol tornara-se um novo item da modernidade europeia que não podia faltar aos anseios de atualização da elite brasileira e que devia por isso ser praticado por pessoas de igual condição social.”<sup>103</sup>

Nas primeiras experiências das torcidas na qual se esboçaram as contradições destas tais pretensões civilizadoras, pois o comportamento das torcidas se constituíam em alvo de reclamações dos jornais: “(...) A torcida foi violenta e às vezes agressiva ao juiz, que foi indeciso em sua atuação. É lamentável que isto esteja a se reproduzir o que nada tem de educação esportiva”<sup>104</sup>. Em outra nota o referido periódico apresenta como deveria se portar o público esportivo, definindo que “a torcida deve ser moderada, educada e fidalga”<sup>105</sup>.

O futebol, mesmo sendo praticado em lugar específico, vivenciava situações em que as pessoas envolvidas com seus times rompiam com as regras da civilidade, vaiando o juiz e falando palavras de baixo calão. Isso demonstrava conflitos na incorporação de novos hábitos, haja vista que a sociedade feirense vivia a contradição de incorporar novos modos citadinos. Conquanto as feições rurais fortemente presentes, acontecia que as elites como afirmamos antes, era um grupo heterogêneo, e apesar de, muitas vezes, terem objetivos em comum, nem sempre partilhavam das mesmas ideias e dos mesmos comportamentos. Por isso, percebemos certa aversão ao processo de modernização e civilidade para a cidade feirense, principalmente a fração relacionada com as raízes pastoris. Mesmo assim, as elites eram apresentadas pela impressa como “os *sportmens*” civilizados, posto que praticavam o futebol conforme as regras vigentes, em local apropriado e devidamente uniformizados. No decorrer dessa discussão veremos como a prática de tal modalidade esportiva nas ruas tiveram outra conotação, bem como contou com a adesão de outros grupos.

As partidas de futebol proporcionavam diversas formas de sociabilidades, como a participação feminina e o aspecto da moda, a participação das bandas musicais nas partidas, além das comemorações estendidas para outros espaços como os bares, constituindo-se um elemento atrativo para o público. Identificamos nas notícias de futebol a presença feminina, pois muitas mulheres que frequentavam o estádio aproveitavam-se desse novo espaço para ver e serem vistas, desfilando os modelos da última moda da capital baiana. Além disso, era

<sup>103</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses- Futebol, Sociedade, Cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 63.

<sup>104</sup> FOLHA DO NORTE. **Sobre o jogo do Rio Branco x Feirense**. Feira de Santana, 28 de outubro de 1922, p. 2.

<sup>105</sup> FOLHA DO NORTE. **O grande jogo entre Feira x S. Amaro no dia 12 do corrente**. Feira de Santana, 04 de abril de 1931, p. 1.

também um momento no qual possíveis *flerts* poderiam acontecer. Estas participavam da cena do *foot-ball* dando o pontapé inicial da partida, geralmente eram professoras, visto que estas gozavam de uma grande notoriedade e prestígio na cidade. De acordo com o periódico, as senhorinhas trajavam roupas *chic*, com grandes chapéus e, antes do início da partida, circulavam embelezando o ambiente.<sup>106</sup>

Em relação ao futebol, havia uma parceria entre o futebol e as filarmônicas, no qual era normal a presença destes grupos musicais nas partidas locais, que abrilhantavam o jogo e animavam a torcida, antes de começar a partida, na hora do intervalo e ao final da partida. “A presença da banda e do elemento feminino fazia parte de um repertório comportamental mais amplo, que ia desde o modo de se vestir à forma de torcer, determinando como os indivíduos dos grupos elitizados iriam ao jogo”<sup>107</sup>.

O fim de jogo abria uma possibilidade para uma esticadinha nas diversões. Conforme nos apontou o *Folha do Norte*, quase sempre acontecia uma comemoração após o jogo:

Findo o match serviam-se bebidas, na sede da União trocando-se calorosas saudações.<sup>108</sup>

O Guarany Foot-ball Club ofereceu na Ideal Pensão, aos vencedores, uma medalha de ouro.<sup>109</sup>

Os dois teams dirigiram- se, acompanhados de música, à Pensão Universal, onde, servindo *champagne*.<sup>110</sup>

Então, os elementos música, premiação e bebida marcavam presença nessas comemorações, muitas delas eram refinadas, pois a bebida em questão era o *champagne*. Muitas comemorações das partidas de futebol eram realizadas tanto no Hotel Universal, quanto no Sueto, neste último, que também era sorveteria, as pessoas aguardavam o tempo de início das sessões do cinema, visto que era bem próximo do Cine-Teatro Santana. Além disso, no Sueto, na década de 1940, havia o costume de se reunir um grupo de pessoas para ouvirem a transmissão via rádio do campeonato carioca, isto conforme o depoimento do Sr. Hélio<sup>111</sup>. Este ainda afirmou que o Sueto era sempre bem frequentado, tornando-se um verdadeiro

<sup>106</sup> FOLHA DO NORTE. **Campo Leolindo Ramos.** Feira de Santana, 05 de agosto de 1922, p. 1.

<sup>107</sup> LEITE, Rinaldo C. N.; ROCHA JUNIOR, Coriolano P. da; SANTOS, Henrique S. Esporte, Cidade e Modernidade: Salvador. In: MELO, Victor Andrade de. (org.). **Os Sports e as cidades brasileiras: transição do século XIX e XX.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 231.

<sup>108</sup> FOLHA DO NORTE. **O Foot-boot.** Feira de Santana, 15 de fevereiro de 1919, p.1.

<sup>109</sup> FOLHA DO NORTE. **Notas Sportivas.** Feira de Santana, 28 de junho de 1919, p. 1.

<sup>110</sup> FOLHA DO NORTE. **Notas Sportivas.** Feira de Santana, 25 de janeiro de 1919, p1.

<sup>111</sup> Entrevista oral realizada em 09 de setembro de 2011.

ponto de encontro da cidade. Isto se verificava desde a década de 1930, quando da sua remodelação, o jornal *Folha do Norte* divulgou uma nota enaltecendo as suas instalações, e destacou, ao mesmo tempo, que a casa “se tornou o ponto frequentado pela sociedade fina de nossa terra”<sup>112</sup>.

Percebemos assim, que o futebol não era apenas uma atividade física em si, mas se constituía uma forma de lazer nos quais eram estabelecidas relações sociais de convívio e amizade.

Os festejos e diversões ocorridas nas ruas eram momentos no qual as camadas populares estavam presentes, pois nesse espaço não se podia restringir a participação desses setores, como acontecia com algumas agremiações recreativas destinadas ao lazer das elites. Apesar das ruas serem alvo de constante vigilância das autoridades policiais, era um lugar de articulação das múltiplas sociabilidades, porque os diversos segmentos sociais coexistiam, mantendo relações conflitivas, de circularidades, de inversão da ordem e de resistência.

Diferentemente da atuação das filarmônicas nas ruas, o futebol quando era praticado livremente no espaço público era motivo de perseguições da imprensa, pois os garotos que brincavam pelas ruas da cidade desorganizavam, com sua balburdia, as artérias da urbe, que se pretendia civilizada. Segundo nos informa Raimundo Fonseca, em Salvador “os populares que praticavam o novo esporte eram taxados de vagabundos, enquanto os jogadores da elite eram chamados de *sportmens*”.<sup>113</sup> Fato que também se verifica em Feira de Santana, através do que foi veiculado no jornal *Folha do Norte*.

Aqueles praticantes do futebol nas ruas improvisavam os principais elementos: para começar as partidas, pedaços de madeiras ou pedras eram utilizados para indicar as traves do gol; as bolas eram feitas de meias; um grupo jogava com camisa e outro sem. A identificação com tal prática estabeleceu uma apropriação desses grupos, que através das vivências do seu cotidiano adaptaram esse esporte a sua realidade. Para Henrique dos Santos, “a prática do futebol nas ruas foi uma das formas dos populares manterem-nas como um espaço lúdico e da algazarra, assim como ocorria com a capoeira e o samba.”<sup>114</sup>

A imprensa feirense realizou uma verdadeira cruzada contra os jogos de futebol nas ruas. As alegações mais encontradas foram as vidraças quebradas nas proximidades onde os

<sup>112</sup> FOLHA DO NORTE. A remodelação do “o Sueto”. Feira de Santana, 09 de novembro de 1935.

<sup>113</sup> FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897 – 1930**. Salvador: EDUFBA – Centro de Estudos Baianos, 2002, p.60.

<sup>114</sup> SANTOS, Henrique Sena dos. **Uma caixinha de surpresa: os primeiros anos do Futebol em Salvador (1901-1921)**. Feira de Santana: UEFS, 2010, p. 64.

meninos costumavam jogar, nas imediações do Campo do Gado. Em uma nota, o referido periódico recorreu à polícia pedindo providências quanto ao ocorrido: “pedem-nos chamemos a atenção da polícia para os garotos, que na mania prejudicialíssima do *foot-ball*, vivem a estragar vidraças e telhados improvisando suas partidas.”<sup>115</sup> Quando o futebol era praticado pelos “*sportmens*” o discurso foi diferenciado, a prática foi tida como civilizada e moderna, mas quando são os setores populares que a praticam se trata de uma “mania prejudicialíssima”, pois os desdobramentos dessa prática muitas vezes terminariam por romper a ordem nas ruas. Segundo Cátia Maria Santos, “a prática do futebol em locais desapropriados era indesejada, pois contribuía para a aglomeração desses menores e dessa forma atingir os costumes das famílias importantes ‘da Feira’, prejudicando mais uma vez a imagem da cidade.”<sup>116</sup>

Em uma nota do ano de 1931, o *Folha do Norte* reclamou que o muro do Asilo Nossa Senhora de Lourdes não era arquibancada para os garotos. Como esta instituição fazia vizinhança com o Estádio Leolindo Ramos, era comum aos garotos que não tinham condição para pagar o ingresso para assistir a partida subirem nos muros do Asilo para ver o jogo. Assim, mesmo quando os garotos não estavam jogando o futebol nas ruas, davam um jeito de assistir as partidas ocorridas de forma mais sistemáticas no estádio, mesmo enfrentando hostilidade por parte da diretória do Asilo que se sentia incomodada com a bagunça dos garotos. Portanto, as queixas contra os garotos eram inúmeras, estes como dito antes, se apropriavam do esporte “*bretão*” e transformavam as ruas em campos de futebol, exigindo-se que as autoridades tomassem providências:

Chamamos atenção da autoridade competente para a grande malta de garotos que, em todas as ruas da cidade, durante os dias, organizam as partidas foot- bal, produzindo uma algazarra infernal, que, quase sempre, degenera em formidáveis descomposturas (...)<sup>117</sup>

Assim, estes passavam a serem alvos das autoridades, pois cometiam descomposturas, sendo vistos como vadios. Isto fica definido no Código de Postura de 1937, especialmente em dois artigos, um que se refere aos hábitos urbanos e outro sobre os divertimentos públicos:

Art. 148. – Todo individuo, de qualquer sexo ou idade, que for encontrado sem ocupação ou em estado de vagabundagem, será mandado à presença da autoridade policial competente, para que esta providencie, na forma da lei.<sup>118</sup>

<sup>115</sup> FOLHA DO NORTE. O “*Foot-ball*” dos garotos. Feira de Santana, 26 de abril de 1924, p. 1.

<sup>116</sup> SANTOS, Cátia Maria Ferreira dos. **Visões de uma cidade: Imagens Urbanas de Feira de Santana (1929-1940)**. Feira de Santana: UEFS, 2004, p. 30.

<sup>117</sup> FOLHA DO NORTE. A Garotagem e o *Foot-ball*. Feira de Santana, 22 de fevereiro de 1919, p.2.

<sup>118</sup> Código de Postura de 1937. Capítulos III – Dos Hábitos Urbanos, p. 36.

Art. 152. – Os jogos de foot-ball, as corridas equestres, bem como quaisquer divertimentos quer na cidade, quer nos distritos, só poderão realizar-se nos lugares previamente designados pelo Prefeito, sob pena de incorrer cada infrator na multa de 10\$000.<sup>119</sup>

Deste modo, aqueles considerados em situação de vagabundagem poderiam sofrer interferência policial, era o caso dos garotos que além de ficarem nas ruas estavam jogando o futebol no lugar não apropriado, pois o Código de Postura determinava sua prática em um local adequado. Também era comum no período estudado o jornal *Folha do Norte* chamar atenção das autoridades para disciplinar os meninos que praticavam esse esporte nas ruas e, assim, se constituíam em uma “ameaça pública”, visto que na cidade “Princesa do Sertão”, “ordeira e hospitaleira”, não podia ter sua reputação manchada por práticas tidas fora dessa perspectiva. Porém, mesmo com as constantes reclamações os garotos continuavam a jogar o futebol nas ruas, baseados em suas próprias regras, resignificando essa prática.

O futebol nas ruas não era apenas um momento de recreação, era um momento de tecer interações sociais, demarcar identidades. Ao falar das partidas de futebol nas ruas feirenses, Alberto Boaventura nos traz um dado interessante, segundo ele, havia partidas ocorridas entre garotos que moravam na rua de cima e a rua de baixo, estas eram realizadas nas proximidades da feira do gado, com a finalidade não apenas de se divertir, mas para resolver rixas entre grupos que moravam em locais diferentes<sup>120</sup>. Este ainda afirmava que, muitas vezes, essas partidas acabavam em confusão, ou seja, terminavam em brigas, consequência do acirramento das disputas fora do jogo e do próprio choque físico inerente à prática do tipo de esporte. Esse acirramento dos choques na prática futebolística foi um dos alvos do jornal *Folha do Norte*, vejamos a seguinte notícia:

Ocorrem a miúde, no futebol atabalhoado das ruas, consequências lamentáveis do gesto condenáveis de calças, encontrões etc.. Não se corrigem, no entanto os desastrados pebolistas, de um dos quais foi vítima, terça-feira última, o jovem Guilherme Fernandes de Souza.

Treinava este com outros rapazes, à Rua do Fogo, no subúrbio, quando recebeu brutal encontrão, caindo e fraturando a perna.<sup>121</sup>

Portanto, o articulista da nota chamou o futebol praticado nas ruas de “atabalhoado”, ou seja, o esporte era praticado de qualquer forma, sendo o causador de um violento acidente. Ressaltamos que também nos jogos realizados nos estádios aconteciam disputas violentas,

---

<sup>119</sup> Código de Postura de 1937. Capítulo IV – Dos Divertimentos Públicos, p. 37.

<sup>120</sup> BOAVENTURA, Alberto Alves. **Cronifatos** – Feira de Santana, 1983, p. 34 e 35.

<sup>121</sup> FOLHA DO NORTE. Recebeu um formidável encontrão, caiu e fraturou a perna. Feira de Santana, 02 de setembro de 1932.

identificadas pela imprensa, a diferença estava justamente em relação ao espaço, pois nas ruas, a prática do futebol era mal vista e estigmatizada.

Esboçamos aqui como futebol praticado em lugares mais reservados e nas ruas eram reapropriados, ganhando sentidos próprios, por vezes em disputas e apresentando contradições nas vivências dos diversos sujeitos, que procuravam se divertir seguindo a lógica ou não da “civilidade”.

### **A magia circense na “cidade princesa”**

Segundo Ermínia Silva, a origem do espetáculo circense aconteceu na Europa no final do século XVIII. Neste sentido, “o modo de organização de espetáculo reunindo teatro, acrobacias, danças, músicas, bonecos e animais, entre outros, fez tanto sucesso que diversos grupos (...) em passos acelerados iniciaram turnês por diversos países.”<sup>122</sup> No Brasil, a referência a essas expressões artísticas datam do início do século XIX, com espetáculos realizados nas ruas, em feiras ou nos tablados dos teatros. Esse tipo de diversão “ia se mostrando como presença marcante no cotidiano das cidades brasileiras”, sendo as troupes uma mistura de artistas brasileiro e estrangeiros, animais adestrados e saltimbancos.

A chegada de um circo numa cidade ocasionava sentimentos ambíguos: por um lado, a população fica fascinada, pois os artistas “carregados do espírito dionisíaco transfigurava a existência cotidiana”<sup>123</sup>; por outro lado, havia uma apreensão por parte das autoridades locais, posto que o estilo de vida dos artistas (nômades) não era bem visto.

Em Feira de Santana, de acordo com o Código de Postura de 1937, na secção que se refere às vias públicas, ficava explícito que os circos deveriam obter da prefeitura uma licença prévia para ocupação do espaço onde iria armar a lona, sendo o descumprimento de tal prerrogativa passível de sofrer punição de multa, estimada em 30\$000 réis, e remoção do local ocupado indevidamente.<sup>124</sup> Em Feira de Santana os circos armavam suas tendas na

<sup>122</sup> SILVA, Ermínia. A teatralidade circense no Rio de Janeiro do século XIX. In: MARZANO, Andrea, MELO, Victor Andrade de (Org.). **Vida divertida: História do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 125.

<sup>123</sup> DUARTE, Regina Horta. **Noites Circenses: Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

<sup>124</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA. **Código de Posturas do Município**. Decreto – Lei Nº. 01 de 29 de dezembro de 1937, p. 9.

Avenida Maria Quitéria (atual Avenida Getúlio Vargas), na Praça João Pedreira, ou na Praça Padre Ovídio, perto da Igreja Matriz.

O processo de instalação do circo acontecia muito antes dos seus artistas chegarem à cidade, pois um representante, geralmente o seu proprietário, ia à localidade destinada para solicitar da prefeitura a autorização, como também divulgar na imprensa local a companhia. Havia uma necessidade de se atestar perante o público da cidade e, principalmente, frente às autoridades, a boa procedência da trupe. É o que pode se verificar nesse anúncio: “em breve dias, estará nesta cidade uma importante companhia internacional de acrobatas, sob a direção dos irmãos Hermosa. (...) visitaram-nos dois dos seus empresários, informando-nos a referências dos seus acrobatas”<sup>125</sup>. Essa necessidade de se testar a procedência do circo, era repassada para os planfetos de divulgação dos espetáculos que geralmente tinham na sua construção narrativa frases do tipo: “espetáculos familiares” ou “um espetáculo para toda família”. Evidentemente, era uma forma de ressaltar para o público que os números apresentados não iriam ferir os princípios da moralidade.<sup>126</sup>

A chegada do circo, bem como a divulgação da estreia do espetáculo, era uma verdadeira festa nas ruas da cidade. Sobre a armação do circo e sua divulgação em algumas cidades mineiras, Regina Duarte, argumenta que:

A armação do circo despertava curiosidade dos habitantes. Vários dias eram necessários para tal tarefa. Durante esse tempo, os arredores da praça escolhida enchiam-se de crianças maravilhas e adultos que ampliavam o tempo de estar na rua, retardando obrigações domésticas. (...) Os artistas iam de casa, de venda em venda, descrevendo o elenco (...). Ao mesmo tempo, uma pequena banda precedia o palhaço, montado num cavalo ou no burro, assentado de costas para a cabeça do animal. Atrás, as crianças, (...) corriam, gritavam e assobiavam enquanto dialogavam com o palhaço: - Hoje tem espetáculo? – Tem sim, senhor! (...) E o palhaço o que é? – Ladrão de muié!<sup>127</sup>

Quanto à chegada do circo, a realidade feirense se aproxima muito dessa descrição de Duarte ao se referir as cidades mineiras. Isto se evidencia na entrevista oral concedida pelo Sr. Pedro, ratificando essa posição da autora:

Os meninos acompanhavam os palhaços que saiam nas ruas com as pernas de pau, cantando: “E o palhaço o que é? É ladrão de mulher. Hoje tem espetáculo? Tem sim, senhor. Às 08:00 horas da noite? Tem sim, senhor.”

<sup>125</sup> FOLHA DO NORTE. **Circo Hermosa**. Feira de Santana, 26 de maio de 1923, p.4.

<sup>126</sup> Ver na pág. 153, no anexo B: um reclame que apresenta um material de divulgação de um espetáculo circense em que destaca este aspecto.

<sup>127</sup> DUARTE, Regina Horta. **Noites Circenses: Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995, p. 34.

Essas coisas que o palhaço cantava. E os meninos acompanhavam. Cada menino daquele recebia uma marca no braço, uma espécie de rubrica, e quando era de noite eles tinham direito de entrar pra geral sem pagar. Eram os propagandistas.<sup>128</sup>

De acordo com esse depoimento, os meninos encantavam-se com a presença do circo e com a figura do palhaço, acabavam percorrendo as ruas da cidade, contribuindo para que a caravana circense ficasse ainda mais barulhenta, chamando atenção da população para à chegada do circo na cidade. Estas participações lhes garantiam a entrada franca, que, muitas vezes, não tinha como pagar o ingresso.

Frequentemente era divulgada a composição das trupes, com palhaços, parodistas, malabarista, trapezista, atiradores de facas, ilusionistas, adestradores de animais.<sup>129</sup> O palhaço era uma figura emblemática do mundo mágico do circo, este satirizava a vida cotidiana, descompromissado de valores morais, pois o seu objetivo era fazer sorrir, como afirma o trecho do poema *Palhaço*: “O palhaço tem alma. Às vezes chora e ri. Anima as multidões, dominando a plateia. Sangra-lhe o coração, mas só esquece de si.”<sup>130</sup>

Além de fazer a divulgação do circo na cidade, os palhaços abriam os espetáculos, juntamente com o apresentador, que, muitas vezes, era o dono do circo. No intervalo entre uma atração e outra, apresentavam piadas rápidas e brincadeiras com o público, depois realizavam seus números cheios de gracejos, comportamentos atrapalhados e piadas. Às vezes estes parodiavam os números circenses anteriores, como malabarismo e mágica, tentando realizá-los, porém com muito humor e intencionalmente sem a habilidade de seus colegas, o que lhe rendia muitos aplausos por parte da plateia que sorria com os gracejos do palhaço.

Em algumas apresentações circenses havia o convite para as filarmônicas da cidade participarem dos espetáculos. O *Folha do Norte*, na década de 1920, noticiou a participação da 25 de Março na estreia do Circo Hermosa.<sup>131</sup> Alguns circos faziam sessões benéficas, em prol das filarmônicas, a exemplo da Vitória, do cordão carnavalesco Melindrosas<sup>132</sup>, das obras da Igreja do Senhor dos Passos<sup>133</sup>, ou também dos flagelados da seca de 1932 como se verifica abaixo:

<sup>128</sup> Entrevista oral concedida em Janeiro de 2011.

<sup>129</sup> Ver na pág. 154, no anexo C: a variedade de atrações circenses que se apresentavam em um espetáculo.

<sup>130</sup> LIMA, Pizarro. Palhaço. In: **FOLHA DO NORTE**. Feira de Santana, 13 de agosto de 1932. Informamos que Pizarro Lima é um pseudônimo utilizado pelo professor Leonidio Rocha.

<sup>131</sup> FOLHA DO NORTE. **Circo Hermosa**. Feira de Santana, 28 de julho de 1923, p.1.

<sup>132</sup> Ver na pág. 155, no anexo D: o reclame do Circo Hawai informando sobre o espetáculo benéfico em prol das Melindrosas.

<sup>133</sup> FOLHA DO NORTE. **Circo Ventura**. Feira de Santana, 26 de maio de 1923, p. 4.

Continua a funcionar em terrenos da Avenida Maria Quitéria o Circo Veneza, tendo agrado os trabalhos ginásticos e a representação de dramas e comédias. (...) Por estes dias, segundo comunicação dos empresários, o Circo Veneza dará uma função magnífica em favor dos flagelados pela seca, que se acham nesta cidade.<sup>134</sup>

Entre os circos que mapeamos nas notícias dos jornais, temos: o Hermosa, o Ventura, o Radium, o Belga, o Herval, Deolindo, Japones, Cirkus Fekete, Hawai, Havana Cirkus, Papert, Stringhiny, Riso do Norte e, também, a Troupe Sul América. Este último fez espetáculos adaptados para o Cine-Teatro Santana, uma prática comum em Feira de Santana, em que certos números, como os de mágicas, adestramentos com cães, acrobacia e atiradores de facas, eram apresentados a um público mais seletivo.

O circo se apropriava das artes teatrais como os dramalhões e as comédias apresentando-os no picadeiro. Segundo Regina Duarte, está foi uma forma encontrada pelos donos do circo para balancear as despesas, pois as apresentações com animais representavam um alto custo, e a incorporação dessas artes teatrais atraia um número maior de espectadores.<sup>135</sup> Essa apropriação dos dramalhões e das comédias apareciam no universo circense e ganhavam uma tônica mais carregada, “representados com um aparato cênico tão espalhafatoso e exagerado quanto os enredos das histórias escolhidas.”<sup>136</sup>

O circo tornou-se mais um nicho para que os atores apresentassem as artes cênicas, assim encontramos na programação dos circos que passaram por Feira de Santana, a divulgação dos seguintes espetáculos teatrais: o drama *A Vingança do João* (Circo Veneza), o drama *O castigo do Céu* (Circo Belga), a comédia *O médico e o louco* (Circo Riso do Norte), entre outros. Para Erminia Silva o intercâmbio entre teatro e o circo possibilitou

Através de seus artistas, em particular os que se tornaram palhaços/cantores/atores, amplia-se o leque de apropriação e divulgação dos gêneros teatrais, dos ritmos musicais e de danças das diversas regiões urbanas e rurais, elementos importantes para se entender a construção do espetáculo denominado circo-teatro.<sup>137</sup>

Ou seja, além desses espetáculos circo-teatro terem uma tônica mais carregada, como foi dito antes, eles eram reelaborado tanto pela incorporação de elementos do cotidiano da cidade onde o circo se apresentava como também pela incorporação de novos artistas.

<sup>134</sup> FOLHA DO NORTE. **Circo Veneza**. Feira de Santana, 25 de junho de 1932.

<sup>135</sup> DUARTE, Regina Horta. **Noites Circenses: Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, p. 204.

<sup>136</sup> Ibidem, Idem, p. 204.

<sup>137</sup> SILVA, Ermínia. A teatralidade circense no Rio de Janeiro do século XIX. In: MARZANO, Andrea, MELO, Victor Andrade de (Org.). **Vida divertida: História do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 138.

Quanto ao público, podemos afirmar que havia heterogeneidade social dentre os participantes. No circo, assim como no teatro, haviam acomodações diferenciadas em relação ao tipo de público. As cadeiras mais confortáveis ficavam mais próximas do picadeiro, sendo as mais caras também; alguns circos tinham camarotes, outros não; para os setores populares, com preços mais baratos, reservavam a geral e arquibancada, também chamadas como “galinheiro”<sup>138</sup>. Segundo Ermínia Silva, ao se referir à cidade do Rio de Janeiro, “o espaço circense consolidava-se como um local para onde convergiam diferentes setores sociais, com possibilidades para a criação e expressão das manifestações culturais presentes naqueles setores.”<sup>139</sup>

Em Feira de Santana o circo conseguia catalisar um público heterogêneo, conforme nos informa o Sr. Pedro, quando um circo estava na cidade, havia uma mobilização de todos os setores da sociedade para assistir aos espetáculos, sendo que aqueles que tinham mais condições sociais iam mais de duas vezes aos espetáculos. Além disso, o Sr. Pedro afirma que, quando a havia presença de animais, o circo funcionava no período do dia como um tipo de zoológico, no qual se pagava para ver os animais.

Apesar das diversas matérias anunciarão a repercussão dos espetáculos como “maravilhoso”, “empolgante”, “acolhedor de imensos aplausos”, dentre outros, argumentando a satisfação com tal entretenimento, às vezes a preocupação com a ordem suscitou algumas reclamações sobre os espectadores e os artistas, que acabavam se envolvendo em confusões:

Apelamos para as autoridades policiais no sentido de reprimir as licenciosidades de deseducados espectadores em flagrantes desrespeitos a família ali presente, o que muito depõem contra os autores de tais desmandos.<sup>140</sup>

Na terça-feira os artistas meteram-se num grande rega-bofe, embebedaram-se, promoveram distúrbios e foram ao xilindró. Na quarta começaram a desarmar o circo.

Tais fatos não poderiam acontecer numa cidade em que aspirava civilizar sua população. Mas o circo não tinha esse compromisso próprio do teatro, o de ter uma ação pedagogizante, espetáculos do circo “tinha como único objetivo divertir e despertar emoções,

<sup>138</sup> Por ter seu formato parecido com um poleiro de galinhas. Ao se referir a sua infância Alberto Boaventura se lembra da utilização desse termo na década de 1920. Cf.: BOAVENTURA, Alberto Alves. **Opúsculo de Cânticos – Poemas**. Feira de Santana, 1973, p. 47.

<sup>139</sup> SILVA, Ermínia. A teatralidade circense no Rio de Janeiro do século XIX. In: MARZANO, Andrea, MELO, Victor Andrade de (Org.). **Vida divertida: História do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 137.

<sup>140</sup> FOLHA DO NORTE. **Circo Belga**. Feira de Santana, 16 de março de 1935, p.4.

(...) simplesmente cultuava-se o riso, a surpresa e a ilusão.”<sup>141</sup> De acordo com Sr. Pedro era uma prática dos espetáculos circenses a interação do público com os artistas, principalmente entre o palhaço e o público que ocupava as arquibancadas, às vezes com piadas “apimentadas”. No jornal *Folha do Norte*, encontramos reclamações sobre o comportamento do público das gerais:

**Ficarão as famílias obrigadas a renunciar aos espetáculos de circo?**

A maneira porque tem procedido o pessoal que ocupa as arquibancadas do circo, entre nós, sobre comprovar nenhuma educação, constitue-se um vexame para as famílias presentes. (...) Editem tais espectadores indesejáveis graçolas e indecorosas, levam a audácia a ponto de vaiar senhorinhas, como ocorreu na última função do Circo Herval. Ainda bem que foi a derradeira. Ou pretenderão os assistentes do chamado galinheiro que somente eles deverão ter ingresso ali? Ou entendem que não devem ser rigorosamente policiados os espetáculos públicos?<sup>142</sup>

Portanto, as reações do público das gerais eram tidas pela imprensa como incompatíveis com as famílias de bem da cidade, que se sentiram feridas, e o *Folha do Norte*, como proclamador do discurso da civilidade, questionava a participação de ambos os públicos, visto que essas famílias não poderiam ser expostas a tal vexame. Além disso, solicitava que os espetáculos públicos fossem policiados, justamente para coibirem tais comportamentos. Porém, conforme o depoimento do Sr. Pedro, a interação do público das gerais era uma “verdadeira balbúrdia, uma festa”, e uma prática comum aos espetáculos circense, que mesmo com essas reclamações não deixava de receber esse tipo de público.

O circo foi e ainda é algo mágico, que mexe com imaginário das pessoas, muitas vezes a apreensão em relação a estas companhias ocorria também porque era comum nas cidades por onde passavam os artistas causar paixões de todos os tipos, ocorrendo fugas de crianças, que sonhavam em serem palhaços mágicos e acrobatas, e também de homens e mulheres, que viviam aventuras amorosas com os artistas itinerantes, ou que apenas se apaixonavam.<sup>143</sup>

No cotidiano das diversões da urbe feirense o circo era um elemento de lazer e de certa forma transgredia a perspectiva de civilidade, onde a ordem não imperava nos picadeiros, lá quem ditava as regras era o palhaço, geralmente parodiado os costumes locais. A regra era se divertir, sonhar através da ótica circense. Todavia, não podemos esquecer que as normas

<sup>141</sup> DUARTE, Regina Horta. *Noites Circenses: Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, p. 167.

<sup>142</sup> FOLHA DO NORTE. **Ficarão as famílias obrigadas a renunciar aos espetáculos de circo?** Feira de Santana, 19 de agosto de 1933.

<sup>143</sup> I FOLHA DO NORTE. **Ficarão as famílias obrigadas a renunciar aos espetáculos de circo?** Feira de Santana, 19 de agosto de 1933, p. 86.

estavam postas nas distinções sociais, que hierarquizavam os espaços e na vigilância de elementos das autoridades policiais ou das “carolas”, que se incomodavam com o entusiasmo da população diante das apresentações.

As discussões realizadas neste capítulo objetivaram traçar um panorama de algumas diversões ocorridas em Feira de Santana, analisando como as mesmas se relacionavam com os ideais de civilidade, que muitas vezes na trama cotidiana conflitavam com os interesses de seus consumidores. Tanto entre as elites como entre os segmentos menos abastados da população, havia uma tensão em relação essa representação da cidade como “Princesa”, pois as transformações empreendidas, bem como a emergência de sociabilidades modernas e civilizadas, ameaçavam os símbolos sertanejos, que uma parte desses mesmos grupos ainda consideravam balizadores de suas identidades.

Salientamos que as análises estabelecidas neste capítulo ainda carece de maiores problematizações, pois cada diversão aqui discutidas (filarmônicas, grêmios lítero-drâmaticos, futebol e circo) por si só, já seria isoladamente objetos de uma dissertação. O nosso foco principal é o Cine-Teatro Santana, e para desenvolvermos a ideia de que este era um espaço multifacetado foi necessário trazer para a discussão essas outras diversões. Assim, passaremos a analisá-lo.

## CAPÍTULO 3 - CINE-TEATRO SANTANA: ESPAÇO MULTIFACETADO E AS REDES DE SOLIDARIEDADE NA ESFERA DAS DIVERSÕES

Como vimos no capítulo anterior, algumas formas de diversões cumpriam o papel de difusores de ideias e de comportamentos ligados a aspectos de civilidade, pois a Feira de Santana, então representada como Princesa do Sertão, deveria ter uma vida sociocultural que caminhasse rumo ao progresso e as aspirações de modernidade, ansiada por uma boa parte da elite. Assim, os grêmios lítero-dramáticos, as filarmônicas e o futebol explicitavam as tensões que tais perspectivas apresentavam no cotidiano das diversões da cidade feirense.

Outro espaço que não fugiu dessa lógica foi o Cine-Teatro Santana, o qual no período em que funcionava apenas como teatro desempenhava o papel de moralizador dos comportamentos sociais. Com a incorporação do cinematógrafo às suas funções, tal espaço ganhou ainda mais destaque, durante pelo menos quase três décadas, e nisto reside o impacto que a sétima arte causou nos frequentadores dessa casa de diversões. Conforme Raimundo Fonseca, ao se referir à introdução dos cinemas em Salvador:

O cinematógrafo, do mesmo modo que outro símbolo da modernidade passou a fazer parte de nossas antigas manifestações lúdicas, influenciando na configuração de um novo imaginário (...), contribuindo, também, para divulgar novas regras de sociabilidades, bem como para aquisição de novos padrões estéticos, de valores e de comportamentos.<sup>1</sup>

E Feira de Santana, apesar de ter uma dinâmica recreativa diferente da capital baiana, também compartilhou dessa experiência, descrita por Fonseca, com menor intensidade, visto que até a inauguração do Cine-Teatro Íris, Feira de Santana contava apenas com dois cinemas na década de 1920, o Cine Brasil e o Cine-Teatro Santana, e um na década de 1930.

Neste capítulo, nossa discussão problematizará essa casa de espetáculos, também chamada na imprensa feirense como o “principal centro de diversões da urbe” ou como “o tradicional Santana”. Este era um espaço de entretenimento multifacetado, pois nele eram realizados espetáculos teatrais diversos, tanto de grupos amadores da cidade, quanto os grupos itinerantes; vários tipos de concursos, exibições de filmes, apresentações de grupos musicais, números circenses, palestras e alguns eventos políticos. Além disso, as relações socioculturais

---

<sup>1</sup> FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930**. Salvador: EDUFBA. Centros de Estudos Baianos, 2002, p. 198.

desenvolvidas por diversas instituições da cidade em parceria com o Santana contribuíam para manter uma rede de solidariedade na promoção de eventos benficiares. O propósito desta discussão é analisar o papel do Cine-Teatro Santana em articulação com outras instituições, tanto para promoção de divertimento na cidade, bem como em articulações políticas ligadas aos ideais de progresso e civilidade pretendidos para urbe.

### **De Teatro Santana à Cine-Teatro Santana: lugar do Sonho e da diversão**

Conforme nos informa Maria Izabel Sampaio, o Teatro Santana data mais ou menos do início da década de 1840 do século XIX, quando foi mencionado “em uma correspondência oficial endereçada à Câmara local, a orientação para que fossem realizadas, no referido teatro, as sessões legislativas”<sup>2</sup>, visto que nesse período a Câmara não tinha local específico para realizar seus trabalhos. O Teatro Santana tinha como papel principal a ação pedagógica empreendida pelo grupo dominante, para difundir projetos de interesses desse mesmo grupo, bem como a conformação de determinados valores normatizadores da moral e dos bons costumes.<sup>3</sup> A incorporação da função de cinematógrafo em 1919 quando este sucedeu o Cinema Vitória<sup>4</sup>, passando a se chamar Cine-Teatro Santana.<sup>5</sup> Além dos espetáculos habituais do teatro, foram incorporados as exibições de filmes, dinamizando, ainda mais, a variedade de atrações oferecidas ao público.

Um aspecto que podemos pontuar é a questão da relação tensa entre o teatro e o cinema. Nisto voltamos às críticas tecidas por Silio Bocanera, este achava que o cinema estava tomando o lugar do teatro.<sup>6</sup> Raimundo Fonseca, ao se reportar à realidade soteropolitana, confirma o caráter conflituoso em relação à mistura dessas duas artes, argumentando que o cinema apesar de ser uma novidade, no início do século XX, ainda não

<sup>2</sup> SAMPAIO, Maria Izabel da Silva. **Dimensão Social do Teatro em Feira de Santana (1892-1912).** Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. Feira de Santana, UEFS, 2000.

<sup>3</sup> Idem, ibidem.

<sup>4</sup> Não encontramos maiores informações sobre este cinema, apenas que a sua inauguração teria ocorrido na metade da década de 1910.

<sup>5</sup> Não encontramos informações que esclarecesse melhor, de que forma foi realizada essa transação, apenas encontramos nos jornais, que o Cine-Teatro Santana era a sucessora do Cinema Vitória. FOLHA DO NORTE. Cine-Teatro Santana. Feira de Santana, 21 de junho de 1919.

<sup>6</sup> BOCCANERA JÚNIOR, Silio. **Os Cinemas da Bahia. 1897-1918.** Salvador: Edufba, 2007, p.25.

havia adquirido o prestígio que o teatro desfrutava. Em Feira de Santana, as exibições de filmes passaram a concorrer com espetáculos de outros tipos, como os circenses e as peças teatrais.

Essa discussão não ficou restrita apenas ao período da difusão dos cinemas pela Bahia, correspondente mais ou menos ao período de 1897 a 1918, de acordo com um mapeamento inicial feito por Silio Boccanera<sup>7</sup>. No jornal *Folha do Norte*, nas décadas de 1920 e 1930, este assunto compõem algumas notas de articulistas, muitas delas compilações de jornais da capital federal. Em 1936, por exemplo, encontramos dois artigos que se debruçaram sobre a relação entre o cinema e o teatro. A primeira se refere a uma entrevista feita com uma atriz francesa Germaine Darmoz, que estava no Rio de Janeiro. Ela defendia o teatro, mas não atacava diretamente o cinema, por fim denunciava a situação de alguns artistas, pois “o cinema tem feito mal a economia de numerosas pessoas que viviam do pequeno teatro, pobres artistas obrigados a procurar novas profissões”<sup>8</sup>.

Na entrevista da atriz francesa, nos chamou atenção a situação dos atores nesse cenário de conflito entre o cinema e o teatro. Em sua opinião, com o crescimento do consumo do público pelo cinema, ocorreu uma diminuição dos frequentadores dos teatros, ocasionado o fim de pequenas companhias. Isto gerou problemas entre a classe dos atores, alguns não conseguiram se manter atuando, alguns foram para os circos<sup>9</sup> e outros foram incorporados nas produções cinematográficas, principalmente as hollywoodianas<sup>10</sup>.

Em outro artigo, o articulista Jarbas de Carvalho diz que o teatro e o cinema são irmãos:

A quem julgue que o cinema faz perecer o teatro. Porque encara- se o assunto sob o seu aspecto puramente econômico. As facilidades que o cinema encontra – não só na sua técnica de possibilidades infinita – torna o seu espetáculo muito mais acessível ao maior número. Mas o teatro há de manter sempre o seu prestígio de arte elevada, e caminhará paralelamente ao cinema – embora com velocidade diferentes: como um automóvel de luxo correndo ao lado de um trem de grande percurso. Vão para o mesmo lugar.<sup>11</sup>

<sup>7</sup> Silio Boccanera nasceu em Salvador no de 1863, formou-se na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Foi diretor do Teatro São João, fundou agremiações literárias e científicas. BOCCANERA JÚNIOR, Silio. **Os Cinemas da Bahia. 1897-1918.** Salvador: Edufba, 2007.

<sup>8</sup> FOLHA DO NORTE. **O Theatro não morreu nem perecerá jamais.** Feira de Santana, 18 de julho de 1936.

<sup>9</sup> GOMES, Tiago de Melo. **Um Espelho no Palco: identidades sociais e massificação da cultura no Teatro de Revista dos anos 1920.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

<sup>10</sup> FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930.** Salvador: EDUFBA. Centros de Estudos Baianos, 2002.

<sup>11</sup> CARVALHO, Jarbas de. **Theatro e Cinema irmãos.** In: *Folha do Norte*. Feira de Santana, 26 de dezembro de 1936.

As duas notas apontam situações envolvendo essas formas de entretenimentos, a mais evidente foi a questão econômica, pois os cinemas atingiam um maior número de expectadores, tendo os preços mais acessíveis do que os preços dos espetáculos teatrais. Assim, para alguns críticos desse período, as produções cinematográficas não se preocupavam com a qualidade dos filmes. Carvalho representa o teatro como um “automóvel de luxo”, denotando a concepção de que o teatro era uma arte de primeiro escalão e o cinema um “trem”, atendendo um número maior de pessoas. Ao final o crítico, indicou que essas duas artes teriam o mesmo destino, ou seja, divertir o público, sendo o teatro e o cinema irmãos, porém notamos que a sua crítica deixa transparecer que apesar serem irmãos, estas artes tinham valores sociais distintos. Deste modo, percebemos que as relações no campo do lazer experimentavam as tensões e conflitos entre duas artes que disputavam o mesmo espaço, redimensionando o cenário dos entretenimentos.

De acordo com o memorialista Antonio de Lajedinho, o Cine-Teatro Santana estava situado na esquina da antiga Rua Direita (atual Rua Conselheiro Franco) com a Rua 24 de Maio, num terreno pertencente à Santa Casa de Misericórdia, que arrendava o prédio para quem quisesse explorar as funções comercias do estabelecimento. Sobre sua estrutura física Lajedinho afirma que:

Ocupava uma área de 600 a 800 metros quadrados, tendo na frente uma porta larga que servia de entrada para a sala de espera, mais 2 portas de frente, para saída, e duas bilheterias entre as portas. Ainda na frente existia 3 janelas na parte alta, no mezanino, que , com advento do cinema, foram fechadas as laterais e transformadas em seteiras a central onde foi instalada máquina de projeção. (...) A parte interna era mobiliada com cadeiras, tendo uma divisão na parte próxima do palco, (...). Nas laterais, a uns três metros do solo, havia uma carreira de Frisas e mais outros três acima, ficavam os camarotes, sendo os do Mezanino especiais. Tudo com realce de Arte Barroca.<sup>12</sup>

Na foto abaixo (figura 11) podemos verificar um pouco dessa disposição espacial, com a posição do público interior do Cine-Teatro Santana, principalmente em relação à divisão entre as cadeiras das gerais e as que ficavam mais próximas ao palco, conforme descrição de Lajedinho.

---

<sup>12</sup> LAJEDINHO, Antônio do. **A Feira na década de 30**. Feira de Santana, 2004, p. 68 e 69.



**Figura 8: Foto interna do Cine-Teatro Santana<sup>13</sup>.**

Apesar da qualidade da foto não ser tão nítida, por causa das danificações do tempo, podemos ver a divisória que separa os dois públicos, à frente estavam às autoridades e pessoas ilustres da cidade, mais próximos da orquestra e do palco. Notam-se também como as pessoas iam bem vestidas ao Cine-Teatro Santana, além disso, verificamos a presença de padres e algumas crianças, sem falar que este espaço estava completamente lotado. Era um dia de solenidades comemorativas ao 2 de julho, no qual os amadores locais realizaram uma apresentação teatral em homenagem a tal data, prática própria dos grupos amadores da cidade em eventos relacionados a datas comemorativas e eventos cívicos.

No nosso recorte temporal (1919-1946) encontramos nas fontes três arrendatários do Cine-Teatro Santana: Raul Ferreira da Silva, José Calmon de Siqueira e Elziario Santana. Na década de 1920 registramos através das fontes que Raul Ferreira da Silva, na época diretor do jornal *Folha do Norte*, irmão do político Arnold Silva, foi um arrendatário do Cine-Teatro Santana. Este possibilitou as adaptações necessárias para que os filmes pudessem ser exibidos e ainda utilizou o *Folha do Norte* para divulgação dos eventos do Cine-Teatro Santana.

---

<sup>13</sup> Não foi possível ter a datação correta dessa foto, de acordo com alguns detalhes das roupas e penteados, deduzimos que se refere a década de 1940.



**Figura 9: Foto da fachada do Cine-Teatro Santana.**

Na foto acima (figura 12), temos a fachada externa do Cine-Teatro Santana, em que se vê Raul Ferreira da Silva na porta do prédio, junto às placas de divulgação da programação dessa casa de espetáculos. Nas laterais, notam-se cartazes dos filmes em exibição, provavelmente material conseguido com as produtoras que comercializavam as películas para os cinemas.

No período que esteve à frente do Santana, Raul da Silva enfrentou algumas dificuldades, como problemas técnicos com os cinematógrafos, que impossibilitava o funcionamento desse espaço, como podemos constatar na seguinte nota: “a importante película *Os Funeraes de Ruy Barbosa*, será definitivamente, levada à tela, amanhã. No domingo último, este cinema não pode funcionar, em vista duma pequena avaria no motor, o que o obrigou a não focalizar o referido filme, conforme o anunciado.”<sup>14</sup> Além disso, a concorrência com o Cine Brasil<sup>15</sup>, pertencente ao Sr. Francisco Soares Bahia, sobrinho do Cel. Bernardino Bahia, teria contribuído para que as finanças do Cine-Teatro Santana nesse período fossem conturbadas.

<sup>14</sup> FOLHA DO NORTE. **Cine-Theatro Santana.** Feira de Santana, 31 de março de 1923.

<sup>15</sup> De acordo com os jornais este cinema foi inaugurado no final de 1919.

O memorialista Alberto Boaventura foi quem nos dá uma noção de como ocorria essa concorrência entre o Cine-Teatro Santana e o Cine Brasil na década de 1920:

Havia uma disputa entre os exploradores do ramo de cinemas. Quando era anunciada pelo Sr. Raul Silva a projeção de um filme de destaque, logo o Sr. Chico Bahia se deslocava para capital do estado, a fim de conseguir outro, que pudesse fazer face ao programado. Certo dia o Cine-Teatro Santana anunciou a exibição do filme *O Homem da Meia Noite*, considerado de primeira grandeza e toda a população ficou ávida para assisti-lo. Chico Bahia, como das vezes anteriores, sem perder tempo, seguiu à Salvador, no afã de arranjar uma fita do mesmo nível (...). No dia pré-determinado, que seria rodado *O Homem da Meia Noite*, Chico Bahia, a partir das 19:00 horas, postou-se em frente situado na Conselho Franco, a convidar todos aqueles que se dirigiam ao Cine-Teatro Santana, chamando para assistir o outro filme.<sup>16</sup>

Portanto, havia uma grande disputa entre essas duas casas de diversões, que tentavam atrair um número maior de frequentadores. Nessa perspectiva, Raul Silva, para garantir a assiduidade do público ao seu cinema, disponibilizou por um tempo a venda de ingressos à crédito. Sua estratégia acabou não dando certo, pois o número de inadimplência foi grande, medida que foi suspensa, e através de panfletos divulgou-se que tal prática não seria mais aceita<sup>17</sup>.

Conforme nos informa o Sr. Hélio<sup>18</sup>, essa disputa acabou por fechar os dois estabelecimentos, tanto o Cine Brasil, quanto o Cine-Teatro Santana. Nas palavras do Sr. Hélio, Raul Silva não aguentou uma série de questões enfrentadas nesse empreendimento, fechando o cinema no final da década de 1920, por conta dos prejuízos sofridos, e acabou passando o arrendamento do Cine-Teatro Santana para outra pessoa.

De acordo com o Sr. Pedro<sup>19</sup>, no início da década de 1930, o Cine-Teatro passou a ser arrendado pelo Sr. Calmon de Siqueira que realizou uma reforma das suas instalações, trocando seu mobiliário e, principalmente, instalando equipamentos novos (Movietone)<sup>20</sup>, justamente para as exibições dos filmes falados<sup>21</sup>, uma novidade naquela época, visto que as películas apresentadas na década anterior eram mudos, tendo o acompanhamento ao vivo de um músico ou mesmo de uma orquestra. Seu Siqueira vindo da capital baiana convidou o Sr.

<sup>16</sup> BOAVENTURA, Alberto Alves. **Estórias e Fatos (prosas) – Troar de Ilusões (poemas)**. Feira de Santana, 1980, p.55-57.

<sup>17</sup> Ver na pag. 156, anexo E: um o panfleto de divulgação do Cine-Teatro Santana, como um aviso informando da suspensão de vendas à crédito.

<sup>18</sup> Em entrevista concedida em setembro de 2011.

<sup>19</sup> Entrevista concedida em janeiro de 2011.

<sup>20</sup> FOLHA DO NORTE. **Cine-Theatro Santana**. Feira de Santana, 12 de dezembro de 1932.

<sup>21</sup> De acordo com Walter Benjamin, o cinema falado potencializou a internacionalização da produção cinematográfica, tendo um alcance bem maior, já que a imagem passava vir com sonorização. BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.172. (Obras Escolhidas).

Florisberto Moreira, para trabalhar na bilheteria do Cine-Teatro, além do Sr. Joaquim dos Santos, conhecido por Quincas, que ficou responsável pela parte técnica.

Inicialmente o funcionamento foi irregular devido a falta de público, chegando a ficar sem funcionar por um tempo, mas logo o Sr. Calmon encontrou uma forma de atrair o público, e passou a funcionar normalmente.<sup>22</sup> Sem ter outra casa de espetáculos para fazer concorrência, pois como foi dito anteriormente o Cine Brasil foi fechado, o Cine-Teatro Santana na década de 1930 reinou pleno no campo do entretenimento, proporcionando uma boa renda ao seu dono. Porém, segundo nos informou em depoimento o Sr. Pedro, o Sr. Calmon acabou sendo nomeado para o cargo de escrivão do Tribunal de Contas em Salvador, impossibilitando que este continuasse a gerir o Cine-Teatro Santana, que, mais uma vez, mudava de mãos.

Quem passou a dirigir o Cinema foi o Sr. Elziario Santana, membro do Grêmio Dramático Salles Barbosa. A negociação foi realizada entre o final de 1937 e divulgada pela imprensa em fevereiro de 1938. Como se fizera na gestão anterior, reformas foram feitas no cinema, inclusive foi contratado o cenógrafo Antônio Martins para pintar os panos da decoração do Cine-Teatro Santana.<sup>23</sup> Segundo o Sr. Pedro, seu Elziário queria exibir na reinauguração dois filmes que estavam passando nos cinemas soteropolitanos, *Cleópatra* (1938) e *Robin Hood* (1938). No entanto, não conseguiu as películas, pois estas estavam todas alugadas, sendo a reinauguração realizada com o filme *O Rei e a Corista* (1938): somente depois aqueles filmes foram exibidos.<sup>24</sup>

### **E o espetáculo vai começar: recitais, peças teatrais e outros eventos**

As atividades desenvolvidas no Cine-Teatro Santana são importantíssimas para percebermos como as novas sociabilidades ancoradas nas ideias de civilidade se desenvolveram nos eventos socioculturais e também sociopolíticos que aconteceram nesse ambiente. Sendo a única casa de diversões desse estilo, o Cine-Teatro Santana disponibilizou no seu palco os mais diversos eventos. Depois de apresentarmos um pouco da sua trajetória,

<sup>22</sup> FOLHA DO NORTE. **Cine-Teatro Santana**. Feira de Santana, 19 de agosto de 1933.

<sup>23</sup> FOLHA DO NORTE. **Reclamos nos panos de theatro**. Feira de Santana, 1937.

<sup>24</sup> Encontramos no jornal *Folha do Norte* a divulgação da exibição do filme *Cleópatra* em abril de 1938. FOLHA DO NORTE. **Cine-Theatro Santana**. Feira de Santana, 30 de abril de 1938.

sobre as mudanças de direção, e em relação às reformas empreendidas no seu espaço físico, agora analisaremos os aspectos quanto aos espetáculos realizados neste Cine-Teatro, os recitais, as peças teatrais, como também apresentações de músicos e orquestras, além de alguns números de caráter circense. Pela extensão do recorte temporal de três décadas, não conseguiríamos dar conta de mapear todas as atrações do Cine-Teatro Santana, mas nesse tópico um dos nossos objetivos foi traçar um panorama da variedade desses eventos, bem como as suas peculiaridades.

Dentre os eventos musicais realizados no Cine-Teatro Santana encontramos recitais e desfiles promovidos pelas alunas da Escola Normal, apresentações de grupos musicais, principalmente das filarmônicas da cidade, a Vitória, a Euterpe Feirense e a 25 de Março, a participação de cantores e músicos que animavam a noite feirense com diversos ritmos, além de alguns bailes carnavalescos. Na década de 1930, as normalistas realizavam eventos com o objetivo de arrecadarem dinheiro, possivelmente para festa de formatura, esses eventos aconteciam na sede da Escola Normal, como às vezes eram realizados no Cine-Teatro. Eram espetáculos que alternavam recitação de poesia com musicas, além de desfiles de senhorinhas, realização de sorteios de brindes e algumas brincadeiras. De acordo com um reclame da década de 1930, o evento era para toda família, e havia a venda de ingressos para adultos pagando 1\$000 e as crianças \$500. Nas fontes não foi possível entender como se dava a relação das normalistas com o dono do espaço, mas possivelmente seguia a lógica dos espetáculos tidos como benfeiteiros, no qual a renda era dividida entre ambas as partes.

As filarmônicas tanto participavam na hora das exibições dos filmes, quando estes ainda eram mudos, como também nos intervalos de peças e de outras apresentações, sendo uma “forma de abrilhantar a noite”, como geralmente afirmavam os articulistas do *Folha do Norte*, ao se referirem às participações das filarmônicas no Cine-Teatro Santana. Uma forma de conseguir algum recurso para esses músicos, pois estas participações eram pagas. Outra participação presente no Cine-Teatro era a da poetisa e musicista Georgina Erismann, que, por várias vezes, em espetáculos denominados “Hora lítero-musical”, evento mesclando música e poesia, se apresentava neste espaço. Numa dessas apresentações a musicista feirense tocava o piano, e foi acompanhada por outros músicos um flautista e um violinista, sendo elogiada pela imprensa local como “nossa genial conterrânea”<sup>25</sup>. A nota expressa a notoriedade que esta mulher ganhou na vida cultural da cidade. Mas Georgina Erismann inscreveu seu nome na história local, ao fazer o Hino à Feira de Santana (1928), a sua “terra formosa e bendita” e

---

<sup>25</sup> FOLHA DO NORTE. **Festa Musical.** Feira de Santana, 12 de maio de 1923.

“princesa altaneira”. Em 1927, assumiu a cadeira de Música na Escola Normal, onde o fundou Coral Escolar. Assim, a ação dessa mulher fomentou apresentações diversas no Teatro Santana, sendo uma incentivadora das artes na cidade.<sup>26</sup>

Nas fontes encontramos apresentações de artistas de fora, como, por exemplo, a apresentação dos cantores líricos Suzette e Alex, anunciados na imprensa feirense enquanto artistas com apresentações em palcos europeus. Conforme o *Folha do Norte*, Suzette era uma soprano festejada na Opera de Paris e Alex um tenor pertencente à Companhia Lírica Bilaro, que apresentaram no Cine-Teatro Santana a opera *O Guarany*, do maestro Carlos Gomes. A nota que descreveu o espetáculo afirmou o quanto a plateia havia ficado impressionada com apresentação<sup>27</sup>.

Em 1943 quem se apresentou no Cine-Teatro foi a cantora Lucia Montalvo, sendo o seu espetáculo bem noticiado na imprensa local, e principalmente através do reclame do cinema, que divulgou a sua foto e também um trecho de sua música. Nesta divulgação Montalvo foi considerada a “embaixatriz da melodia”, destacada como cantora do Rádio, visto que nesse período tal veículo de comunicação teve uma importância fundamental nas sociabilidades cotidianas, inserindo novos hábitos, como por exemplo, o fetiche pelas estrelas do Rádio.<sup>28</sup>

Deste modo, não só atrações locais se apresentavam no Cine-Teatro Santana, como os artistas de fora, que geralmente eram destacados na imprensa pelas experiências de terem realizados espetáculos nos palcos internacionais, e também nos palcos da capital federal, considerada pelos articulistas o lócus das últimas tendências socioculturais nacionais.

Ainda em relação aos eventos musicais, temos as apresentações dos grupos musicais intitulados de *jazz band*, que tocavam vários estilos musicais, principalmente os ritmos tidos como modernos (*fox-trots, one-step, charleston, shimmy e cake-walk*)<sup>29</sup>. Nas fontes encontramos os seguintes grupos: *Elite Jazz, Jazz-Band Souza, Jazz Almirante Reis, Jazz Tangará e a Jazz Guarany*. Ao falar do jazz e do significado da sua expressão Nicolau Sevcenko, afirma que nos anos 20:

<sup>26</sup> MELLO, Carlos Alberto. **Georgina Erisman**. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos, 2007.

<sup>27</sup> FOLHA DO NORTE. **A noitada de canto Lírico no Santana**. Feira de Santana, 02 de julho de 1932.

<sup>28</sup> Ver na pag. 157, no anexo F: a divulgação do espetáculo da cantora Lucia Montalvo. De acordo com Ana Maria Oliveira, o rádio era um dos símbolos da modernidade e do progresso, socializado no Brasil entre as décadas de 1920 e 1930. Sendo que a primeira Rádio a funcionar foi a Rádio Sociedade em 1948. Mas conforme o Sr. Hugo Navarro o Bar Soeto, era o local de encontro para se ouvir o rádio, visto que nem todos tinham condição de ter o aparelho, e lá se reunia os amigos para ouvir, por exemplos, os jogos dos times cariocas.

<sup>29</sup> De acordo com Tiago Gomes, esses eram os chamados ritmos modernos que viraram febre no período do pós-guerra. GOMES, Tiago de Melo. **Um espelho no Palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004, p. 82.

A única entidade mais onipresente que o esporte e do que o Ford era o jazz, (...). A expressão era bem oportuna, pois essa percepção complexa sincopagem rítmica da nova música era confirmada pelo grande *band leader* Paul Whiteman, que a caracterizava como “a música popular da era da máquina”.<sup>30</sup>

Então podemos pressupor que esses grupos acompanhavam a tendência da época, se apresentando num formato mais moderno, fugindo a lógica das formações das filarmônicas. De acordo com Kleber Simões<sup>31</sup>, as audições radiofônicas realizadas no Bar Sueto proporcionaram a um grupo de feirenses o contato com os ritmos mais tocados na capital federal. Esse contato teria contribuído para, em 1930, ocorrer a fundação de uma *jazz-band* na cidade: “A feira vai ter uma *jazz-band* , cultores e apreciadores da arte musical, nosso meio, esforçam-se pela fundação de uma *jazz-band* local, a exemplo do que tem feito outras cidades progressista do país.”<sup>32</sup>

Um evento com a participação de uma *jazz band* foi uma baile mascarado, realizado para os festejos de Mômo. Vejamos a nota do jornal:

A empresa do Cine-Teatro Santana proporcionara aos foliões três bailes mascarados (...) em honra do eterno e vitorioso EL Rei Mômo. Aos sons afinados da *Jazz-Band*, far-se-ão danças modernas, além do indispensável maxixe e do *can-can*. (...) Os ingressos são modicíssimos para a festa do gênero. Os cavalheiros pagarão 2\$000 por sua entrada e apenas quinhentos réis, por dama que o acompanhar. Serão três noitadas inesquecíveis.<sup>33</sup>

Na divulgação do baile, há o destaque para os ritmos que predominariam a festa, danças tidas como modernas, além do maxixe e do *can-can*. O maxixe, um ritmo popular considerado por muito tempo amoral para a sociedade das décadas iniciais do século XX, por conta da sensualidade da coreografia figurou na nota ao lado do *can-can*, dança parisiense, que também tinha uma coreografia sensual. A inclusão destas danças pode estar relacionada ao tipo de festa, uma comemoração carnavalesca e, como tal, esta possibilitaria que a rigidez dos valores morais socialmente construídos, pelo menos temporariamente nos dias de carnaval, fossem mais flexíveis.<sup>34</sup> Isto não quer dizer que esses ritmos se restringissem aos dias carnavalescos, pois nos diversos bailes ocorridos em Feira de Santana na década de 1930, alguns desses ritmos eram citados na imprensa. Mas essa mistura de gêneros era uma

<sup>30</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 181.

<sup>31</sup> SIMÕES, Kleber José Fonseca. **Os Homens da Princesa do Sertão: Modernidade e identidade Masculina em Feira de Santana (1918-1938).** Dissertação do Curso de Pós-Graduação em História. Salvador: UFBa, 2007, p. 87.

<sup>32</sup> FOLHA DO NORTE. Feira de Santana, 14 de junho de 1930.

<sup>33</sup> FOLHA DO NORTE. **Bailes Masqués.** Feira de Santana, 10 de fevereiro de 1934.

<sup>34</sup> ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

característica desses grupos musicais, que de acordo com Leonardo Pereira, tinham um repertório variado, tocando de *jazz*, a *fox-trots*, sambas e maxixes.<sup>35</sup>

Ressaltamos que foi justamente na década de 1930, que o samba começou ser projetado como um dos símbolos da cultura nacional brasileira, e por isso mesmo começa a figurar nas notas dos jornais feirenses com mais frequência, aparecendo nos programas das filarmônicas da cidade nas suas costumeiras tocatas musicais.<sup>36</sup>

Mais um tipo de atração a se apresentar no Cine-Teatro Santana foi identificado nos espetáculos de caráter circense. Alguns aconteciam quando na cidade havia a presença de um circo e, assim, determinados números eram adaptados para o espaço do teatro, como ocorrido em 1919, durante a passagem do Circo Belga na cidade, no qual foi realizada uma dessas adaptações: “o Cine-Teatro Santana proporcionou aos seus habitues, no correr da semana, duas noites de diversão com a exibição da *troupe* belga Leb Alberts e dos seus cães sábios.”<sup>37</sup>

Outras *troupes* faziam shows itinerantes, sem estarem associados aos circos. Temos assim apresentações de malabaristas, acrobatas, equilibristas, atiradores de facas e, principalmente, números de ilusionismos. Um show ilusionista que teve bastante repercussão foi o realizado pelo Prof. Albert, abaixo (figura13) segue um anúncio no *Folha do Norte*, divulgando o evento. O referido jornal ressaltou as qualidades do artista, apresentando o seu número principal:

---

<sup>35</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “O Prazer das Morenas”: bailes, ritmos e identidades nos clubes dançantes da Primeira República. In: MARZANO, Andrea; MELO, Vitor Andrade de. (orgs.). **Vida Divertida: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Spot história.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 275-299.

<sup>36</sup> Ver pag. 158, no anexo G: um reclame que divulga a programação musical de um evento no Cine-Teatro Santana, constando no mesmo vários sambas e marchinhas.

<sup>37</sup> FOLHA DO NORTE. **Cine-Teatro Santana.** Feira de Santana, 16 de agosto de 1919.



**Figura 10:** Divulgação da apresentação do ilusionista.

Depois de realizado o primeiro espetáculo, o jornal divulgou informações sobre a repercussão do mesmo, bem como detalhes de toda apresentação do Prof. Albert:

Perante regular assistência, teve lugar na quinta-feira o primeiro espetáculo do famoso Prof. Albert e Miss Evita. A impressão que de logo se apossou dos espectadores foi de franca simpatia pelos notáveis artistas que, consumidos detentores de todos os segredos do ilusionismo, hipnotismo e telepatia, deleitaram a assistência com uma série de números inéditos em nosso meio conquistando prolongados aplausos.<sup>38</sup>

Os números ilusionistas ou de mágicas eram garantia de sucesso, pois as pessoas ficavam impressionadas com eles. Só pelo cartaz publicado no *Folha do Norte*, dá para ter uma noção de como isto instigava o público, que lotou o Cine-Theatro Santana. Das atrações circenses que mais faziam sucesso nos palcos dos teatros, com certeza estavam os mágicos, estes inquietavam o público com seus truques, causando várias sensações, desde espanto até medo.

<sup>38</sup> FOLHA DO NORTE. THEATRO SANTANA – A magnífica estreia do Prof. Albert. Feira de Santana, 13 de julho de 1935.

Para os donos do Cine-Teatro Santana, ter uma temporada de espetáculos ilusionistas era sinônimo de casa cheia, quer dizer não somente os ilusionistas, as atrações de caráter circense de modo geral se apresentavam como uma novidade na programação do Cine-Teatro, cercado pela magia do circo, mesmo sendo as apresentações realizadas no teatro. Portanto, ao lado das exibições de filmes e espetáculos teatrais, os números circenses incrementavam a renda do Cine-Teatro Santana, pois os custos com essas apresentações eram menores do que com o aluguel das películas de filmes e a contratação de grupos teatrais. O certo é que a magia do circo apresentados nesses espetáculos atraía um bom público, beneficiando as finanças do Cine-Teatro.

Antes de incorporar a função de cinema, as apresentações teatrais tinham lugar central na programação deste teatro. De acordo com Maria Izabel Sampaio, no seu palco passaram companhias itinerantes e, também, os amadores locais dos grupos dramáticos (Grêmio Dramático Familiar – 1892 a 1900; União Caixeiral – 1900; Taborda – 1906 a 1934; e o Artur Azevedo – 1912). Sampaio, ao analisar a função do teatro em Feira de Santana, constatou que este “era um espaço de convivência, onde os indivíduos leem e releem os seus papéis sociais, onde se afirmam ou redefinem os hábitos e valores constituídos por esta mesma sociedade.” Os grupos amadores locais, como membros dessa sociedade, e em sua maioria pertencentes à elite, difundiam os valores pautados na moral e nos bons costumes em suas encenações, aspectos considerados pelos críticos da época como sendo o compromisso do “teatro sério”.<sup>39</sup>

Depois que o Cine-Teatro Santana passou a funcionar também como cinema, as apresentações teatrais começaram a disputar espaço com as exibições dos filmes. É evidente que isto, no primeiro momento, fez declinar os trabalhos dos amadores locais. Alguns grupos deixaram de atuar, como foi o caso do Grêmio Dramático Familiar e o União Caixeiral; o Taborda, como vimos no primeiro capítulo, deu algumas pausas e se reorganizou com a incorporação de novos membros. E o Grêmio Dramático Salles Barbosa surgiu depois da incorporação do cinematógrafo.

---

<sup>39</sup> Conforme nos informa Tiago Gomes, havia entre os produtores das peças e críticos diferenciações quanto aos gêneros teatrais. Estas diferenciações se referiam tanto ao estilo e composição textual, quanto também a distinção social do público consumidor desse espetáculo. Sendo chamado “bom teatro” ou “teatro sério” tido como “arte elevada” que tem o compromisso moralizador em suas encenações. Já as outras tendências (teatro musicado, gêneros ligeiros ou teatro de revista), era visto num determinado momento como algo pernicioso, que não tinha o compromisso pedagogizante, considerada ação própria do teatro desde o período colonial. GOMES, Tiago de Melo. *Um espelho no Palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004.

Agora veremos as apresentações teatrais ocorridas no Cine-Teatro Santana, tanto dos amadores locais que atuaram no período aqui analisado, o Taborda e o Salles Barbosa, como as *troupes* e companhias itinerantes, que divertiram os feirenses com as artes cênicas.

Salientamos, que trataremos apenas das apresentações destes grupos locais, visto que já foi apresentado no capítulo anterior a composição social dos mesmos. Através da análise dos jornais foi possível verificar várias informações sobre as peças, a composição das equipes, o cenário, as atuações, a reação do público, os ideais associados aos conteúdos dos espetáculos, enfim, essas informações nos possibilitaram compreender um pouco mais o trabalho desses grupos. Abaixo (figura 14) segue uma foto da apresentação de um desses grupos, encenação de um poema no palco do Cine-Teatro Santana:



**Figura 11: apresentação de grupos amadores.**

O Taborda foi um grupo dramático que realizava suas reuniões e ensaios no Cine-Teatro Santana, no qual encenavam vários espetáculos, sendo o grupo de maior duração na cidade feirense, atuando desde inicio do século XX até a década de 1930. Vejamos uma nota que destacou a apresentação deste grupo na cidade:

Grupo Dramático “Taborda”

Na sua próxima representação será encenado o soberbo drama em 4 atos – “Gilberto O Marinheiro” é a mais sensacional peça das que se há representado na Feira, nestes últimos vinte anos. A direção cênica de Miguel Araújo promete mais uma vez conquistar louros para o “Taborda”. (...) Está a se prever fiel e brilhante desempenho das partes, dada a competência do seu hábil diretor cênico, nosso engenhoso conterrâneo sr. Miguel Araújo, cujo mérito artístico como antigo ensaiador do “Taborda”, é bastante conhecido pelos admiradores das representações dramáticas, entre nós. “Gilberto, O Marinheiro” – é um arreglosinistro de uma realidade amarga que corre em todas as épocas. (...). Sua representação impõe-se como um flagrante das misérias da civilização em nossos dias, a que a justiça pune, mas não extingue. Da autoria do apreciado intelectual baiano, Antônio Jacinto da Silva Guimarães Júnior (...). Extraordinário êxito vai ser, por certo, o desde esperado espetáculo, que se fechará com uma chistosa comédia. São estes os votos que fazemos ao distinto Grupo que, há um ano suguramente, representou com grande brilho o magnífico drama – “Esposa e Mãe”, sob a mesma direção de Miguel Araújo.”<sup>40</sup>

Na nota do *Folha da Feira* ressaltou a importância da peça que estava prestes a estrear, além disso, divulgava alguns dados técnicos sobre o espetáculo, por fim nos informa o nome da última peça representada pelo grupo. Na coluna *Chronica Theatral*, publicada no *Folha do Norte*, o crítico Martinho faz uma análise minuciosa da apresentação da peça “*Gilberto, O Marinheiro*”, comentando ato por ato da encenação, informando sobre o desempenho de cada ator. Além disso, relatou sobre a reação do público ao final do espetáculo, que “ao cair do pano, ecoou todo o teatro uma salva de palmas, era a voz da vitória cercando o Taborda.”<sup>41</sup> Ao final, o crítico parabenizou o corpo cênico do Taborda, destacando o trabalho de caracterização feito pelo diretor Miguel Araújo.

O Taborda, por ter certa tradição na cidade, geralmente recebia críticas elogiosas e uma boa divulgação das suas apresentações, isso também devido ao fato de que alguns de seus componentes estarem ligados ao ramo jornalístico, como Sr. Martiniano Carneiro, dono do jornal *Folha da Feira*, e de outros terem boas relações com o *Folha do Norte*. Entre as peças que mapeamos, temos: o drama *Esposa e Mãe* (1932), de J. Vieira; a comédia *Nhô Manduca* (1932); o drama *Helena* (1934); o drama *As provas dos crimes* (1936).<sup>42</sup>

O Grêmio Dramático Salles Barbosa também realizava seus ensaios no Cine-Theatro Santana, e foi justamente na década de 1930, quando se concentrou o maior número de suas apresentações, que um de seus integrantes veio a ser um dos arrendatários do Cine-Theatro, Elziario Santana. Assim como o Taborda, os espetáculos também recebiam destaque na impressa, porém os elogios apesar de serem positivos, eram diferentes, os amadores eram tidos como um “grupo esforçado”, demonstrando a distinção que se tinha em relação ao

<sup>40</sup> FOLHA DA FEIRA. **Grêmio Dramático Taborda.** Feira de Santana, 13 de novembro de 1933.

<sup>41</sup> MARTINHO. **Chronica Theatral.** IN:FOLHA DO NORTE.. Feira de Santana, 16 de dezembro de 1933.

<sup>42</sup> Em algumas peças, encontramos o nome dos autores; a datação se refere ao ano de apresentação dessas peças pelo Taborda.

Taborda. Os memorialistas ao se referirem a estes grêmios dramáticos sinalizam uma rivalidade entre os seus membros, algo que deveria ser alimentado pelos críticos ao emitir suas impressões nos jornais. Na coluna teatral do *Folha do Norte*, denominada “*Tangões e Gambiarras*”, um crítico, não identificado, fala sobre a atuação do Salles Barbosa:

Agradou o desempenho em conjunto, motivo por que foram galhoados com repetidos palmeios, como mereciam os moços do Grupo Salles Barbosa, que, se não fizeram tudo quanto poderiam realizar, se mais ensaios houvessem sido feitos, monstraram-se capazes de encenar peças de maiores fôlegos.<sup>43</sup>

Portanto, apesar do crítico enaltecer a capacidade dos artistas, chamou atenção para a necessidade do grupo ter mais ensaios, talvez a crítica tenha sido amenizada por conseguir arrebatiar a plateia. Para Maria Izabel Sampaio, ao analisar a posturas dos críticos numa temporalidade anterior a nossa, as críticas tecidas pelos articulistas serviam de indicadores da qualidade dos espetáculos apresentados, pois uma crítica positiva significaria que na próxima apresentação o teatro ficaria lotado.<sup>44</sup> Essa foi uma tendência que se estendeu para o período aqui analisado, os comentários divulgados na imprensa corroboravam para aumentar ou não a ida do público para assistir uma determinada peça.

Dentre as peças apresentadas pelo Grêmio Salles Barbosa temos: o drama *A Vindicta* (1932), de Constantino Nascimento; a comédia *A Costureira* (1932); o drama *A Filha do Marinheiro* (1932), de J. Vieira Pinto; o drama *Um erro judiciário* (1932), de Baptista Diniz; a comédia *A espada do General* (1932); o drama *Cego de Amor* (1933), de Carlos Cavaco; o drama *Arthur, O Jogador* (1933), de L. Cordeiro Godinho; a comédia *Os dois surdos* (1933); o drama *Herança de Naufrago* (1933); a comédia *Meia Hora no Comando* de Antônio Mascarenhas; o drama *Gotas de Amargura* (1934), de José Romano; o drama *Dragão dos Mares* (1938).<sup>45</sup>

Antes de passarmos para os itinerantes, vale pontuar algumas questões sobre os grupos locais, as escolhas das peças e sua relação com as ideias difundidas nesse espaço. Nas apresentações realizadas pelo Taborda e pelo grupo Salles Barbosa, geralmente, era escolhido um drama e uma comédia para apresentação, sendo o drama uma peça com muitos atos, e a comédia geralmente entre um e dois atos; quando não havia espaço para duas apresentações, a opção era pelo drama. Para estes grupos, assim como para os críticos do *Folha do Norte*, o

<sup>43</sup> FOLHA DO NORTE. **Tangões e Gambiarras**. Feira de Santana, 24 de setembro de 1932.

<sup>44</sup> SAMPAIO, Maria Izabel da Silva. **Dimensão Social do Teatro em Feira de Santana (1892-1912)**. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. Feira de Santana, UEFS, 2000, p.41.

<sup>45</sup> Em algumas peças encontramos o nome dos autores, e a datação se refere ao ano de apresentação das peças pelo Grêmio Salles Barbosa.

drama era o gênero central da dramaturgia, e isto não era à toa, pois este cumpriria a função normatizadora do teatro. Em uma crítica, o articulista salienta as qualidades do drama, afirmando que:

A arte no teatro é o drama. Seja a peça urdida a maneira dos antigos dramalhões de capa e espada, como se dizia em outro século, sempre com um desfecho trágico, saturando o espectador de emoções intensas que lhe arrastam o espírito para o desenlace, fazendo-o vibrar, varias vezes, consoante com a natureza de cenas. O próprio dramalhão jamais tergiversa de intuições moralizadoras e transmuda-se em verdadeiro padrão.<sup>46</sup>

Em outros comentários sobre as apresentações das peças os aspectos moralizadores dos espetáculos são enaltecidos, enquanto o drama foi minuciosamente descrito nas críticas publicadas nos jornais, os comentários sobre as comédias são sempre curtos e pontuais. Era comum quando da divulgação de um espetáculo colocar no corpo do texto o caráter moralizador das peças.<sup>47</sup> Havia uma preocupação dos grupos de amadores locais e dos próprios articulistas em atestar a ação pedagogizante das peças, ancoradas em elementos da moral e da civilidade. O espaço do Cine-Teatro, como um espaço multifacetado, era ideal para ser o propagador desses valores, representados por estes grupos de amadores, contribuindo com a sua parcela para que a imagem da cidade se firmasse como a Princesa, “dos bons costumes”, “da moralidade”, “do progresso e da civilidade”.

Nas companhias itinerantes ou *troupes* encontramos uma variedade de espetáculos, que misturavam apresentações com músicas, *sketchs*, anedotas, adivinhações, ventriloquos e o teatro de bonecos. Quando ocorriam essas apresentações, havia uma publicidade muito grande entorno do espetáculo, isto, possivelmente, por dois motivos. O primeiro pelo fato desses grupos serem de fora, assim o valor a ser pago pela contratação era maior, então era frequente nessas chamadas o texto destacar a necessidade de se lotar o Cine-Teatro Santana. O segundo motivo era que não se sabia quando a próxima *troupe* itinerante estaria na cidade, então a presença de uma companhia de fora chamava a atenção dos frequentadores do teatro, posto que era uma novidade tais atrações. Em 1923, o *Folha do Norte* divulgou na folha social a estreia do teatro de bonecos na urbe:

Estreia hoje no Santana, com sua coleção de 22 bonecos de tamanho natural, o interessante e celebre ventriloquo Argo. Matuto, Gigolette, Cleto, Mosquito são os nomes de alguns dos engracadíssimos fantoches, cuja exibição encontra sempre, em

<sup>46</sup> FOLHA DO NORTE. **Tangões e Gambiarras**. Feira de Santana, 24 de setembro de 1932.

<sup>47</sup> Ver: GOMES, Tiago de Melo. **Um espelho no Palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004.

toda parte, extraordinário sucesso, graças à habilidade verdadeiramente notável de Argo. Riem, choram, cantam, dançam, fazem as plateias em hilaridade constante.<sup>48</sup>

Para Regina Duarte, os ventríloquo “se aproximavam dos mágicos na criação de ilusões”<sup>49</sup>, posto que estes bonecos ganhavam vida autônoma em relação aos seus criadores, isto fica explícito quando o articulista identificou as ações realizadas pelos bonecos: “riem, choram, dançam”. A variedade de bonecos possibilitava que o espetáculo fosse ainda mais dinâmico, exigindo a habilidade dos artistas que manipulavam esses fantoches. As apresentações eram divididas, intercalando música e dança com anedotas e encenações, que tinham na vida cotidiana a inspiração para composição textual do espetáculo.

Nas fontes também encontramos a divulgação do espetáculo da Companhia de Comédias Modernas, essa era uma companhia do chamado teatro musicado, um gênero que não aparecia muito na programação do Santana. Conforme Tiago Gomes, o chamado “teatro sério” rivalizava com o teatro musicado de comédias de costumes, por este apresentarem identidades sociais distintas dos comportamentos das elites, ou seja, eram performances que perpassavam o universo cultural dos setores populares, apresentando aspectos que muitas vezes transgrediam a moral e os bons costumes correntes em Feira de Santana.<sup>50</sup>

Em artigo que comentou a estreia dessa companhia, *o Folha do Norte* ressaltou que apesar de ser uma comédia o espetáculo foi muito bom. Nos comentários destacou-se a atuação de um ator que, a todo o momento, fazia “piadas queimosas, um tanto apimentadas”, e uma atriz que interpretava uma viúva que “ansiava muito por novas núpcias”, momentos no qual o crítico sugere que eram partes “queimosas”. Assim, diferentemente dos elogios tecidos aos espetáculos teatrais dramáticos, nos moldes do “teatro sério” moralizador, as comédias de costumes ainda não era bem vista, provavelmente por conta do seu caráter popular, só aos poucos esse gênero começou atingir o público tido como mais crítico. Registraramos também as apresentações no Cine-Teatro Santana dos seguintes grupos *Os Pierrot*, *o Trio Paraná*, *Os Rochas*, *Companhia Vel-Vit*, *o grupo do ator Porto Filho (Chico Tiririca)*, *a Troupe Fantomas* e *Companhia Olympia*.<sup>51</sup>

Explicitamos um pouco das atrações que se apresentaram no palco do Cine-Teatro Santana, uma variedade de espetáculos que de acordo com as fontes cumpriam funções

<sup>48</sup> FOLHA DO NORTE. **Cine-Theatro Santana**. Feira de Santana, 17 de fevereiro de 1923.

<sup>49</sup> DUARTE, Regina H. *Noites Circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, p. 177.

<sup>50</sup> GOMES, Tiago de Melo. *Um espelho no Palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004.

<sup>51</sup> Ver na pag. 159, no anexo H: o reclame de divulgação da *Troupe Fantomas*.

diversas: entreter, moralizar os espíritos, fazer o público se emocionar, rir, se espantar, enfim uma gama de sensibilidades e sociabilidades propostas neste espaço.

### **Exibições de filmes e as repercussões do cinema em alguns aspectos da vida feirense**

De acordo com Tiago Gomes, a criação da sétima arte “provocou o reordenamento do cenário do entretenimento”<sup>52</sup>. Sevcenko, por sua vez, chama atenção para as modernas formas de comunicação de massa, no qual o cinema ganhou destaque, tendo uma ênfase no aspecto tecnológico em que elementos como a velocidade, a imagem em movimento, a luz, a visualidade, vão compor a nova ordem cultural do século XX.<sup>53</sup>

O cinematógrafo chegou ao Brasil em 1897, mais precisamente na capital federal, o Rio de Janeiro, e logo se espalhou por todo o país. Primeiro de forma itinerante, depois se instalando de forma fixa. Conforme Silio Boccanera, o cinematógrafo chegou em Salvador no final de 1897, tendo a primeira casa fixa para essa função em 1909, com a inauguração do Cinema Bahia.<sup>54</sup> Em Feira de Santana não encontramos uma datação precisa, o que sabemos foi que na década de 1910 o Cinema Vitória funcionava, o qual, como vimos, acabou se associando ao Teatro Santana, juntando o cinema e o teatro em único espaço. Nesse tópico, a nossa intenção foi analisar as apresentações cinematográficas na cidade, discutindo aspectos sobre as exibições, o público frequentadores do cinema, os tipos de filmes exibidos, o impacto do cinema no imaginário e no comportamento das pessoas, enfim a repercussão desse entretenimento na vida dos feirenses.

Começaremos pelas exibições dos filmes. A partir da análise dos jornais e dos reclames do Cine-Teatro Santana identificamos variações quanto alguns aspectos, como os dias da semana que ocorriam as exibições, os preços, o público, o tipo de publicidade, os gêneros do filme, enfim uma série de elementos indicadores de modificações ocorridas entre a década de 1920 e a década de 1940.

---

<sup>52</sup> GOMES, Tiago de Melo. **Um espelho no Palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004.

<sup>53</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 163.

<sup>54</sup> BOCCANERA JÚNIOR, Silio. **Os Cinemas da Bahia. 1897-1918**. Salvador: Edufba, 2007.

Na década de 1920, as sessões de filmes aconteciam aos domingos, as segundas-feiras e as quintas-feiras, sendo dividida em dois horários: matiné (tarde) e *soirré* (noite). No domingo eram exibidos filmes destinados às senhoras e às famílias, sendo o público alvo as elites e setores médios da sociedade feirense, ou seja, era uma sessão que na lógica dos dirigentes do cinema, prezava pelos bons costumes. Geralmente os filmes apresentados eram dramas e românticos, por vezes, comédias e filmes de caráter histórico ou religioso. Assim temos: *Sinal da Cruz*, *Herói por uma Noite* (1929), *O Passado de Um Homem*, *O Sol da Meia Noite* (1927).

As segundas-feiras ocorreriam sessões chamadas pelos próprios proprietários como “grande espetáculo popular”, destinadas aos menos abastados. No entanto, entre a década de 1930 e mais ainda na década de 1940, as segundas-feiras foram frequentadas por pessoas de vários segmentos sociais. Os gêneros de filmes reinantes nas segundas foram os de aventuras, policiais e especialmente os faroestes. Nas quintas, as exibições eram variadas, não havia a destinação a nenhum público específico e, por isso mesmo, os tipos de filmes eram diversos. Lembremos que havia filmes exibidos em formas de série, tendo alguns até 12 episódios, sendo que em cada semana era exibido um deles, assim uma série ficava em cartaz de acordo com o número de capítulos a serem exibidos, algo que garantia o retorno do público, pois a curiosidade de saber o que aconteceria a seguir fazia com que o público assistisse a série até o final.

No início da década de 1930, o formato das exibições era da mesma forma que na década de 1920, a diferença aconteceu com a questão das exibições dos filmes falados, que começaram ser exibidos. Porém, no final da década de 1930 e inicio de 1940 havia uma demanda por mais sessões. Daí que em algumas quartas-feiras e sextas-feiras elas passaram a acontecer, com um programa parecido aos das quintas-feiras, ou seja, bem variado. As sextas e os sábados eram frequentemente reservados para os espetáculos musicais, poesias, apresentações teatrais, entre outros.

Quanto aos preços das exibições, eram variados. Nas décadas de 1920 e 1930, havia o preço normal pago pelos homens, correspondente às poltronas distintas; as senhoras e as crianças pagavam os mesmos valores cobrados pelas gerais. Na década de 1940, manteve-se essa distinção de preço, agora incluindo os militares, pois no período da Segunda Guerra Mundial pagavam o preço igual ou abaixo do valor destinado as crianças e as senhoras, uma maneira de prestigiar a instituição militar em tempos de guerra. Os preços mais baratos eram de \$600 reis a 2\$000 reis, os mais caros chegavam 3\$000 a 4\$400 reis. Isto variava conforme

os locais ocupados no cinema, poltronas, camarotes, gerais, como também de acordo com o valor de aluguel da película em exibição, se o aluguel fosse caro, os donos do cinema informavam na divulgação do filme que seria cobrando um preço acima do normal, justamente por conta do valor da película.

Os arrendatários que exploravam o setor cinematográfico na cidade tinham diversos custos, como o aluguel do prédio, contratação de atrações, o pagamento dos funcionários, o aluguel das películas, a manutenção do prédio, além da licença de funcionamento concedida pela prefeitura e, por isso mesmo, havia uma variedade de preços para não perder o público por conta dos valores a serem cobrados. Uma estratégia encontrada foi alternar exibições de películas mais baratas com caras, assim podia se manter uma boa frequência do público sem ter prejuízos.

A divulgação dos filmes era realizada tanto nos jornais quanto nos reclames, pois estas tinham a função de chamar atenção do público para a programação cinematográfica. Ao falar da propaganda em São Paulo, Heloisa Cruz afirma que “a propaganda participa ativamente do processo de formulação das novas linguagens do viver urbano, (...) sendo através dos reclames que empresas cinematográficas proclaimam novos hábitos”<sup>55</sup>. Nas propagandas encontramos várias informações: aspectos que dão conta da parte técnica tanto da projeção, quanto do filme; um breve resumo do enredo; alguns dados sobre os atores principais; às vezes, informações da repercussão do filme na capital; e, também, o destaque para as produtoras dos filmes. Vejamos um anúncio do cinema no jornal:

No écran desta frequentada casa de diversões, será focalizada amanhã a sensacional película de esplendida marca Ufa de Berlim, intitulada As Mãoz de Orlac, cujos protagonistas são o extraordinário artista Conrad Veidt e a formosa estrela Alexandra Sorina. Não só pela riqueza dos cenários e pelo argumento interessante e curioso desta cinta, verdadeira maravilha da cinematografia moderna, mas, devido principalmente, ao correto desempenho dos seus aplaudidos interpretes, é de se esperar amanhã, no Cine-Theatro Santana, mais uma nova enhcente.<sup>56</sup>

Portanto, alguns dos aspectos registrados anteriormente aparecem neste anúncio como uma forma de atrair o público para o cinema, visto que no final da propaganda foi enfatizado o desejo que o Cine-Theatro tivesse a sessão lotada. Às vezes, quando a publicidade era apenas uma nota pequena, divulgava-se o programa da semana, constando os dias e os nomes dos

---

<sup>55</sup> CRUZ, Heloisa de Faria. A cidade do Reclame: Propaganda e periodismo em São Paulo – 1890/1915. In: Projeto de História. São Paulo: Editora da PUC-SP, nº 13, p. 90 e 91/ junho/96.

<sup>56</sup> FOLHA DO NORTE. Cine-Theatro Santana. Feira de Santana, 04 de abril de 1931.

filmes a serem exibidos, mas, geralmente, o formato sempre destacava um resumo do filme, os atores e a produtora.

Nos reclames veiculados pelo próprio cinema, o texto era um pouco parecido com o dos jornais, a diferença era que havia um destaque para o filme principal, possivelmente, o de aluguel mais caro. Era apresentado também o programa da semana e os preços, além disso, havia um espaço para eventuais avisos ou recomendações para o público.<sup>57</sup> Alguns destacavam que nas sessões destinadas às crianças ocorreriam sorteios de brindes; outros chamavam atenção para a forma de se vestir, pois o domingo, como uma sessão mais familiar e elitista, exigia-se os melhores trajes. Encontramos um aviso sobre uma exibição de um domingo: “*Rainha da Escócia* com Fredric March e Katherine Hepburn. Um filme caro e destinado ao que a Feira tem de mais seleto. Ingressos: 3\$000 réis. Tocará na porta uma banda de música, durante a entrada dos senhores espectadores”<sup>58</sup>. Deste modo, a sessão era destinada a elite feirense, e para demarcar mais ainda a diferenciação social do público em questão, estes seriam recepcionados com uma banda musical, algo que as fontes não apresentam em relação as sessões ocorridas nas segundas-feiras populares.

Nestes informes encontramos avisos e comentários pitorescos, um deles se referiu à disputa do cinema com o circo: “Sabemos que o Circo funcionará hoje e em festival, o que é justo, pois o sol nasce para todos. Quem tem, porém, um filme como *Tentação da Carne* nada teme.”<sup>59</sup> Apesar de afirmar que haveria lugar para todos, o reclame do cinema instiga o público ao falar do filme e, isto demonstra o quanto a presença do circo contribuía para que houvesse uma queda na frequência do Cine-Teatro Santana. Outro aviso se refere ao estilo do filme, afirmando que “não aposte nas mulheres, para os filmes de West”, ou seja, o aviso deixa entender que as mulheres não gostavam dos filmes de *cowboy*, e talvez fosse melhor não levá-las, um reflexo do período em questão, pois para as mulheres eram destinados os dramas e os filmes românticos, enquanto os filmes de ação eram destinados ao público masculino, algo forjado dentro do universo das relações de gênero, algo socialmente construindo.

Foi possível verificar também uma predominância das exibições das produtoras norte-americana, como a Fox, a Universal Films, a Columbia e a Paramount. De acordo com Tiago Melo, a ascensão das produções americanas ocorreu depois da Primeira Guerra Mundial,

---

<sup>57</sup> Ver na pag. 160, no anexo I: um reclame de divulgação de um filme na década de 1940.

<sup>58</sup> Reclame do Cine-Teatro Santana de 1943.

<sup>59</sup> Reclame do Cine-Teatro Santana de 1944.

afirmando que o “pós-guerra é caracterizado por uma verdadeira inundação de filmes norte-americanos por todo o planeta, incluindo o Brasil”<sup>60</sup>.

O cinema para os homens e mulheres que vivenciaram as primeiras experiências cinematográficas o impacto foi grande. Uma série de aspectos possibilitava que aquelas imagens em movimento transportassem as pessoas para outros lugares, sem as mesmas saírem de suas cadeiras. Assim, as pessoas saíam maravilhadas das exibições. Para José Menezes, tudo no cinema era convidativo para dá margem à imaginação e as diversas sensações:

A imagem cinematográfica apresenta-se, além disso, com uma luminosidade intensa, num retângulo de dimensões apropriadas, em sala escura e silenciosa, contando com um fundo musical ou uma legenda explicativa, a quebrar a resistência do espectador que, por sinal, ao sentar-se próximo a uma tela, já está predisposto pelo hábito ou pela explicativa do programa, a entregar-se, a participar como personagem das peripécias do filme.<sup>61</sup>

Assim, as pessoas, cada vez, mais passaram a ir ao cinema, a interessar-se pelos astros da sétima arte, a incorporar as modas e os comportamentos divulgados nos filmes. Em Feira de Santana não foi diferente, em nota veiculada em 1923 pelo *Folha do Norte*, foi divulgada uma série de entrevistas realizada com algumas pessoas da cidade, sobre o que o cinema representava para eles: os mais velhos diziam que isto não era coisa para eles e sim para os seus filhos; um médico afirmou que além dos filmes, o bom mesmo era paquerar “as pequenas galantes”; para um advogado, o cinema era um lugar onde se podia sonhar; e por último, para outra pessoa era bom para apreciar as belas divas do cinema.<sup>62</sup> Portanto, o cinema representava uma série de coisas, era introdução de novos hábitos, de sociabilidades mais urbanas, representando uma gama de possibilidades, não somente a diversão, mas outras perspectivas que incidiam no cotidiano dessas pessoas.

De acordo com Raimundo Fonseca, as apropriações das imagens do cinema contribuíram para tecer novos modelos de feminilidades e masculinidades, que tinha nas “melindrosas a mulher símbolo da bela época, (...) com sua saia curta, salto baixo e cabelo ‘à La garçon’, e para os homens, “um desfile de tipos masculinos, os mais variados possíveis”, centrando-se mais na figura do almofadinha<sup>63</sup>. Sobre os cortes de cabelos curtos encontramos uma matéria do jornal falando justamente da influência do cinema nessa moda: “é um caso

<sup>60</sup> GOMES, Tiago de Melo. **Um espelho no Palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004, p. 59.

<sup>61</sup> MENEZES, José Rafael de. **Caminhos do Cinema**. Rio de Janeiro: AGIR Editora, 1958, p. 12.

<sup>62</sup> FOLHA DO NORTE. **Cinema**. Feira de Santana, 12 de maio de 1923.

<sup>63</sup> FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo Fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador. (1897-1930)**. Salvador: Edufba; Centros de Estudos Baianos, 2002, p. 159 e 167.

sério essa moda de cabelos cortados, em toda parte , na igreja, na rua, ou no cinema, lá estão as cabecinhas a *La garçon* ou estilo Rodolpho Valentino”<sup>64</sup> Todavia não era apenas os cortes do cabelos que chamavam atenção nesse período, o fato das mulheres não usarem meias também causava uma reação parecida na cidade. Podemos notar isso num comentário feito por Eurico Alves em uma de suas crônicas: “ a cidade está espantada! Sem meias? Onde já se viu disto? Desconjuro dessas modas.”<sup>65</sup> Portanto, a moda inserida por uma nova lógica de consumo, ligadas com a imagem das grandes estrelas do cinema, criava uma certa inquietação na cidade, pois que algumas desses hábitos difundidos pela via cinematográfica, como o consumo do cigarro pelas mulheres, eram motivos de discussão.

De acordo com Kleber Simões, em Feira de Santana, havia uma tendência, nas décadas de 1920 e 1930, das mulheres usarem a moda das melindrosas e os homens o estilo almofadinha com direito a “gravatinha papilon e sapatos pirulitos”. Para Simões, “a etiqueta e a moda ocuparam uma função essencial, enquanto armas na luta por prestígio e status social”<sup>66</sup>, e alguns setores da sociedade feirense incorporavam esses elementos como forma de uma distinção social .

Uma notícia do jornal *Folha do Norte* informava que a última moda em Hollywood era comprar os vestidos usados pelas estrelas do cinema nas filmagens dos filmes, e dentre elas o jornal destacou a atriz Greta Garbo.<sup>67</sup> Nesse mesmo jornal havia a propaganda de uma marca de cigarros que trazia em suas embalagens fotos dos grandes astros hollywoodianos. Numa poesia, Alencar Filho apresentava uma representação da mulher enquanto uma mademoiselle com comportamentos transgressores:

Mandemoiselle Futilidade

Ei-la que passa

Toda modernismo e toda graça na divinização da silhueta fins do século XX. Ela é bonita, ela é toda um requinte da arte da maquillage. (...) E é fútil (...) sonha com um príncipe que é artista de cinema. (...) Anda só, bebe chops, fuma, não usa meias e tem coragem das atitudes escandalosas. (...) É em suma é uma mulher moderna (...). Na missa ou no cinema ela não deixa de usar batom.<sup>68</sup>

<sup>64</sup> FOLHA DO NORTE. **Sobre a moda.** Feira de Santana, 16 de agosto de 1924.

<sup>65</sup> BOAVENTURA, Eurico Alves. **A Cidade do Silêncio e da Melancolia. In: Paisagens Urbanas e o Homem: Memórias de Feira de Santana.** Feira de Santana: UEFS Editora 2006, p. 50.

<sup>66</sup> SIMÕES, Kleber José Fonseca. **Os Homens da Princesa do Sertão: Modernidade e identidade Masculina em Feira de Santana (1918-1938).** Dissertação do Curso de Pós-Graduação em História. Salvador: UFBa, 2007, p. 84.

<sup>67</sup> FOLHA DO NORTE. **Coisa da Moda.** Feira de Santana, 07 de março de 1931.

<sup>68</sup> FILHO, Alencar. **Mandemoiselle Futilidade.** In: **Folha da Feira.** Feira de Santana, 09 de outubro de 1933.

A primeira parte da poesia foi destinada a representar a mulher moderna como fixada na busca pela beleza, posto que o poeta usa o termo “divinização da silhueta”. Na segunda parte, o poeta descreveu a mudança de comportamento dessas mulheres, que “tem coragem das atitudes escandalosas”, e bebem e fumam como os homens. Além disso, o cinema foi citado como o local onde essas mulheres modernas sonham com os seus príncipes, mas os comportamentos tidos como modernos eram também veiculados pelas estrelas do cinema. Estes comportamentos eram mal vistos pela fração moralista da sociedade, que enxergava no cinema uma forma de subverter os costumes. Numa nota de 1924, o ator Rodolfo Valentino foi considerado o inspirador entre as mulheres do corte de cabelo curto, chamado na época de à *La garçonnet*, denominação francesa que em português significa menino/rapaz, ou seja, era um corte de rapaz, e por isso causava um incomodo, em um dos trechos o articulista afirmou: “que Santo Deus! Há cabelos à *La garçonnet*, que são umas verdadeiras injurias. Melhor seria chama-los cabelos à *La diable*.<sup>69</sup> O fato é que observando as fotos das normalistas da décadas 1930, divulgadas no *Folha do Norte* por causa da formatura, notamos que a maioria das senhorinhas seguia a moda dos cabelos curtos, demonstrando o quanto as estrelas do cinema influenciavam os comportamentos das feirenses.

Por outro lado, havia pessoas que viam o cinema enquanto um difusor de hábitos civilizados, sendo que a preocupação maior dos produtores de cinema era em divertir o público e lucrar, mais ainda, com suas fábricas de sonhos.

Entre os atores destacados nos jornais feirenses no período pesquisado temos: Tom Mix, Rodolfo Valentino, Buck Jones, Bete Daves e Bela Lugosi. Sendo Mix e Lugosi os reis das exibições das segundas-feiras populares, o primeiro no gênero dos filmes de faroeste e, o segundo, nos filmes de terror. Porém, foi Tom Mix, o “tão querido da plateia feirense”, que ficou no imaginário dos feirenses. Seus filmes são citados pelos memorialistas, até o poeta Eurico Alves Boaventura se referiu ao ator em uma de suas poesias. Assim, o *Folha do Norte* sempre divulgava informações sobre a vida de Tom Mix, como, por exemplo, a divulgação do casamento do ator e do local onde ele passaria a lua de mel, chamando atenção que essas informações era destinadas aos fãs de Mix.<sup>70</sup> Segundo o depoimento do Sr. Pedro, Tom Mix era admirado porque todos se identificavam com o *cowboy*, o mocinho da história, que acabava botando o bandido na cadeia, e por isso as sessões desse tipo de filme eram muito

---

<sup>69</sup> FOLHA DO NORTE. **Sobre a moda.** Feira de Santana, 16 de agosto de 1924.

<sup>70</sup> FOLHA DO NORTE. **Tom Mix casou-se o mês passado.** Feira de Santana, 26 de março de 1932.

agitadas.<sup>71</sup> De acordo com Raimundo Fonseca, “à medida que o nome do intérprete se tornou mais forte do que o da personagem, surgiram os primeiros astros, que ganharam destaque, (...), passando a ter suas legiões de fãs que lotavam o cinema.”<sup>72</sup>

Quem bem resume o universo do cinema, em especial do Cine-Teatro Santana, com suas diversas possibilidades, é o poema de Eurico Boaventura, intitulado de *Cinema*:

No domingo descansado, depois que as luzes da cidade cigarrearam. O cinemazinho sorriu possante lâmpada de duzentas velas à porta.

Cine-Teatro Santana, que me faz sonhar, outrora, com bandidos roubando a minha coleção de selos e com certa lourinha mordendo-me a ponta do nariz!

Tom Mix e bandidos vão boxear na tela do pequeno cinema da Rua Direita. Repletos os camarotes. E a plateia, completa ânsia febril de ávidas atenções crianças.

A senhorinha de vermelho-claro ajeita vaidosa o cabelo.

A careca da frente, luzidia, polida, está tentando um cascudo camarada.

O escriturário do armazém sacode o lenço no rosto o suor, para sacudir o extrato francês mande in São Paulo no rosto do vizinho. (...).

Depois do espetáculo, (...) os meninos fortes incharão o peito infantil, quebrarão, ao lado, o chapeuzinho de feltro, porão as mãos em atitude de ataque aos outros que, ao alto, levarão as mãos inertes. Imitando sisudos a perigosa mentira do filme americano.<sup>73</sup>

Eurico Alves intercala a descrição do ambiente do cinema, com a descrição das ações do filme exibido, mas se projetando como um personagem, destacando que o Cine-Teatro Santana foi o local que lhe fez sonhar, onde a fantasia e a realidade se misturavam. Além disso, atentou para como as pessoas se arrumavam para ir ao cinema, fosse a “senhorinha vaidosa” ou escriturário com seu perfume. No final, expressou como os meninos se apropriavam das performances dos atores, e na saída do cinema começavam a imitar o mocinho do filme, demonstrando a influência do cinema no comportamento dos feirenses.

O impacto que as produções cinematográficas causaram nas pessoas foi diverso. Por exemplo, o Sr. Hélio, em entrevista<sup>74</sup>, ao rememorar suas experiências nas exibições no Cine-Teatro Santana, nos falou do impacto de assistir as séries de *Flash Gordon*, nos relatou sobre o fascínio que os foguetes e as pistolas exerceram na sua imaginação, e ao recordar essas lembranças e pensar no mundo de hoje, com tantas tecnologias, chegou a seguinte constatação: “nós estávamos olhando para o futuro e não sabíamos”. Então, podemos ter uma noção de como as ideias modernas, o uso das máquinas, os aparatos tecnológicos começaram

<sup>71</sup> Entrevista oral realizada em 10 de janeiro de 2011.

<sup>72</sup> FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. “**Fazendo Fita: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador**”, 1897-1930. Salvador: EDUFBA Centro de Estudos Baianos, 2002, p. 110.

<sup>73</sup> BOAVENTURA, Eurico Alves. **Poesias**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1991.

<sup>74</sup> Entrevista concedida em setembro de 2011.

a se ambientar no imaginário, veio o rádio, os diversos aparelhos doméstico, em especial a TV, até chegar os foguetes reais, que um dia fizeram parte da ficção de *Flash Gordon*, assim como enfatizou o entrevistado.

Para finalizar essa discussão sobre as exibições de filmes no Cine-Teatro Santana, retomaremos as segundas-feiras populares. Como foi dito anteriormente, as segundas eram sessões destinadas para os setores populares da cidade, onde os filmes de aventuras, policiais, de terror e de *cowboy* eram apresentados, e os mais preferidos pelo público nesse dia. Desde a década de 1920, era uma prática do Cine-Teatro Santana em disponibilizar uma sessão para o público popular, e daí que tanto pessoas das elites como de outros segmentos frequentavam o mesmo cinema. No entanto, os domingos eram sessões de gala, próprias para as elites feirenses.

A diferenciação social era feito no tratamento destinado ao público, como também em relação às películas, sendo as mais caras destinadas às classes mais abastadas. Porém, na década de 1930 e na década de 1940, não foi somente os setores populares que frequentavam as segundas populares, alguns jovens membros dessas elites iam nessas sessões e, mais, era o dia preferido de muitos desses jovens para a ida ao cinema. Fica a pergunta, por quê? A primeira pista quem nos dá foi o memorialista Antônio de Lajedinho.

As segundas-feiras eram reservadas para os famosos bang-bangs, que tinham como tradicionais mocinhos o Buck Jones, Kay Maynard, George O'Brien, Tom Mix e outros. Era a rapaziada que fazia questão de ocupar as gerais, porque ali todos aplaudiam batendo o acento da cadeira e gritando a cada castigo que o mocinho aplicava no bandido. Eram dois pandemônios: o da tela e o dos torcedores. Muitas vezes era necessário parar a projeção e acender as luzes para que os torcedores se acalmassesem.<sup>75</sup>

Portanto, as segundas-feiras fugiam da lógica moralizadora e dos moldes da civilidade, proclamada pelos jornais, pois o público não se importava de demonstrar as suas emoções diante das ações do filme. Na entrevista com o Sr. Pedro, perguntado sobre o tipo de público, este nos informou como eram sessões “frequentadas pela rapaziada, a maioria era estudantes, gente da roça, era totalmente misturado. A rapaziada fazia muita baderna, e muito barulho nos filmes de *cowboy*.<sup>76</sup> Notamos que o entrevistado usava muito a expressão “rapaziada” e, apesar de citar o perfil de alguns frequentadores, este não deu maiores detalhes, se esquivando de falar mais sobre essa a “rapaziada”, e sobre as atitudes baderneiras realizadas no interior do

---

<sup>75</sup> LAJEDINHO, Antônio de. **A Feira na década de 30**. Feira de Santana, 2004, p. 69 e 70.

<sup>76</sup> Trecho da transcrição da entrevista com o Sr. Pedro em janeiro de 2011.

cinema. Porém, a resposta, de certa forma generalizada no termo rapaziada, acabava por silenciar alguma coisa.

No depoimento do Sr. Hélio tais silêncios se explicaram. Este nos revelou muito além do que informou o Sr. Pedro, inclusive se emocionou ao rememorar as sessões de segunda-feira. De acordo com o Sr. Hélio, essas sessões tinham uma atmosfera anárquica, pois era o dia que se podia tudo no cinema, um espaço de liberdade em meio a tantos discursos moralizadores. Afirmou que várias pessoas da elite feirense frequentavam essas sessões, ele mesmo era um membro destes grupos, aproveitando as “anarquias presentes lá”. Além do grupo citado por Sr. Pedro, ele acrescentou a presença de algumas mulheres, identificadas como sendo prostitutas ou de procedência duvidosa. Vejamos um trecho desse depoimento que se refere como era essa “baderna” nas segundas-feiras populares:

(...) os comerciários, as mulheres da rua do meio, as prostitutas, os estudantes, pessoas conhecidas na sociedade, iam às sessões de segunda-feira. Era uma grande fumaceira, pois todo mundo fumava. Começava a sessão umas 08:00 da noite e chega ir até 01:00. Era uma maravilha um barulho medonho na hora que a cavalaria americana aparecia para salvar o mocinho. Passavam muitos filmes, filmes de cowboys, tinha filmes de terror. Eu tomei conhecimento do filme Dr. Frankenstein, Bela Lugosi, vampiro, lobisomem. Mas tinha essa sessão movimentada. Teve um estudante que ficou nu ali dentro, já no tempo do Sr. Elziario. Aí ele foi suspenso do cinema por seis meses. (...) Eu andava com cuidado a semana toda, para o meu pai não me proibir de ir ao cinema nas segundas-feiras. Era uma maravilha de democracia e anarquia. Juntava estudante pra burro, tudo quanto era menino. As mulheres da rua do meio. E os comerciários. Era um espetáculo enorme e barato.<sup>77</sup>

Assim, ele afirmou que era comum a gritaria no cinema, o lançamento de objetos nas pessoas, o namoro no escurinho com essas mulheres. Ainda segundo o mesmo, outra coisa ocorrida era pessoas urinando na parte superior do cinema, acabando por molhar as pessoas que ficavam na parte de baixo, isto porque no cinema não havia banheiro, episódio de constantes reclamações nos jornais. Apesar de toda essa bagunça, havia uma pessoa que era responsável por coibir tais práticas. De acordo com Sr. Hélio, quando ocorriam tais comportamentos a sessão era interrompida e as luzes eram acesas, mas geralmente não dava para identificar especificamente quem era o praticante de tais atos. Porém, quando isto ocorria, como no fato mencionado na citação anterior, as pessoas ficavam impedidas de frequentarem o estabelecimento por um bom tempo. Para o Sr. Hélio era uma verdadeira diversão ir ao cinema nas segundas-feiras, os domingos para ele eram sessões chatas, para senhoras exibirem seus vestidos. Enfatizou também, a lembrança da sua juventude de que quando seu pai queria coloca-lo de castigo, era só proibi-lo de ir naquelas sessões.

---

<sup>77</sup> Entrevista com o Sr. Hélio, concedida em setembro de 2011.

Então, percebemos algumas questões: a primeira é a do público, pois havia configurações de programas diferenciados colocados para o domingo e para a segunda; e a segunda diz respeito quanto na virada de uma noite para outra o espaço se transformava, ou seja, num dia beirava os aspectos tidos enquanto da civilidade com suas normas e convenções, e no outro dia vigorava a liberdade, nas palavras do Sr. Hélio, que deixou evidente que estas eram sessões mais animadas, burlavam a moral e os bons costumes.

Em algumas notas veiculadas pelo *Folha do Norte*, encontramos reclamações sobre o comportamento das pessoas nas sessões de segunda-feira, posto que um local de tradição moralizadora como era o Cine-Teatro Santana, conforme os articulistas do jornal afirmavam, não poderia conviver com tais maus hábitos. No ano de 1924, o *Folha do Norte* fez uma campanha de constante denúncias sobre os atos que transcorriam dentro do Cine-Teatro, afirmando que tais atitudes estavam comprometendo o funcionamento da casa de diversões:

Dentre os refratários ao regulamento que se lhes impõe como são todos os que fazem do Teatro Santana, casa de fumar, uns há que, dada a sua incivilidade tornam-se inteiramente intoleráveis. Ali se conhecem vários, que, felizmente, não tem passado sem ser surpreendidos pelos censores de boa educação, no momento em que arremessam, cinicamente, a ponta do cigarro ou charuto (...).<sup>78</sup>

Assim, as formas de diversões tidas como modernas, que possibilitava uma perspectiva de distinção social dos seus consumidores, não poderia conviver com aspectos que perturbassem “o meio culto e civilizado de nossa terra”, como indica a nota. No código de Postura de 1937 os seguintes aspectos eram projetados para as casas de diversões: “Art. 79º. – Todos os edifícios destinados a teatros, cinemas, reuniões públicas, etc. adaptarão os moldes modernos aconselhados pela higiene, estética e segurança.”<sup>79</sup>

Uma das reclamações da imprensa foi em parte ao encontro das descrições de bagunça feita pelos Srs. Pedro e Hélio, ao se referirem ao cinema:

As diversões públicas devem ser sob todos os pontos de vista moralizadoras e carecem, pois, de severa fiscalização, máxima quando espectadores desabusados timbram em transformar a plateia de um teatro em poleiro de circo de cavalinhos, como está acontecendo entre nós. Em uma cidade culta como é a Feira não se pode conceber, se quer, a possibilidade de que a conduta reprovável dos aludidos espectadores obrigue as famílias a renunciarem às funções do único cinema que possuímos. Impõe-se, portanto, a intervenção salutar da polícia para repressão desses desmandos que, a bem de nossos créditos, devem desaparecer de todo. Em caso contrário, volveremos ao assunto e empreenderemos a campanha pelo saneamento moral da nossa plateia.<sup>80</sup>

<sup>78</sup> FOLHA DO NORTE. **Infeliz Teatro! É o cumulo...** Feira de Santana, 05 de janeiro de 1924, p. 2.

<sup>79</sup> Código de Postura de 1937. Capítulo II, Secção VI – Dos Teatros e das casas de Diversões públicas. p. 21.

<sup>80</sup> FOLHA DO NORTE. **Querem transformar o theatro em circo de cavalinhos.** Feira de Santana, 10 de março de 1934.

Percebemos o quanto esses comportamentos incomodavam a ala que prezava pelos bons costumes, afinal de contas esse mesmo cinema era frequentado pela elite feirense, e não deveria macular a imagem “uma cidade culta”. Numa outra nota, desse mesmo ano, o *Folha do Norte* solicitou o policiamento severo para o Cine-Teatro Santana, devido um dos frequentadores ter sido vítima de uma pedrada.

(...) Ainda anteontem, à noite, um cidadão qualificado (...) assistia ao espetáculo recebeu forte pedrada, da qual lhe resultou um hematoma na região frontal. Essa brutalidade inominável revoltou toda a assistência e, (...) deve a plateia moralizada e culta da Feira excluir de seu seio elementos tão perniciosos, assim como a empresa e a polícia devem conjugar esforços no sentido de conjugar esforços no sentido de evitar que se reproduzam fatos desse tipo. A esta última impõe-se a repressão, tão enérgica quanto se fizer preciso para o saneamento moral de nosso único centro de diversões.<sup>81</sup>

Portanto, para os articulistas como poderia as famílias frequentar os cinemas no domingo de gala, tendo na segunda-feira o cinema se tornado um “puleiro de circo”. Estas ações contrastavam com o ideal de civilidade, e os incomodados com a situação recorriam para que o policiamento garantisse o estabelecimento da ordem e tomassem providências. Vimos através do depoimento do Sr. Hélio, que alguns dos participantes das agitações eram elementos oriundos dessas mesmas famílias que reclamavam pela moralização do Cine-Teatro Santana, solicitando a ação policial para acabar com tais acontecimentos. Como nos afirma Certeau, “a arte de viver em uma sociedade de consumo são definidas pelas táticas de resistências do cotidiano”, ou seja, partes das elites, com sua pretensão de civilizar os espaços e os comportamentos dos indivíduos, não percebiam que a experiência cotidiana era mais dinâmica e complexa, pois naquele cinema, às segundas-feiras, com ingressos mais baratos, não representavam apenas a participação de sujeitos das camadas populares, mas também uma fração dessas mesmas elites que participavam de um momento de transgressão dentro da lógica de civilidade pretendida para a cidade, pois tudo era camuflado no escurinho do cinema.

Sobre as impressões do cinema na cidade feirense através do espaço do Cine-Teatro, o poema de Eurico Boaventura e as memórias Antônio de Lajedinho nos deram a dimensão desse contato com a sétima arte. Boaventura no seu poema “*Cinema*” destacou que o cinema também era um espaço para se sonhar: “Cine-Teatro Santana, que me faz sonhar”. Desta forma, o Cine-Teatro Santana era o espaço onde se poderia soltar a imaginação tomando o lugar dos diversos personagens, viajando sem sair do lugar. Lajedinho informou sobre a reação da plateia entusiasmada com os filmes de *cowboys*. Portanto, essa era uma das

---

<sup>81</sup> FOLHA DO NORTE. **Policíamento severo para o Teatro Santana.** Feira de Santana, 28 de abril de 1934.

mágicas que o cinema realizou no imaginário das pessoas, bem como nas suas próprias reações às situações apresentadas pelos filmes.

### **Espaço multifacetado: relações sociopolíticas, diversão e filantropia**

Para além de atividades de diversão e entretenimento, o Cine-Teatro Santana, como um espaço multifacetado, no qual uma teia de múltiplas relações eram tecidas, favorecendo os diversos aspectos da vida feirense (social, político, econômico e cultural). Um dos elementos que caracteriza o Cine-Teatro como multifacetado foi justamente a ocorrência de grandes eventos políticos, eventos estes que se alinhavam com a difusão dos ideários de civilidade, progresso, moral, civismo, afirmados com caráter nacionalista que deveriam ser apreendidos pela “Terra formosa e bendita”, a então cidade de Feira de Santana. Assim, eventos de natureza social, mas principalmente de ordem política se desenrolaram no palco do Cine-Teatro Santana, possibilitando identificar como algumas figuras da sociedade feirense se beneficiavam desses acontecimentos para articular e difundir suas perspectivas para a cidade.

Porém, não apenas nesses eventos havia uma intenção política e social, pois no campo das diversões analisadas ocorriam uma rede de solidariedade entre as diversas instituições (religiosas, assistencialistas, e culturais), fortalecendo, ainda mais, o Cine-Teatro Santana como um espaço importante na urbe, desenvolvendo funções que ultrapassavam a esfera dos divertimentos. O estabelecimento da parceria entre a diversão e a filantropia contribuía para que houvesse uma manutenção material e simbólica do entretenimento em Feira de Santana, destacando a centralidade do Cine-Teatro nessas relações. Por sua vez, essas redes de solidariedades contribuíram, também, para que alguns grupos da sociedade feirense ampliassem seu campo de atuação política e social, fortalecendo não somente as instituições que representavam como a si próprios, consolidando ou criando capitais simbólicos ligados aos ideários citados anteriormente.

Portanto, a nossa pretensão neste momento do texto é analisar o papel do Cine-Teatro Santana como um espaço multifacetado, através dos eventos sociopolíticos ocorrido no seu interior, como também problematizar as relações desenvolvidas entre a parceria das diversões

com as ações benéficas, entendendo os aspectos de representação política e de poder que as diversas instituições aqui analisadas exerciam na urbe feirense.

Como já afirmamos, o Cine-Teatro, no século XIX, por um tempo abrigou as sessões legislativas da Câmara Municipal, demonstrando que este tinha uma tendência a ter outras funções, mas pelo fato da cidade naquele período não ter um prédio específico para abrigar o legislativo. Com a inauguração do Paço Municipal, em 1926, muitos eventos sociopolíticos que aconteciam no Cine-Teatro Santana passaram a ocorrer no Paço. Mas este, muitas vezes, era considerado um lugar demasiadamente solene, visto que abrigava os três poderes da cidade (o executivo, o legislativo e o judiciário), além de ser também um espaço explicitamente político. Então, o Cine-Teatro se apresentava como uma alternativa mais flexível para abranger eventos diversos, possibilitando que um público maior comparecesse. Deste modo, foram realizadas diversas conferências e comícios no palco do Cine-Teatro Santana. A seguir destacaremos, alguns desses eventos.

As conferências eram um dos eventos sociopolíticos que geralmente aconteciam no Cine-Teatro, proferidas por intelectuais das mais diversas áreas (direito, literatura, matemática, filosofia, das ciências naturais), além de políticos. Em relação à temática dessas conferências, percebemos que muito se aproximava como as que ocorriam no Grêmio Rio Branco, em que as questões centrais giravam em torno da política no país, a identidade nacional e o civismo, pautadas em argumentos que defendiam o progresso e o desenvolvimento da nação. Assim, o Cine-Teatro Santana se configurava como um local difusor dessas ideias.

No primeiro capítulo, falamos sobre a conferência de Rui Barbosa, em 25 de dezembro de 1919, que versando sobre a política no Brasil, teria durado cerca de 50 minutos. Esta conferência ficaria marcada, na história do Cine-Teatro, justamente por ter utilizado o título de “Princesa do Sertão” atribuída a Feira de Santana por Rui Barbosa, representação apropriada pelas classes dirigentes para tentar solidificar uma identidade da cidade feirense, atrelada as questões progressistas, civilistas e modernizadoras.

Em 24 de julho de 1926, D. Eulina Thomé de Souza, após ter realizado uma conferência no Paço Municipal sobre a causa feminista, participou de um Festival no Cine-Teatro Santana, que contava com a presença de outros intelectuais da cidade, como por exemplo, alguns membros do Grêmio Lítero-Dramático Rio Branco.<sup>82</sup> O jornal *Folha do*

---

<sup>82</sup> FOLHA DO NORTE. **Theatro Santana**. Feira de Santana, 24 de julho de 1926.

*Norte* que veiculou a nota sobre esse festival, não divulgou a temática dessa reunião, mas provavelmente, no caso de D. Eulina de Souza, possivelmente, um dos temas abordados era a questão feminista. Visto que a mesma havia feito anteriormente essa apresentação no Cine-Teatro, uma palestra no Paço Municipal, que teve uma boa repercussão na cidade, pois o feminismo defendido por D. Eulina se alinhava com a formação do cidadão, por isso mesmo foi considerado pela imprensa como um discurso moralizador.

Em 04 de fevereiro de 1922, ocorreu à recepção no Cine-Teatro Santana da embaixada do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, com a presença de diversos intelectuais, que realizaram um evento cívico na cidade. O *Folha do Norte* anunciou que “chegou ontem a esta cidade a embaixada do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em benefício da construção da nova sede (...), realizará à noite de hoje, no Cine-Teatro Santana, uma grande festa cívica, com a participação do deputado Ruy Penalva”<sup>83</sup>. Tal evento foi realizado com muita ostentação, contando com a presença do então intendente municipal, o cel. Bernardino Bahia, que recebeu a comitiva do Instituto em sua residência para um jantar de boas vindas e, naquela época, não poderia ser diferente, pois que o Instituto era visto como uma instituição privilegiada, modelo de civilidade no qual os principais políticos da Bahia gravitavam. Esse evento era para arrecadação de fundos para aquisição de uma nova sede para o Instituto, sendo divulgada posteriormente, uma lista das pessoas que fizeram as doações, entre elas estavam citado cel. Bernardino Bahia, Arnold Silva, Raul Silva, Elpidio Nova.<sup>84</sup> Então, podemos perceber que as relações estabelecidas nessa reunião no Cine-Teatro propiciou aos envolvidos uma transferências de benefícios, a comitiva do Instituto conseguiu recursos financeiros com as doações feitas pelos políticos feirenses, e estes, por sua vez, se beneficiaram do prestígio do Instituto, pousando de beneméritos do mesmo.

Em 1934, ocorreu uma homenagem ao então candidato ao governo do estado da Bahia, Juracy Magalhães, sendo manchete de primeira página do *Folha do Norte*:

O Teatro Santana que pompeava decorativas de efeitos deslumbrantes e se refertara do que a Feira possui de mais distinto, culto e representativo de seu querer político, realizou-se as 21 horas extraordinário comício, quiçá o mais brilhante de quantos se tem realizado naquele templo de arte. (...) Em cena aberta, ocupando poltronas dispostas em semicírculos, viam-se os Srs. Interventor Federal, os deputados Arnold Silva, Homero Pires, Arthur Neiva, Attila Amaral e Alfredo Mascarenhas, o Sr. Prefeito municipal, o oficial do gabinete da intervenção e diretores do PSD local.<sup>85</sup>

<sup>83</sup> FOLHA DO NORTE. **A Grande Festa Cívica de Hoje.** Feira de Santana, 04 de fevereiro de 1922.

<sup>84</sup> A inauguração da nova sede ocorreu em 1923, ficou conhecida como a Casa da Bahia. É a atual sede do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

<sup>85</sup> FOLHA DO NORTE. **As Homenagens da Feira ao incerto candidato do PSD a governador Constitucional da Bahia.** Feira de Santana, 29 de setembro de 1934.

A cobertura dessa homenagem foi enorme, isto porque o deputado Arnold Silva como presidente local do PSD e um dos donos do *Folha do Norte*, não poderia deixar de usar a influência do seu jornal para divulgar e defender o candidato do seu partido. O evento foi longo, no qual discursaram todos aqueles citados anteriormente. Ao final, conforme o divulgado pelo articulista, os oradores foram intensamente aplaudidos, sendo o capitão Juracy ovacionado com uma série de vivas. Na nota fica evidenciado que o Cine-Teatro Santana chamado de “templo da arte”, deu espaço para um evento explicitamente político, um comício, em prol da candidatura ao governo do Estado, evento importante em face da finalidade do mesmo.

Outro acontecimento político importante foi uma reunião integralista, realizada em 1933, que tinha como finalidade receber a Caravana Integralista que estava visitando várias cidades para instalar um núcleo local. Segundo afirmava o jornal *Folha da Feira*:

A propósito, nosso meio terá brevemente o prazer de ser visitado por uma honrosa caravana integralista, em cuja frente se destacarão vultos de renome da nossa capital. Serão eles os srs. Dr. Caldas Coni, chefe provincial, na Bahia; Dr. Augusto Machado, professor da Faculdade de Direito; Dr. Carvalho Filho e Dr. Herbert Fortes, escritores de mérito no meio literário baiano. Nesta ocasião o Sr. Godofredo Filho fará brilhante conferência no Theatro Santana, com a assistência do público em geral. Sua palestra será intitulada: Integralismo e a realidade brasileira. Efetuar-se-ão igualmente entusiasmados meetings em que falarão os talentosos caravaneiros<sup>86</sup>

Através dessa nota, podemos perceber que o Cine-Teatro Santana era palco de grandes reuniões políticas, já que nesse período, no Brasil, o integralismo ganhava inúmeros adeptos. De acordo com Kelman da Silva, “os principais líderes do movimento integralista em Feira de Santana foram o advogado Targino Amorim, o médico Honorato Bonfim e o dentista Juventino Pitombo”<sup>87</sup>. Estes foram figuras de grande expressividade em Feira de Santana, principalmente o Dr. Juventino Pitombo. Porém, no final de 1935, conforme noticiou o jornal *Folha do Norte*, ocorreu a proibição na cidade feirense, como em todo o Brasil, do uso de qualquer coisa que se referisse ao integralismo, como as camisas verdes e as insígnias integralistas.<sup>88</sup> Muitos daqueles que antes se comungavam de tal perspectiva, tiveram que divulgar em público que não eram mais partidários do integralismo.

<sup>86</sup> FOLHA DA FEIRA. Uma Honrosa Caravana Integralista Visitará a cidade. Feira de Santana, 06 de novembro de 1933.

<sup>87</sup> SILVA, Kelman Conceição da. **Política e Reacomodação de Poder em Feira de Santana na Era Vargas (1930-1945)**. Monografia da graduação do curso de Licenciatura em História. Feira de Santana: UEFS, 2009, p. 51.

<sup>88</sup> CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1945)**. São Paulo:Difel, 1976.

Enfim, umas séries de eventos ocorreram nesse local, possibilitando os diversos tipos de relações, desde aspectos relacionados ao cotidiano cultural da cidade até acontecimentos de grande repercussão política. O Cine-Teatro Santana foi um espaço que carregava a representação de ser um lócus difusor de modelos a serem seguidos, e evidentemente que para os intelectuais e políticos que fomentavam tais eventos, de disseminar suas ideias, seus modelos. Projetavam-se, assim, diante da sociedade feirense, pois estas pessoas aumentavam seu carisma, ou seja, lhes rendiam um capital simbólico<sup>89</sup>, que se desdobravam nas mais diversas formas, pois estes poderiam estender ainda mais os seus campos de influência.

O Cine-Teatro ainda apresentava outro ponto interessante, que enfatiza o seu caráter multifacetado, diz respeito às redes de solidariedades estabelecidas em parceria com algumas instituições, como o Grêmio Rio Branco e a Santa Casa de Misericórdia; e também em prol de vários estabelecimentos, a exemplo do Asilo de Nossa Senhora de Lourdes, do Monte Pio dos Artistas Feirenses, das filarmônicas, dentre outros. Essa rede de solidariedade, por sua vez, permite pensar como as relações estabelecidas entre essas instituições contribuíam para que existisse uma manutenção material e simbólica dessas formas de lazer e de entretenimento, ao passo que consolidava o Cine-Teatro Santana como um espaço de interseção dessa rede.

A atividade filantrópica já existia muito antes do período por nós estudado, e o Cine-Teatro Santana, quando apenas funcionava como teatro, registrava eventos de ordem benéfica. Lembremos que em torno desse Cine-Teatro gravitavam grupos amadores (literários e dramáticos) locais que promoviam espetáculos benéficos, em prol de diversas instituições da cidade. Conforme nos informa Maria Izabel da Silva:

O Teatro Santana, apresentava-se em princípio, como uma ambiente de caráter lúdico. Essa dimensão, entretanto, logo seria ‘enriquecida’ com as preocupações educacionais, por assim dizer, atribuídas às artes cênicas, bem como por uma preocupação com uma atuação filantrópica do teatro.<sup>90</sup>

Com o processo de fusão, algumas das exibições de filmes, também revestiam sua renda para fins filantrópicos, dando uma continuidade no desenvolvimento de ações benéficas. De acordo com Raimundo Fonseca, a “receptividade do cinema entre os baianos fez com que a exibição de filmes fosse utilizada nas mais variadas campanhas benéficas”<sup>91</sup>. Em Feira de Santana, o Cine-Teatro Santana promovia exibições benéficas em prol da

<sup>89</sup> BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

<sup>90</sup> SAMPAIO, Maria Izabel da Silva. **Dimensão Social do Teatro em Feira de Santana (1892-1912)**. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. Feira de Santana, UEFS, 2000, p. 35 e 36.

<sup>91</sup> FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo Fita: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador”, 1897-1930**. Salvador: EDUFBA Centro de Estudos Baianos, 2002, p. 110.

Santa Casa de Misericórdia, da Sociedade Monte Pio dos Artistas Feirenses, Asilo de Nossa Senhora de Lourdes, das igrejas da cidade, dos times de futebol, das filarmônicas, entre outras instituições.

Para melhor entendermos essas redes de solidariedade, fizemos uma divisão desses eventos benfeicentes conforme o tipo de instituições beneficiadas, sendo o Cine-Teatro o responsável ou não pela iniciativa filantrópica, visto que nas apresentações teatrais este espaço também contribuía para que acontecessem. Assim, temos os eventos que beneficiavam as instituições religiosas, as assistencialistas e as instituições culturais.

As atividades filantrópicas faziam parte das atividades das instituições religiosas da cidade, pois a caridade era considerada uma virtude de um bom cristão; por isso mesmo, estas instituições são uma das mais beneficiadas pelos diversos eventos: apresentações teatrais, espetáculos musicais, exibições de filmes e quermesses. Através das fontes, identificamos algumas instituições favorecidas, destacando-se: as confrarias religiosas, como a Confraria de Nossa Senhora do Rosário, que aparece citada no jornal *Folha do Norte* de 1922, sendo beneficiada com a exibição do filme *O Impostor*<sup>92</sup>; as igrejas da Matriz e do Sr. Dos Passos, ambas favorecidas por um programa variado de atividades filantrópicas; e a Festa de Santana, que ficava em primeiro lugar em números de eventos e doações.

Para os festejos da padroeira, assim como para obras das igrejas, encontramos nos jornais a realização de quermesses, bailes realizados pelas filarmônicas, recitais promovidos pelos professores e alunos da Escola Normal e do Ginásio Santanopólis, as exibições de filmes e espetáculos teatrais promovidos pelo Taborda e pelo Grêmio Salles Barbosa. Em 1932, o *Folha do Norte* publicou o balancete referente a um espetáculo realizado pelo grupo Salles Barbosa em prol da Festa de Santana, realizado no Cine-Teatro Santana<sup>93</sup>. Através das informações de balancetes e de outras notícias do jornal, foi possível verificar que o grupo de amadores ficava encarregado da apresentação e o custo com figurinos e outras questões; a comissão da festa se encarregava de vender os ingressos, providenciar a venda de bebidas e salgados para a apresentação; e geralmente, os donos do cinema cediam o espaço para eventos dessa natureza, ou quando cobravam algum valor era por questões de custo de infraestrutura, como por exemplo, a iluminação.

No *Folha do Norte* de 1934, encontramos uma nota sobre um festival infantil realizado no Cine-Teatro, em prol das obras da Igreja do Senhor dos Passos:

<sup>92</sup> FOLHA DO NORTE. **Cine Santana.** Feira de Santana, 04 de novembro de 1922.

<sup>93</sup> FOLHA DO NORTE. **Festa de Santana.** Feira de Santana, 16 de abril de 1932.

Foi, em verdade, magnífico o festival infantil organizado pela exma. Sr. D. Anna Pereira Ramos em beneficio das obras da Igreja do Senhor dos Passos, realizado no domingo último no Teatro Santana, desta cidade. O programa, bem interpretado, constou de vários números de música regional, tipicamente brasileira executados ao piano pelo menino Eduardo Ramos Silva e pelo canto das meninas Annvay Assis, Nadir Ramos, Valdir Andrade, Lycia Ramos e Aydil Pinheiro. (...). Então, pois, de parabéns quantos tomaram parte no delicioso festival, inclusive sua dedicada organizadora pelo êxito do empreendimento.<sup>94</sup>

Verificamos, desse modo, que não somente grupos específicos realizavam eventos benéficos, encontramos também iniciativas privadas que também contribuíram para que a rede de solidariedade se constituíssem um exemplo para a sociedade feirense. Cabe ressaltar que a organizadora do evento foi D. Anna Ramos, que no decorrer da nota foi parabenizada pelo sucesso do evento, e isto foi outro aspecto que devemos pontuar, a participação feminina nessas ações benéficas.

As mudanças ocorridas no fim do século XIX e início do século XX possibilitaram que as mulheres fossem se inserindo nos espaços públicos. As mulheres de elite e de setores médios encontraram nas atividades assistencialistas um caminho para essa inserção num espaço até então considerado masculino. Sobre isto, Márcia Maria Leite afirma que:

A filantropia, tal como magistério, fora uma área de atuação culturalmente designada às mulheres, por estar de acordo com suas capacidades físicas, intelectuais e emocionais. A despeito do seu valor social, o trabalho caritativo reforçava os estereótipos construídos por uma visão tradicional dos papéis femininos.<sup>95</sup>

Assim, as atividades filantrópicas estendiam para os espaços públicos ações que eram consideradas próprias do temperamento feminino, enquanto atributos de uma boa cristã: “caridade e o zelo”, no caso do assistencialismo. Cristiana Ramos, ao falar das mulheres de elite feirense e da atuação destas no Asilo de Nossa Senhora de Lourdes, destaca que o “trabalho filantrópico era mais uma possibilidade de entrar no cenário público, sociabilizando-se”<sup>96</sup>. Uma prova disso era atuação do Núcleo da União Noelista, que realizava apresentações teatrais e recitais em prol, principalmente, das órfãs do Asilo de Nossa Senhora de Lourdes, e também em prol de outras instituições, como a Santa Casa de Misericórdia.

Conforme Cristiana Ramos, as Noelistas “eram um grupo de moças, geralmente solteiras, católicas e alfabetizadas, que seguiam uma orientação do grupo original fundado na

<sup>94</sup> FOLHA DO NORTE. **O Festival Infantil de Domingo Último**. Feira de Santana, 17 de março de 1934.

<sup>95</sup> LEITE, Márcia Maria Barreiros. **Educação, Cultura e Lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930**. (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA. 1997, p. 110.

<sup>96</sup> RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. **Timoneiras do Bem na Construção da Cidade Princesa: Mulheres de Elite, Cidade e Cultura (1900 – 1945)**. (Dissertação de mestrado). Santo Antônio de Jesus: UNEB, 1992, p. 8.

França, que tinha por objetivo ações de caridade”<sup>97</sup>. Ainda de acordo com a mesma, o grupo feirense não estava subordinado ao Asilo de Nossa Senhora de Lourdes, e geralmente as reuniões eram realizadas na casa da líder de cada ano. No *Folha do Norte* de 1924, encontramos uma notícia sobre uma festa noelista, onde foram identificadas algumas pessoas pertencentes a esse grupo, que, na sua maioria, eram professoras, assim temos: a professora Maria Mathilde Pinto como presidente, a vice D. Maria de Lemos Bastos, a professora Marilia de Souza como secretária, e Fabiola Vital como tesoureira, entre outras.

Alguns espetáculos eram realizados no Asilo de Nossa Senhora de Lourdes, outros eram apresentados nos palcos do Cine-Teatro Santana. Verificamos que tais espetáculos constavam geralmente de duas partes, na primeira eram encenados uma peça de cunho religioso e, na segunda parte, elas faziam uma apresentação musical em formato de coral, executando musicas religiosas, clássicas e também composições locais. Foi o que se pode verificar em um dos eventos:

O remodelado Teatro Santana refertou-se para o atraente espetáculo de terça-feira, empreendido e realizado pelo operoso Núcleo das Noelistas desta cidade, em benefício da Santa Casa de Misericórdia. (...) Representou-se a tragédia sacra *Jesus*, de Menotti Del Picchia, cujo desempenho em conjunto satisfez a vultosa assistência e mereceu muitos aplausos. Constou a segunda parte do festival de vários cantos.<sup>98</sup>

Salientamos que não citamos as noelistas quando nos referimos aos grupos dramáticos amadores por entender que estas mulheres, com as suas apresentações, tinham por objetivo central a arrecadação de doações para as suas atividades filantrópicas e não as atividades teatrais.

Outras instituições beneficiada por espetáculos e exibições de filmes eram aquelas de caráter assistencialista, como a Santa Casa de Misericórdia e a Sociedade Monte Pio dos Artistas Feirenses. O fato da Santa Casa de Misericórdia ser a dona do prédio onde funcionava o Cine-Teatro Santana contribuía para que sempre houvesse uma sessão em benefício da mesma. Mas a questão também foi que à frente dessas instituições estavam pessoas influentes da cidade, como, por exemplo, o deputado Arnold Silva, que também matinha relações com as outras instituições fomentadoras de ações benéficas. Assim, quase todo mês, era comum a realização de algum evento em benefício da Santa Casa de Misericórdia ou do Monte Pio. Ao término da nossa apresentação das instituições culturais,

<sup>97</sup> RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. **Timoneiras do Bem na Construção da Cidade Princesa: Mulheres de Elite, Cidade e Cultura (1900 – 1945)**. (Dissertação de mestrado). Santo Antônio de Jesus: UNEB, 1992, p. 8.

<sup>98</sup> FOLHA DO NORTE. **O Festival artístico das Noelistas**. Feira de Santana, 02 de setembro de 1933.

retomaremos a questão de como algumas pessoas influentes articulavam uma teia de relações entre essas instituições, como o referido Arnold Silva.

Entre as instituições culturais havia uma rede de solidariedade muito grande, posto que estavam envolvidas nessa relação de beneficência mútua as filarmônicas, os grêmios dramático, o grêmio literário, os clubes carnavalescos e os times de futebol, incluindo o Cine-Teatro Santana. Estes faziam os diversos eventos que contribuíam para manter essas instituições financeiramente por conta das arrecadações, que possibilitavam também manter o prestígio das mesmas perante a sociedade feirense, como também contribuíam para que o cotidiano do lazer na cidade fosse mais dinâmico.

O Grêmio Rio Branco, as filarmônicas (Vitória, Euterpe e a 25 de Março), juntamente com Cine-Teatro Santana, realizavam eventos que favoreciam os times de futebol, como também os clubes carnavalescos. O Grêmio organizava quermesses com sorteios de brindes para conseguir maiores doações; as filarmônicas tocavam gratuitamente nos eventos solicitados pelos clubes carnavalescos, que realizavam bailes com objetivo de conseguir os recursos para a confecção das fantasias; o Cine-Teatro, às vezes, disponibilizava o espaço para os eventos, como também proporcionava exibições benéficas<sup>99</sup>. É o que se verifica na seguinte nota: “em benefício do novo clube de futebol que acaba de ser fundado nesta cidade (...), será exibido amanhã, no Cine-Teatro Santana, a importante película intitulada Sagrado Dilema”<sup>100</sup>.

Os grupos dramáticos Taborda e o Salles Barbosa faziam apresentações em benefício das filarmônicas da cidade, que por sua vez, também realizavam apresentações no Cine-Teatro em prol também desses grupos dramáticos. Em 1932, foi noticiado no *Folha do Norte* a realização de um espetáculo dramático em prol da 25 de Março, com a apresentação do espetáculo “*A Vindicta*”, realizado pelo Grupo Salles Barbosa<sup>101</sup>. Nas atas da Filarmônica 25 de Março, encontramos menção às relações tecidas entre esses grupos dramáticos e a referida filarmônica. Na ata de 07 de março de 1932, encontramos um trecho referente à apresentação citada anteriormente: “Tendo o grupo Salles Barbosa efetuado em 25 de setembro em benefício a esta sociedade e qual produziu inteira satisfação ficando constatado na presente

---

<sup>99</sup> Ver pag. 152, anexo A: um reclame que informa uma exibição do filme A Patrulha Perdida, em benefício do time America Sport Club.

<sup>100</sup> FOLHA DO NORTE. **O espetáculo em benefício do Bangú.** Feira de Santana, 25 de julho de 1936.

<sup>101</sup> FOLHA DO NORTE. **O festival dramático de 25 de setembro.** Feira de Santana, 10 de setembro de 1932.

ata um agradecimento muito sincero que faz a diretoria desta sociedade”<sup>102</sup>. Em outra ata, o Taborda foi citado: “um ofício do Grêmio Dramático Taborda, solicitando um convite para uma tocata mediante um sorteio, sendo que esta sociedade aceita mediante determinadas oportunidades referentes à data, (...), mediante a um prévio aviso ou requerimento”<sup>103</sup>. Porém nessa ata foi o grupo dramático que solicitava a participação em um evento. Essa, por sua vez, colocava as condições para a realização do evento: avisar com antecedência a data, de modo que não conflitasse com as atividades realizadas pela filarmônica.

Todos os meses o Cine-Theatro Santana destinava algumas exibições para favorecer às diversas instituições, tanto nos jornais quanto nos reclames eram citadas instituições de todas as esferas (religiosa, assistencialista, cultural). Ver, por exemplo, o anúncio de evento em benefício da 25 de Março:



Figura 12: Anúncio do Cine-Theatro Santana.

Assim, o Cine-Theatro Santana foi um centro de entretenimento da cidade feirense, um local de confluências de sociabilidades, um espaço de interseção dessas redes de solidariedades entre as instituições elencadas no decorrer do texto, que, ao valorizarem esses

<sup>102</sup> Ata do Conselho Administrativo da Sociedade Filarmônica 25 de Março. Feira de Santana, 07 de outubro de 1932. Acervo do CEDOC/UEFS.

<sup>103</sup> Ata do Conselho Administrativo da Sociedade Filarmônica 25 de Março. Feira de Santana, 10 de novembro de 1932. Acervo do CEDOC/UEFS.

laços de assistência, projetavam para si e as demais envolvidas a estima e o reconhecimento da sociedade feirense, principalmente da elite, grupo do qual a maioria fazia parte.

As instituições beneficiadas não eram apenas que angariavam capital simbólico dentro dessa rede de solidariedade, como foi dito anteriormente, algumas pessoas articulavam seus próprias redes de relações, participando dessas instituições, com o intuito de promover seus interesses (social, político, econômico). Assim, encontramos citados políticos como Arnold Silva e Eduardo Frôes da Mota, e também o Dr. Gastão Guimarães, entre outros. Estes atuavam diretamente como membros dessas instituições, exercendo, muitas vezes, o cargo de diretores; ou mesmo indiretamente, apenas estabeleciam contato. Estas personalidades ao se envolverem em ações políticas, sociais, culturais e religiosas, possibilitava a atuação em diversos espaços e com as pessoas dessas instituições, aumentavam seu carisma e prestígio, tecendo relações de poder e influência nas diversas esferas.

Arnold fora intendente da cidade de 1924 a 1927 e se elegeu deputado federal em 1933; Eduardo Frôes da Mota foi nomeado prefeito em 1944; e o Dr. Gastão Guimarães consolidou seu nome na cidade atuando em diversos campos, na saúde, na Santa Casa de Misericórdia, na educação, trabalhando na Escola Normal e no Ginásio Santanópolis, na cultura, através do Grêmio Rio Branco, da Filarmônica Vitoria, e no incentivo aos esportes na cidade, em especial o futebol. De acordo com Bourdieu, o carisma ou prestígio conseguido em determinados campos pode ser convertido em capital cultural e/ou em capital econômico, esse poder simbólico conseguido através das interações sociais acabam se impondo e legitimando as representações do indivíduo, visto que adquiriu o capital simbólico.<sup>104</sup>

Vimos que as diversas sociabilidades produzidas no Cine-Teatro se relacionavam com as perspectivas de modernização e civilidade idealizadas pelas elites locais para Feira de Santana, com o interesse de difundir modelos de comportamentos coerentes com tais perspectivas. Identificamos também a variedade de eventos ocorridas no palco do Cine-Teatro Santana, eventos estes que não se restringiram ao campo das diversões, caracterizando-se como espaço multifacetado, que possibilitava a integração das mais variadas agremiações. Este não foi um espaço frequentado apenas pelas elites, mas também pelos setores menos abastados da sociedade feirense, que reinventavam o cinema nas “segundas-feiras populares”.

De 1919 até 1945, o Cine-Teatro Santana com seus altos e baixos, era a única casa de diversões do gênero, caracterizado-se também por ser um espaço multifacetado, no qual não

---

<sup>104</sup> BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

somente relações socioculturais eram realizadas, como também as relações políticas. Como foi discutido anteriormente, várias atrações se apresentaram no palco do Cine-Teatro, assim como diversos filmes com as grandes estrelas de Hollywood foram exibidos em sua tela. As questões de civilidade e incivilidade conflitavam em suas sessões, seja elas aos domingos “chic” ou nas segundas-feiras populares. Porém, em 1946, o Cine-Teatro Santana deixa de ser a única e principal casa de diversões da cidade, pois um novo Cine-Teatro foi inaugurado:

Inaugura-se amanhã, nesta cidade, o Cine-Teatro Iris, considerado o melhor do estado e dos melhores do norte do Brasil. Ressentia-se a Feira, já há muitos anos, de um estabelecimento dessa ordem, mas não perdeu pela espera. Adquire agora, uma casa de espetáculos condigna do seu progresso ininterrupto e de seu desenvolvimento crescente.<sup>105</sup>

Percebemos nesse momento que quem receberia os signos do progresso e da civilidade não era mais o Cine-Teatro Santana, caberia ao Cine-Teatro Iris cumprir esse papel. De acordo com o Sr. Hélio, o novo cinema era enorme, com diversas acomodações, banheiros bem estruturados e de aparência fina; em suas palavras, a “sonorização era moderna, e ninguém queria ir ao Cine-Teatro Santana”, e que para frequentar o novo cinema era necessário estar bem vestidos<sup>106</sup>. Na perspectiva do depoente, o “Iris era uma novidade fantástica para o período, era uma casa de espetáculos que fazia juz, às melhores casas da capital”.

Assim, o Cine-Teatro Santana que estruturalmente tinha suas limitações, pois era um prédio antigo do final do século XIX, que passará por algumas reformas, mas que não possuía sanitários, fato que ocasionava aos frequentadores o uso do beco ao lado do cinema como uma forma de aliviar suas necessidades fisiológicas. O fato é que, conforme as percepções do Sr. Hélio, o público do Santana foi migrando para o Iris. O Cine-Teatro Santana, ainda mudou sua fachada, tentando ter um aspecto mais moderno, na tentativa de ter o sucesso obtido em outras épocas. No entanto, a falta de investimento para a modernização dos equipamentos e a forte concorrência do Cine-Teatro Iris não possibilitaram ter o sucesso de antes, o Cine-Teatro Santana funcionou precariamente, como nos informou o Sr. Hélio, até o momento que deixou de abrir suas portas. Mas não tardou o Iris ser alvo de reclamações, assim como o Santana.

---

<sup>105</sup> FOLHA DO NORTE. **CINE-TEATRO IRIS.** Feira de Santana, 30 de março de 1946.

<sup>106</sup> Entrevista concedida em setembro de 2011.



**Figura 13: Nova Fachada do Cine-Teatro Santana.**

No mesmo ano de sua inauguração uma nota do *Folha do Norte* reclamava dos frequentadores que fumavam no ambiente e também do público das gerais que cometiam comportamentos incompatíveis “com a Feira civilizada”<sup>107</sup>. O espaço era outro, com uma roupagem mais moderna, porém determinados hábitos continuavam a existir, as sociabilidades conflitivas que outrora aconteceram no Cine-Teatro Santana passaram a ocorrer no Cine-Teatro Iris, estas migraram juntamente com os frequentadores do antigo cinema da Rua Direita.

Porém, não podemos perder de vista a importância que o Cine-Teatro Santana teve na constituição de sociabilidades na esfera das diversões, sendo um espaço de interseção com outras instituições da cidade e, por isso mesmo, estava inserido nas relações de poder, na difusão de visões de mundo, na atribuição de capitais simbólicos para alguns grupos da sociedade feirense. E também, ambiente onde as contradições de uma cidade que se pretendia princesa alternavam em momentos de civilidade (as sessões para as famílias) e momentos que transgredia essa lógica (as sessões populares), sendo que os protagonistas destas contradições pertenciam aos diversos segmentos sociais. Este era o Cine Teatro Santana!

---

<sup>107</sup> FOLHA DO NORTE. “Cine-Teatro Iris”. Feira de Santana, 01 de junho de 1946.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação procuramos esboçar o cenário das diversões na urbe feirense, a partir das filarmônicas, dos grêmios lítero-drâmaticos, dos circos, da prática do futebol e, principalmente, do Cine-Teatro Santana, dentro de um contexto de uma modernização incipiente, em que os principais alvos eram as mudanças na infraestrutura da cidade e, também, a inserção de sociabilidades mais urbanas.

Analizando o período de 1919-1946, foi possível perceber os conflitos existentes no campo das diversões, refletindo as contradições da sociedade feirense, a qual se encontrava na interseção de elementos rurais e urbanos. Além disso, as representações do que era tido como civilizado ou tido em contraposição a este ideal, estabeleciam uma relação de poder, tentando através da difusão desses valores consolidar uma identidade social da cidade relacionada aos ideários progressistas, traduzida na imagem de “Princesa do Sertão”.

Na perspectiva de entendermos uma parte do universo das diversões em Feira de Santana, cabe pontuarmos que a cidade tinha uma dinâmica de lazer específica, diferentemente da efervescência que ocorria nas grandes capitais. Sendo a Rua Direita, atual Conselheiro Franco, no período em questão, o coração do lazer e entretenimento da urbe feirense.

Algumas dessas agremiações de lazer estavam mais associadas às elites, como as filarmônicas e os grêmios líteros-dramáticos, desenvolvendo atividades que auxiliavam a difusão dos ideais de civilidade. Eram, portanto, espaços onde os grupos sociais interagiam no sentido de estabelecer relações não apenas culturais, mas políticas, que lhes garantissem algum tipo de prestígio. Outras eram diversões que não se restringiam a um só grupo social como o futebol e o circo, mas que eram marcadas pela distinção social e, também pela resignificação realizadas pelos vários sujeitos que consumiam esses divertimentos.

Depois observamos que o “principal centro de diversões da urbe” (1919-1945), o Cine-Teatro Santana, era um espaço de entretenimento multifacetado, realizando diversos eventos, como: espetáculos teatrais diversos, exibições de filmes, apresentações de grupos musicais, números circenses, palestras e alguns acontecimentos políticos. Para além de uma casa de espetáculos, o Santana articulava relações socioculturais, políticas e econômicas, que contribuíam para manter uma rede de solidariedade entre as diversas instituições. No papel de difusor dos ideais de civilidade e progresso, refletia as tensões que estavam posta na sociedade vigente, pois de um lado havia as sessões “*chics*” dos domingos, tidas como

requintadas, e do outro lado aconteciam “as segundas populares”, barulhentas e transgressoras.

O fato é que até o ano de 1945, o Cine-Teatro Santana reinou pleno com o título de principal centro de diversões da cidade, símbolo de uma época em que as velhas práticas incorporavam sociabilidades novas. Esse cenário das diversões começou a sofrer transformações a partir da inauguração de outras casas de diversões. Em 1946, o Santana começa a sofrer a dura concorrência do Cine-Teatro Iris, com uma infraestrutura moderna para os padrões da época. E, assim, a tradicional casa de entretenimento viu seu público migrar aos poucos para o novo Cine-Teatro. No mesmo ano do Iris, surgiu o Cassino Irajá, que no seu anúncio de divulgação era intitulado como uma casa de diversões compatíveis com o progresso da cidade. Contudo, na festa de inauguração com cinco atrações, entre elas grupos de dança, banda de músicos e cantores.<sup>108</sup>

Quem também acabou passando por mudanças foram as filarmônicas, que começaram a perder influência, visto que os bailes da cidades, que na maioria das vezes ocorriam em suas sedes, passaram ser realizados em outros ambientes, a exemplo do Feira Tênis Clube, inaugurado em 1947, e também no espaço do Colégio Santanópolis.

Ressaltamos, ainda, que parte das atividades desenvolvidas pelos grêmios líteros-dramáticos foram desde a década de 1930, incorporadas pelos grupos de estudantes da Escola Normal e, principalmente, pelos alunos do Ginásio Santanópolis. Estes últimos, no de 1935 fundaram o Grêmio Lítero-esportivo Santanópolis, com o objetivo de desenvolver atividades intelectuais e esportivas, associados aos aspectos do civismo e do progresso.

O que aconteceu foi que a cartografia das diversões em Feira de Santana foi se deslocando da Rua Direita para as imediações da Avenida Sr. dos Passos, tida como a mais moderna no período em questão. Descentralizando as atividades de entretenimentos que estavam em sua maioria centradas na Rua Direita. A este processo de deslocamento assinalamos mudanças socioculturais e políticas que mereceriam ter um maior aprofundamento das questões. Porém, nos limitamos apenas a identificá-las, para quem sabe mais adiante analisar com mais acuidade essa outra realidade que se configurou na cidade.

Por fim, entendemos que as discussões desenvolvidas até aqui, juntamente com o diálogo estabelecido com referencial teórico e com a revisão bibliográfica, nos possibilitaram entender um pouco do cenário das diversões na cidade de Feira de Santana, em especial, do papel do Cine-Teatro Santana neste contexto. Todavia, é importante pontuarmos que as discussões realizadas é uma interpretação sobre a temática cultural por nos tratada, que por

---

<sup>108</sup> FOLHA DO NORTE. A Inauguração do Cassino Irajá. Feira de Santana, 23 de fevereiro de 1946.

sua vez, foi fruto de um processo de escolha, de quais aspectos discutir, e por isso mesmo, carrega as suas limitações. Sendo assim, não achamos que essa temática se encerra aqui, aliás poderíamos falar no plural, as temáticas, visto que cada de tipo de diversão em si mereceriam um trabalho de dissertação.

## FONTES

### 1. PERIÓDICOS:

Folha do Norte 1919 – 1946. (Acervo do Museu Casa do Sertão/UEFS).

Folha da Feira 1932, 1933, 1934 e 1935. (Acervo do Museu Casa do Sertão/UEFS).

Revista Serpentina, Ano I, nº. 1, /abril 1941. (Acervo do Museu Casa do Sertão/UEFS)

### 2. DOCUMENTAÇÃO OFICIAL:

Livro de Ata de Assembleia Geral da Filarmônica Euterpe Feirense, 1921 - 1950. (Acervo da Sociedade Filarmônica Euterpe Feirense).

Livro de Ata de Assembleia Geral da Sociedade Filarmônica 25 de Março, 1930 - 1940. (Acervo do CEDOC/UEFS).

Livro de Ata do Conselho Administrativo da Sociedade Filarmônica 25 de Março, 1930 - 1940. (Acervo do CEDOC/UEFS).

Livro de Tombo I da Catedral de Santana, (1930-1950). (Acervo da Secretaria do Arcebispo).

Código de Posturas do Município de Feira de Santana, 1937. (Acervo do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana).

### 3. LITERATURA E MEMÓRIAS:

BOAVENTURA, Alberto Alves. **Opúsculo de Cânticos – Poemas**. Feira de Santana, 1973.

BOAVENTURA, Alberto Alves. **Cronifatos**. Feira de Santana, 1983.

BOAVENTURA, Alberto Alves. **Estórias e Fatos (prosas) – Troar de Ilusões (poemas)**. Feira de Santana, 1980.

BOAVENTURA, Eurico Alves. A Cidade do Silêncio e da Melancolia. In: **A Paisagem Urbana e O Homem: Memórias de Feira de Santana**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Poesias**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1991.

BOCCANERA JÚNIOR, Silio. **Os Cinemas da Bahia. 1897-1918**. Salvador: Edufba, 2007.

GODOFREDO FILHO. Feira de Santana. In: **Irmã Poesia: Seleção de poemas (1923-1986)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Secretaria de Estado da Educação e Cultura da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 1986.

LAJEDINHO, Antônio de. **A Feira na década de 30**. Feira de Santana, 2004.

#### 4. DOCUMENTAÇÃO PUBLICITÁRIA:

Reclames do *Cine – Teatro Santana*, 1927 – 1946. (Acervo do Museu Casa do Sertão/UEFS).

Reclame do Cine – Teatro Santana, 1928. (Acervo do Arquivo do Jornal Folha do Norte).

Reclame do *Circo Riso do Norte*, década de 1940. (Acervo do Museu Casa do Sertão/UEFS).

Reclame do *Cirkus Fekete*, década de 1940. (Acervo do Museu Casa do Sertão/UEFS).

Reclame do *Circo Hawai*, década de 1940. (Acervo do Museu Casa do Sertão/UEFS).

#### 5. FONTES ICONOGRÁFICAS:

Foto do salão nobre da cidade extraída do livro Memória Fotográfica de Feira de Santana. Fonte: GAMA, Raimundo. **Memória Fotográfica de Feira de Santana**. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994, p. 41. (Acervo do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana).

Foto do Estádio Leolindo Ramos entre as imediações da Avenida Senhor dos Passos e a Rua Marechal Deodoro, fazendo fronteira com o Asilo de Nossa Senhora de Lourdes. Fonte: GAMA, Raimundo. **Memória Fotográfica de Feira de Santana**. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994, p. 211. (Acervo do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana).

Foto da Sede da Sociedade Filarmônica Vitória, situada na Rua Conselheiro Franco. Fonte: GAMA, Raimundo. **Memória Fotográfica de Feira de Santana**. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994, p. 200. (Acervo do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana).

Foto da Banda da Sociedade Filarmônica 25 de Março e sua diretória, na solenidade de inauguração do fardamento em setembro de 1940. Fonte: GAMA, Raimundo. **Memória Fotográfica de Feira de Santana**. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994, p. 206. (Acervo do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana).

Foto da fachada do Cine-Teatro Santana extraída do livro Memória Fotográfica de Feira de Santana. Fonte: GAMA, Raimundo. **Memória Fotográfica de Feira de Santana**. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994. (Acervo do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana).

Foto da inauguração do prédio, em 1926. Fonte: FOLHA DO NORTE. **Inaugurações de Hoje**. Feira de Santana, 03 de abril de 1926. (Acervo do Museu Casa do Sertão/UEFS).

Foto da primeira formação do Taborda. Fonte: FOLHA DO NORTE. Feira de Santana, 08 de junho de 1912. (Acervo do Museu Casa do Sertão/UEFS).

Imagen de divulgação da apresentação do ilusionista. Fonte: FOLHA DO NORTE. **Cine Teatro Santana**. Feira de Santana, 20 de julho de 1935. (Acervo do Museu Casa do Sertão/UEFS).

Foto interna do Cine-Teatro Santana. (Acervo particular do pesquisador Carlos Mello).

Foto da apresentação de grupos amadores. (Acervo particular do pesquisador Carlos Mello).

## 6. Fontes Orais:

Sr. Pedro – 86 anos - militar aposentado - entrevista realizada em Feira de Santana, janeiro de 2011.

Sr. Hélio – 82 anos – advogado - entrevista realizada em Feira de Santana, setembro de 2011.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- ALMEIDA, Oscar Damião de. **Dicionário Personativo, Histórico e Geográfico da Feira de Santana**. Feira de Santana: Aliança Editora, 1998.
- BARBARA, Reginilde Rodrigues Santa. **O caminho da autonomia na conquista da dignidade: Sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana – Bahia (1929-1964)**. (Dissertação de mestrado). Salvador: UFBa, 2007.
- BATISTA, Silvana Maria. **Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana (1930-1950)**. (dissertação de pós-graduação em Teoria e Metodologia da História). Feira de Santana: UEFS, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas).
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- BOURDEAU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1945)**. São Paulo: Difel, 1976.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinar**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988.
- CRUZ, Heloisa de Faria. A cidade do Reclame: Propaganda e periodismo em São Paulo – 1890/1915. In: In: **Projeto de História**. São Paulo: Editora da PUC-SP, nº 13, p. 90 e 91/junho/96.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. “Você me conhece?” Significados do carnaval na Belle Époque carioca. In: **Projeto de História**. São Paulo: Editora da PUC-SP, nº 13, p. 93-108/junho/96.
- DIEHL, Astor A. **A Cultura Historiográfica: Memória, Identidade e Representação**. Bauru: EDUSC, 2002.

- DÓREA, Juraci. Eurico Alves e a Feira de Santana. In: GODET-OLIVIERI, Rita (org.). **A poesia de Eurico Alves: Imagens da Cidade e do Sertão**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.
- DUARTE, Regina Horta. **Noites Circenses: Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- FOSECA, Raimundo Nonato da Silva. “**Fazendo fita**”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897 – 1930. Salvador: EDUFBA – CEB, 2002.
- FRANCO, Aninha. **O Teatro na Bahia através da imprensa – século XX**. Salvador: FCJA; COFIC; FCEBA, 1994.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses- Futebol, Sociedade, Cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GAMA, Raimundo. **Feira de Santana e Ruy Barbosa**. Feira de Santana: S. Ed., 2002.
- GAMA, Raimundo. **Memória Fotográfica de Feira de Santana**. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994.
- GOMES, Tiago de Melo. **Um Espelho no Palco: identidades sociais e massificação da cultura no Teatro de Revista dos anos 1920**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora ática.
- KROPF, Simone P. Os construtores da Cidade: o discurso dos engenheiros sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX. In: **Projeto de História**. São Paulo: Editora da PUC-SP, nº 13, p. 184/ junho/96.
- LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930**. (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBa, 1997.
- LEITE, Rinaldo C. N. **E a Bahia Civiliza-se ... Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de Modernização Urbana – Salvador (1912-1916)** Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBa, 1996.
- LEITE, Rinaldo C. N.; ROCHA JUNIOR, Coriolano P. da; SANTOS, Henrique S. Esporte, Cidade e Modernidade: Salvador. In: MELO, Victor Andrade de. (org.). **Os Sports e as cidades brasileiras: transição do século XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 213 - 239.
- LIMA, Carlos Alberto A. **Das luzes aos becos: Retratos da Rua do Meio na Feira Moderna. (1950-1967)**. (Monografia da graduação em licenciatura em História). Feira de Santana: UEFS, 2009.

- LOPES, Antônio Herculano. O Teatro de revista e a identidade carioca. In: LOPES, Antônio Herculano. (org.). **Entre Europa e África: a invasão do carioca**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000.
- MAGALHÃES, Antônio F.; SILVA, Aldo José M. ; OLIVEIRA, Clóvis Frederico R. M. **História nas lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Magalhães**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.
- MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (Org.). **Vida divertida: História do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MATTOS, João Riso Souza Liberato de. **Filarmônica Nossa Senhora da Conceição: Funções de uma banda de música no agreste sergipano no período entre 1898 e 1915**. (Dissertação de Mestrado em Música). Salvador: UFBA, 2007.
- MELLO, Carlos Alberto. **Georgina Erisman**. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos, 2007.
- MENEZES, José Rafael de. **Caminhos do Cinema**. Rio de Janeiro: AGIR Editora, 1958.
- OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em Tempos de Modernidade: Olhares, Imagens e práticas do cotidiano (1950 – 1960)**. Recife: UFP, 2008.
- OLIVEIRA, Clóvis F. Ramaiana M. **Do Empório a Princesa do Sertão: Utopias Civilizadoras em Feira de Santana, 1893-1937**. (dissertação de mestrado). Salvador: UFBA, 2000.
- OLIVEIRA, Cristiana Barbosa de. **A mulher no espaço feirense: Casa, Rua e Trabalho (1879-1930)**. (Monografia de especialização em Teoria e Metodologia da História). Feira de Santana: UEFS, 1997.
- OLIVIERI-GODET, Rita (org.). **A poesia de Eurico Alves: imagens da cidade e do sertão**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.
- PACHECO, Larissa P. Bitencourt. Notas sobre Eurico Alves e a leitura de Feira de Santana em transformação. In: SILVA, Aldo José Morais (org.). **História, Poesia, Sertão: explorando a obra de Eurico Alves**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “O Prazer das Morenas”: bailes, ritmos e identidades nos clubes dançantes da Primeira República. In: MARZANO, Andrea; MELO, Vitor Andrade de. (orgs.). **Vida Divertida: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Spot história**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 275-299.
- PESAVENTO, Sandra J. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. In **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº. 53, julho/2007.

PESAVENTO, Sandra J. **O Imaginário da Cidade - Visões Literárias do Urbano – Paris – Rio de Janeiro – Porto Alegre.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana. Salvador:** Itapoá, 1968.

RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. **Timoneiras do bem na Construção da Cidade Princesa: Mulheres de Elite, Cidade e Cultura (1900-1945).** (dissertação de mestrado). Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2007.

RAMOS, Jorge. **O semeador de orquestras: histórias de um maestroabolicionista.** Salvador: Solisluna Editora, 2011.

RUY, Afonso. **História do Teatro na Bahia.** Salvador: Livraria Progresso, 1959.

SANTANA, Charles d' Almeida. **Musicalidades Baianas: As Filarmônicas do Recôncavo.**<[http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_I/charles\\_almeida.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_I/charles_almeida.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2011.

SANTOS, Anderson de Rieti Santa Clara dos. **Música nos Coretos; Ruídos nos Palacetes: O cotidiano das Filarmônicas de Santo Amaro da Purificação – Ba (1898 – 1932).** (Monografia de Graduação em Licenciatura em História). Feira de Santana: UEFS, 2009.

SANTOS, Cátia Maria Ferreira dos. **Visões de uma Cidade: Imagens Urbanas de Feira de Santana (1929 – 1940).** (Monografia de especialização em História da Bahia). Feira de Santana: UEFS, 2004.

SANTOS, Henrique Sena dos. **Uma caixinha de surpresa: os primeiros anos do Futebol em Salvador (1901-1921).** Feira de Santana: UEFS, 2010.

SANTOS, Henrique Sena dos. **“Pugnas Renhidas”: Futebol, Cultural e Sociedade em Salvador, 1901-1924.** (Dissertação de Mestrado). Feira de Santana: UEFS, 2012.

SAMPAIO, Maria Izabel da Silva. **Dimensão Social do Teatro em Feira de Santana (1892-1912).** Monografia de especialização em Teoria e Metodologia da História. Feira de Santana: UEFS, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos freatentes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Aldo José M. **Natureza Sã, Civilidade e Comércio em Feira de Santana – Elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia 1833-1937.** (dissertação de mestrado). Salvador: UFBA, 2000.

- SILVA, Aldo José M. De Terra sã o berço da micareta: estratégias constitutivas da identidade social de Feira de Santana. In: **Revista de História Regional**. 13 (2) 104 – 133: Inverno, 2008.
- SILVA, Ermínia. A teatralidade circense no Rio de Janeiro do século XIX. In: MARZANO, Andrea, MELO, Victor Andrade de (Org.). **Vida divertida: História do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- SILVA, Kelman Conceição da. **Política e Reacomodação de Poder em Feira de Santana na Era Vargas (1930-1945)**. (Monografia da graduação do curso de Licenciatura em História). Feira de Santana: UEFS, 2009.
- SILVA, Miranice Moreira da. **De Carnaval à Micareta: Feira de Santana para além dos dias de Momo (1930-1939)**. (Monografia de Graduação em Licenciatura em História). Feira de Santana: UEFS, 2010.
- SIMAS, Adilson. **A História do Fluminense de Feira**. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos, 2009.
- SIMÕES, Kleber José Fonseca. **Os Homens da Princesa do Sertão: Modernidade e identidade Masculina em Feira de Santana (1918-1938)**. Dissertação do Curso de Pós-Graduação em História. Salvador: UFBa, 2007.
- SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da Saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.
- SOUZA, Ione Celeste. **Garotas Tricolores, Deusas Fardadas: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945**. São Paulo: EDUC, 2001.
- SOUZA, Eronize Lima. **Prosas da Valentia: Violência e Modernidade na Princesa do Sertão (1930-1950)**. (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBa, 2008.
- SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- TELES, Adriana Silva. **Presença Negra na Festa de Santana (1930-1950)**. (Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História). Feira de Santana: UEFS, 2000.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- VALENÇA, Suetônio Soares. Polca, lundo, polca-lundo, choro, maxixe. In: LOPES, Antônio Herculano. (org.). **Entre Europa e África: a invasão do carioca**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000.

ANEXO A - Reclame divulgando a exibição benficiente em prol de um time de futebol

**Patrulha PERDIDA**

GIGANTESCA SUPER-PRODUÇÃO DA R. K. O RADIO

Domingo -- 4 de Agosto -- Domingo <sup>140</sup>

AS 8 E 15 NO Cine - Sant'Anna

EM BENEFICIO DO

**"America Sport Club"**

História tragica e emocionante de uma PATRULHA PERDIDA no immenso Deserto e traçoeiramente atacada pelos arabes

**VICTOR MC LAGLEN**

Vive nesta pellicula o maior desempenho de sua gloriosa carreira artística

**BORIS KARLOFF**

O astro mil vezes consagrado nos seus papeis de alta caracterização, tem neste film um papel ligeiro é bem verdade, porem de um tragicismo incomparável

O film ascede ao auge da emoção e tragedia, quando MC LAGLEN, o ultimo sobrevivente da PATRULHA, consegue metralhar os traiçoeiros inimigos. A sua garrauada sinistra de satisfação e loucura, transporta o espectador á mais alta emoção e arrebatamento!

**Pathetico!!!!... Bello e Horivel!!!!...**

PRECEDERÁ A SUA EXIBIÇÃO ALEM DE UM JORNAL BRASILEIRO, um JORNAL FOX COM OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS NA EUROPA

**Entradas para Poltronas, 3\$000 -- Geral, 1\$500**

**Programma da Matinée:**

1º. — Jornal Brasileiro; 2º. — Jornal Fox Movietone; 3º. — Complementos; 4º. — O SEGREDO DO FORÇADO, bellissimo film da FOX

ENTRADAS A 1\$000 E 600 RS.

## ANEXO B - Reclame de Divulgação do espetáculo circense

**CIRCO RISO DO NORTE**

Armado á Praça 2 de Julho

HOJE -- às 8 e 30 -- HOJE

O Circo Riso do Norte tem o prazer de convidar as exmas. famílias desta terra para assistirem o seu

**Espetaculo de Estréa**

O CIRCO RISO DO NORTE APRESENTA  
O APLAUDIDO COMICO

**"PESTANINHA"**

que com suas piadas engracadissimas e selecionadas garante fazer rir a todos.

**"Lulú" Azevedo**

O GRANDE ACROBATA BRASILEIRO, JÁ CONHECIDO NESTA CIDADE COM SEUS NOVOS NUMEROS DE ATRAÇÃO E MAIS

15 ARTISTAS DE AMBOS OS SEXOS

**ESPETACULOS FAMILIARES**

Encerrará o espetáculo a notável comédia

**O MEDICO E O LOUCO**

**PREÇOS:**

CADEIRA NUMERADA	3\$300
PLATEA DISTINTA	2\$500
GERAL	1\$600
crianças	1\$000

Amanhã: -- Outro Sensacional Espetáculo



Editora Vaca — Rio

**ANEXO C - Reclame de divulgação do espetáculo de um circo**

**1 - UNICOS ESPECTACULOS - 1**

**GRANDE CIRKUS FEKETE**  
EMPREZA E DIRECCAO: GIOVANI FEKETE

A melhor Companhia que percorre actualmente a America do Sul  
O VERDADEIRO CIRCO EUROPEU:— Boas accommodações para o público.  
Coberto de sólido pano de lona impermeável, para garantia da Chuva.

**Hoje - ás 8,30 Estréa - Hoje**  
da Grande Companhia Internacional dos irmãos FEKETE - A mais completa organisação cireense

**TROUPE MOHAMED**



TROUPE ADABE  
**MOHAMED**  
10 MANDRINOS FENOMENAL

10 arabes marroquinos, campeões saltadores formidáveis.

**The Gustavo**  
Artistas alemães, os mais perfeitos no gênero, criadores da FONTE LUMINOSA, a mais fina criação da actualidade.

**MISTER JOE**  
Phenomenal GYMNASTA - O homem que desafia a morte no "LOOPINGS THE LOOD".

A PARTE COMICA ESTA A CARGO DO ORIGINAL E CELEBRE HUMORISTA, S. MAGESTADE **CHIMARRÃO**, em companhia do elegante artista sr. Educh e da muito sympathica D. Gazoza, os verdadeiros comicos. Rir, rir a valer rir!

MISS BETTY, famosa e elegante Balancing Jugger. — PÃO DURO e JACARE' Tonys de Soirée que farão a delicia do espectaculo.

**THE CREAT — Troup Schimakil.**

**Grandiosa ATTRAÇÃO**  
NON PLUS ULTRA

**Preços**  
Inclusive imposto  
DE CARDADE

Camarote com 4 cadeiras	24\$000
Cadeiras de 1a.	55\$000
Cadeiras de 2a.	48\$00
Platea distinta	3\$000
Geral	285\$00
1/2 Geral Creanças	rs. 185\$00

**ZE' CUPIRA**  
EM DUETOS, CANÇÕES, CATERETES E DANSAFIO AO VIOLAO. SOBERBOS NUMEROS.

**TEMPERANI**  
SEM RIVAL ARAMISTA. O UNICO QUE EXECUTA O SALTO MORTAL SOBRE O ARAME — VER PARA CRER!

**Draud Sá** — O Homem avessas - 100 voltas por minuto.

Bellissimo repertorio de DRAMAS, COMEDIAS, REVISTAS, etc. Programmas sempre variados e atraentes, pelo conjunto artístico internacional. Espectáculos de ARTE, recreativos, familiarres e todos os dias ás 8,30 DA NOITE, e MATINEE aos Domingos e feriados.

SEGUNDA PARTE: — sera Representada a maior Peça Theatral até hoje montada em Circos Brasileiros.

DRAMA EM 5 ACTOS

**LAGRIMAS DE HOMEM**

**5a. e 6a. FEIRA DA PAIXÃO** o grande Drama Sacro em 12 actos e 2 quadros:

**Martyr do Calvario**

Cu Vida, Paixão e Morte de N. S. Jesus Christo

ANEXO D - Reclame de divulgação do espetáculo circense

**CIRCO HAWAII**  
**HOJE --- HOJE**

---

*Sensacional e soberbo espectaculo em  
beneficio do Cordão Carnavalesco*

**MELINDROSAS**

que se apresta para, mais uma vez, tomar  
parte nos folguedos da chamada  
-:- Micareta feirense -:-

Os melhores numeros serão exhibidos nessa função com  
que a Companhia do Circo Hawaii vae abafar a banca

**TRABALHOS NOVOS E VARIADISSIMOS**

Como chave de ouro a empolgante e fantastica revista

**Quem é Sherlock Holmes?**

---

Tomará parte nesta função todos os artistas da  
Companhia, em despedida ao Povo Feirense, pois  
será este, definitivamente, o ultimo espectaculo

**TODOS AO CIRCO**

---

POLTRONA	2\$200
PLATEA DISTINCTA	1\$500
GERAL	1\$000

ANEXO E - Reclame que informa sobre as modificações na forma de pagamento



**ANEXO F - Reclame de divulgação do espetáculo de Lucia Montalvo**

**HOJE** Quarta-Feira  
23 DE SETEMBRO

Formidavel Espetáculo de Variedades

..... NO .....

CINE-TEATRO SANTANA

às 20 horas, em homenagem ás autoridades desta encantadora e hospitaleira Cidade

ANTONIO ALMEIDA apresentando:

**Lucia Montalvo** a embaixatriz da melodia, notável estrela da Radio de Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia

**Natercio Bastos** o poeta das Serenatas, destacado astro da Radio do Rio e Bahia

**Pequeno Otelo** o incrivel negrinho, malabarista do samba

**Grupo Pan-America**

Ingressos: Poltronas 5\$000--Estud. 3\$000--Geral 2\$000

**Lucia Montalvo** oferece á distinta Família Feirense, uma das canções de mais sucesso do seu escolhido repertorio, solicitando a sua presença no espetáculo de HOJE

.....



.....

**Perfidia**

Nadie comprende lo que sufro yo  
Canto para olvidar mi gran dolor  
Sola temblando de ansiedad estoy  
Pienso que ya no volveras

Mi bien si puedes tu con Dios hablar  
Preguntale si yo alguna vez  
Te he dejado de adorar  
I al mar espejo de mi corazon  
Las veces que me ha visto llorar  
La perfidia de tu amor

Te he buscado donde quiera que yo voy  
Y no te puedo hallar  
Para que quiero otros besos  
Si tu labios no me quieren ya besar

I tu quien sabe por donde andaras  
Quien sabe que aventura tendras  
Que lejos estas de mi!...

.....

.....

LUCIA MONTALVO

**ANEXO G - Programação do Festival Musical no Cine-Theatro Santana**

**M E L O D I A S   N o   A R**  
**— DE —**  
**S A P H I R A   P I N T O**

---

**HOMENAGEADOS:**

<i>Heraclito Dias de Carvalho Cel. Ariston Daltro Cel. Americo Pedra João Marinho Falcão Gilberto Pedreira Dr. Gastão Guimarães Dr. Jorge Watt Dr. Otto Schmidt Alexandre Falcão Oscar Marques Rodolpho Ballalai de Carvalho</i>	<i>Alvaro Moura Carneiro Hermogenes Sant'Anna Joaltino Silva Adalberto Pereira Antonio Moura Clovis Amorim Pedro Carvalho Sergio Góes José Baptista Soares Delorisano Bastos Oscar Erudilho</i>
--	---

---

**PROGRAMMA:**

I PARTE

<i>I Da-me tuas mãos por favor (fox) II Abandonado (samba) III Passarinho do relogio (marcha) IV Musica maestro! (samba) V Estás dando azar (samba) VI Plac-Plac (samba)</i>	<i>I Nostalgia II Primavera III Beijando a lua (rumba) IV Passarinho do relogio (marcha) V Joujou—Balangandans (duêto) VI Adeus Estacio (samba)</i>
--	---

II PARTE

<i>I Assim eu não posso viver (samba) II Bahia (marchinha) III Cante rumba (rumba) IV Escola de samba (samba) V Samba rasgado (samba) VI Silencio (samba)</i>	<i>I Nostalgia II Primavera III Beijando a lua (rumba) IV Passarinho do relogio (marcha) V Joujou—Balangandans (duêto) VI Adeus Estacio (samba)</i>
---	---

III PARTE

Quinta-feira, 28 de Dezembro de 1939, no

**Cine-Theatro Sant'Anna**

**ANEXO H** – Reclame de divulgação de uma *Troupe*

Julho 1943

# CINE TEATRO SANTANA

---

## 10.º E ULTIMO ESPETACULO

# NOITE DE FANTOMAS

BENEFICIO DA MESMA

*Dedicada ao Povo Feirense*

---

A TROUPE apresentando o melhor  
— de seu repertorio —

Não terá FILMES devido a extensão  
do programa escolhido para des-  
pedida onde FANTOMAS  
atenderá todos os pedidos  
— da platéa —



---

Entre as damas assistentes serão distribuídos valiosos pre-  
mios oferecidos pelo comércio local. No momento da entrega  
diremos os nomes das casas ofertantes.

---

DAMAS	\$2.00	MILITARES	\$ 1.50
CAVALHEIROS	\$3.00	GERAL	\$2.00

GRAFICA DA FEIRA

**ANEXO I – Divulgação de um filme**

# O FILHO DE FRANKENSTEIN

UMA CRIATURA PAVOROSA... CRIADA PELA LOUCA MENTE DE UM CIENTISTA VITIMA DE UMA HEREDITARIEDADE MONSTRUOSA !

**DOMINGO -- 10 DE MARÇO -- DOMINGO**

às 8 e 15 no **Cine-Sant'Anna**

EM BENEFICIO DA

## Soc. Monte Pio dos Artistas Feirenses

**O Filho de Frankenstein**

É um tema dramatico, novo, original, sensacional! Com novos e estarrecedores personagens!

NOVOS TERRORES! NOVAS EMOÇÕES!

O CORAÇÃO DE UM ENTE HUMANO EM LUTA COM A MENTE DE UM MONSTRO! IMPULSOS LOUCOS ABAFADOS PELAS SOMBRAS DO PASSADO... VENCEM FINALMENTE, PARA CRIAREM NOVOS TERRORES!

APO'S 20 ANNOS, O MONSTRO NOVAMENTE ANDA SOLTO... REVIVIDO PELO IMPULSO LOUCO DE UM CIENTISTA!

MEIO HOMEM... MEIO DEMONIO! A MANIA DE CRIADOR DE MONSTROS PASSADA DE PAE PARA FILHO... ATORMENTAVA A MENTE DE UM BRILHANTE CIENTISTA!

UMA NOVA DESGRAÇA INVADE O MUNDO! UM MONSTRO DISPOSTO A TUDO DESTRUIR, CRIADO PELA MENTE ATORMENTADA DE UM GENIO.. LUTANDO ENTRE IMPULSOS HUMANITARIOS E A MANIA CRIADORA DE MONSTROS!

**Terror criado... adormecido durante 20 annos... solto sobre um mundo que não esperava tanta perversidade!**

**O Filho de Frankenstein**

Após 20 annos... obsessado pela mesma louca ambição que fez seu paes criar um monstro terrível que passeia somente á noite! Vêjam como êle solta este monstro destruidor num mundo que não aguardava tal surpresa!

### O ASSOMBROSO ELENCO:

O MONSTRO

Boris Karloff

YGOR

Bela Lugosi

BARAO WOLF VON FRANKENSTEIN

Basil Rathbone

KROGH

Lionel Atwill

ELSA VON FRANKENSTEIN

Josephine Hutchinson

AMELIA

Emma Dunn

PETER VON FRANKENSTEIN (4 annos de idade)

Donnie Dungan

BENSON

Edgard Norton

Direção de Rowland V. Lee -- Produção da « Nova Universal »

Entradas: 3\$000

### Programma da Matinée:

1º. — Varios Complementos; 2º. — ENIGMA A BORDO; 3º. — DICK TRACY, O DECTETIVE, 10º. e 11º. episodios. Entradas a 600 reis -- Cavalheiros, 1\$000

2º. Feira: VIVENDO AUDACIOSAMENTE com Robert Wilcox e O GUARDA VINGADOR, 9º. e 10º. episodios.

**AGUARDEM: AS 3 MENINAS ENDIABRADAS** com Deanna Durbin.

